Manchete

33 ANOS PARA ALCINO, PISTOLEIRO MÍOPE

JÂNIO: O BRASIL SÓ A PAU

BERTA ROSANOVA DANÇA NO MEIO DA RUA

N.º 234 – REVISTA SEMANAL – RIO DE JANEIRO – 13 DE OUTUBRO DE 1956 – CR$ 7,00

Maria Sônia é [illegible]ss Bangu 56

a côr "precisa" dos seus cabelos idealizada por seu cabeleireiro

ROUX
Creme
COLOR
SÒMENTE PARA USO PROFISSIONAL

Quando aparecerem os primeiros fios brancos ou quando imaginar uma côr mais atraente para os seus cabelos, tintura ROUX será a solução. ROUX, tintura creme, proporciona a tonalidade desejada. É um produto que permite clarear ou escurecer os cabelos, dando-lhes a nuance que satisfaz os caprichos os mais requintados.

ROUX, tintura creme, foi idealizada exclusivamente para uso profissional. Visite, pois, o seu instituto predileto e veja que uma aplicação com ROUX torna os cabelos radiantes e sedosos, resultando em novo encanto.

CONFIE NO SEU CABELEIREIRO

Tintura creme apresentada em tubos

Recondiciona seus cabelos enquanto tinge

Razão

Elvis Presley visitou o lugar onde nasceu. Foi uma volta gloriosa cujo registo cinematográfico acabo de ver para vocês dispondo-me a sacrificar uma crônica por uma reportagem. Armaram um tablado e ao centro puseram o microfone. Milhares de rapazes e de môças ocupavam os lugares próximos. Os poucos velhos, derrotados nos primeiros "rounds" de um "vale tudo", ainda demonstrando o efeito dos esbarros e das cotoveladas, mantinham-se a uma distância de exclusos. No ambiente denso pesava um daqueles silêncios feitos de gritos reprimidos, de expectativas estranguladas que caracterizam a proximidade de certos acontecimentos irrepetíveis. Era como se um dínamo se estivesse carregando no mais profundo mutismo. Os policiais haviam estudado um plano defensivo que traduzido numa frase seria assim: COMO EVITAR QUE OS IDÓLATRAS, NO AUGE DA SUA IDOLATRIA, REDUZAM A ALMÔNDEGAS O SEU ÍDOLO.

Êle chegou com seu instrumento a tiracolo. Lourinho, anódino, como milhões de outros garotos em "blue jean" dos Estados Unidos. Nem a pinta do gênio que os jovens nêle encontram logo, nem a do tarado que os velhos procuram encontrar, e se danam porque não encontram. O garôto "standard", visto em cada metro quadrado do país a comer seu cachorro-quente, a ler sua história em tiras e a decidir se um dia será "republicano" ou "democrata". Um branco e esportivo anjo sem asas em cujos olhos se buscará em vão a chispa dos Mozart ou a chispa dos Dillinger.

Pensem agora em Shelley chegando a Horsham para morrer, depois de colhidos no mundo todos os seus louros — a madeira do seu bêrço completando as tábuas do seu caixão mortuário. Einstein voltando à sua Ulm redemocratizada, saudoso, aflito pelo reencontro da sua curta infância de judeu errante. Alighieri de retôrno a Florença depois do exílio e depois de completada a sua obra, dando à sua cidade natal, e não a Ravenna, a honra do seu último suspiro. Assim os conterrâneos de Elvis Presley encaravam aquêle regresso ao ponto de partida, à esmagada obscuridade natal. Com sua visita parecia inaugurar-se aquêle lugar e sair das geografias para as enciclopédias uma insignificante denominação topográfica. Os olhos de Nova Iorque e de Washington se cravavam naquele retalho de pátria.

O segrêdo do sucesso de Elvis Presley não reside na voz, como o de Sinatra. Êste canta melodias românticas e tem na voz algo de HORMONIOSO, além de HARMONIOSO, que mexe com as glândulas de certas ouvintes e as leva a vertigens e crises histéricas. Os sátiros da mitologia deviam possuir um timbre semelhante e as mesmas fórmulas melódicas. Sinatra é um cantor endocrínico, e se Marañon o contratasse para a antecâmara do seu consultório a medicina não estranharia.

O garôto, ao contrário, é antimelódico, atonal, nihilista, e se liberta de tôdas as peias adotando um rebolado bárbaro semelhante a uma dança totêmica improvisada em intenção de um tótem libertador. Os velhos não o entendem, como jamais os môços poderiam entender uma pavana de senhores gastos de molejo e acovardados pelo bitolamento. Por que os jovens de todos os países ponderados e sóbrios — Inglaterra e Suécia entre êles — deliram com o mesmo rebolado e a mesma cantoria? Porque Elvis Presley liberta as novas gerações de amarras que elas sentem, não sabem onde e quais sejam. Afugenta-lhes os terrores indefinidos que talvez tenham sua raiz freudiana na explosão de Hiroshima e na visão intermitente das futuras explosões atômicas indiscriminadas. Distrai-as da sua angústia, não totalmente manifestada, mas pressaga, diante de um universo cada vez mais dividido, e de que a racha separatória de Suez se tornou um símbolo, símbolo de duas margens e de dois pensamentos inconciliáveis.

Há coisas muito profundas vindas à tona do espírito de Presley quando êle se chacoalha e se transforma numa batedeira humana de "cocktail". É preciso saber ler no que subiu do seu fundo à sua superfície — e os velhos não o podem fazer porque é característico da velhice condenar a juventude sem exame quase como uma vingança contra a impossibilidade de se voltar a ter dezoito anos.

Presley rebola e canta o que seu pensamento não pode externar e nem mesmo abranger. É uma mensagem a sua — e muitos pensam que é uma simples manifestação artística de debilidade mental, o sucesso do fácil e do errado.

Conversando há dias com um poeta cuja infância decorreu no manicômio do Juqueri — seu pai era da direção — êle me contou uma anedota. Na América há um louco entre cada dez habitantes, e o mais grave é que os nove bons de cabeça cantam as músicas que o louco compõe. Eu penso diversamente. Lá muita gente se faz de louca e canta, e saracoteia, para espalhar uma razão às vêzes inconsciente.

HENRIQUE PONGETTI

MANCHETE: Rua Frei Caneca, 511. Tels.: 32-4355 e 32-0300 — Rio de Janeiro. **Diretor:** Otto Lara Resende. **Diretor-Gerente:** Nelson Alves. **Redator-principal:** Armando Nogueira. **Chefe de reportagem:** Darwin Brandão. **Diretor de Publicidade:** Dirceu Tôrres Nascimento. Tel.: 52-0018. **Sucursal em S. Paulo:** Rua Barão de Itapetininga, 255, s. 801, 8.º, Tel.: 36-9998. **Chefe:** Daniel Linguanotto. **Publicidade:** Décio C. Silva.

BLOCH EDITÔRES S. A. — Presidente: Adolpho Bloch. **Diretor:** Arnaldo Bloch. **Diretor-Superintendente:** Oscar Bloch Sigelman.

SUMÁRIO

O destino de um pistoleiro míope 6
O bom cachorro tem dono amestrado 12
Jânio: governar no Brasil só a pau 24
O mar vai engolir Copacabana 34
Dez paulistas julgam um mineiro 44
Berta Rosanova dança no meio da rua 50
O'Neil dá nomes ao "sex-appeal" 62
Maria Sônia é Miss-Bangu 1956 68

CAPA: MARIA SÔNIA ARAUJO, Miss Elegante Bangu de 1956, fotografada em Ektachrome por ARMANDO ROZÁRIO.

O Brasil em Manchete

Bôca Pequena

Em Salvador, o Departamento de Turismo abriu, pela primeira vez no Brasil, um curso para vinte motoristas, incluindo instruções sôbre polidez e maneiras de tratar o público. Apareceram duzentos candidatos.

●

No presídio do Distrito Federal, cada galeria está sob a invocação de um santo, cuja imagem é colocada à entrada. Recentemente, o diretor do Presídio mandou retirar a imagem de São José porque ela estava servindo como esconderijo de maconha.

●

Jacinto de Thormes, que deixou a sua coluna social no "Diário Carioca" depois de doze anos, recebeu vá-

JK discute (ao ar livre) com Israel Pinheiro, problemas da mudança.

JK deu início à mudança

Ao meio-dia de têrça-feira, 2, em Brasília, futura Capital do Brasil, o presidente JK assinou, sôbre uma mesa tôsca e num barracão de sapê, a nomeação de seu novo ministro da Agricultura, sr. Mário Meneghetti. Em tôrno do presidente, estavam, entre outras figuras políticas e oficiais, o ministro Teixeira Lott, o ministro Lúcio Meira e o sr. Israel Pinheiro, que acabara de renunciar à sua cadeira de deputado à Câmara Federal, a fim de assumir a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital. JK afirmou que dentro de três anos e dez meses já as crianças aprenderão nas escolas: "Brasil, capital, Brasília." (As primeiras barracas de construção estarão erguidas já nas próximas semanas). E esta visita – acrescentou – é o início da mudança.

Arte da semana

rias ofertas de emprêgo. Optou pelo "Diário da Noite", onde reiniciará brevemente sua seção. Jacinto ficará agora exclusivo dos "Diários Associados", aparecendo naquele vespertino, na TV-Tupi, na Rádio do mesmo nome e na revista "O Cruzeiro".

●

O govêrno do general Stroessner preparou uma série de solenidades para receber o Presidente JK, em território paraguaio, próximo à fronteira com o Brasil. JK desculpou-se, porém, que não podia atravessar a fronteira porque não tinha licença do Congresso para sair do país, segundo exige a Constituição.

●

A Rádio Nacional de Assunção e a nossa Agência Nacional se instalaram em local distante daquele em que JK e Stroessner assinaram os convênios entre os dois países e lançaram a pedra fundamental da ponte Brasil-Paraguai. O equipamento da Rádio de Assunção foi instalado na selva depois de vários dias de esforços. Em vão.

Um ajudante-de-ordens da Presidência da República, no palanque oficial, instalado em Foz do Iguaçu, afastou das imediações de JK um cidadão alto e bem vestido. "Para trás, aqui não pode" — disse o ajudante-de-ordens, fazendo seguir sua advertência de um gesto de mão pouco delicado. "Eu sou o Embaixador paraguaio no Rio" — respondeu o cavalheiro, que, assim, ficou mesmo no palanque.

●

O arquiteto Oscar Niemeyer já projetou dois edifícios para a futura Capital Federal: um palácio presidencial e um hotel para as personalidades que lá deverão ir (espera-se) muito breve. Na semana passada, Niemeyer foi colocado quase que à fôrça no avião presidencial que conduziu a comitiva em visita à área em que vai construir a nova Capital. Niemeyer, que tem horror de avião, manteve-se calado e ansioso durante todo o vôo.

Goeldi: 37 anos de gravura

Está aberta, no Museu de Arte Moderna do Rio, a exposição retrospectiva do gravador Oswaldo Goeldi, uma das mais importantes figuras da arte brasileira atual. A mostra que inclui trabalhos desde 1919, compõe-se de gravuras (em côr e prêto-e-branco) realizadas com várias técnicas, em madeira e metal. Goeldi expõe também ilustrações que fêz para edições brasileiras. Na foto, quatro gravadores: Lívio Abramo (falando), Oswaldo Goeldi (de óculos), Darel Valença e Marcelo Grassmann.

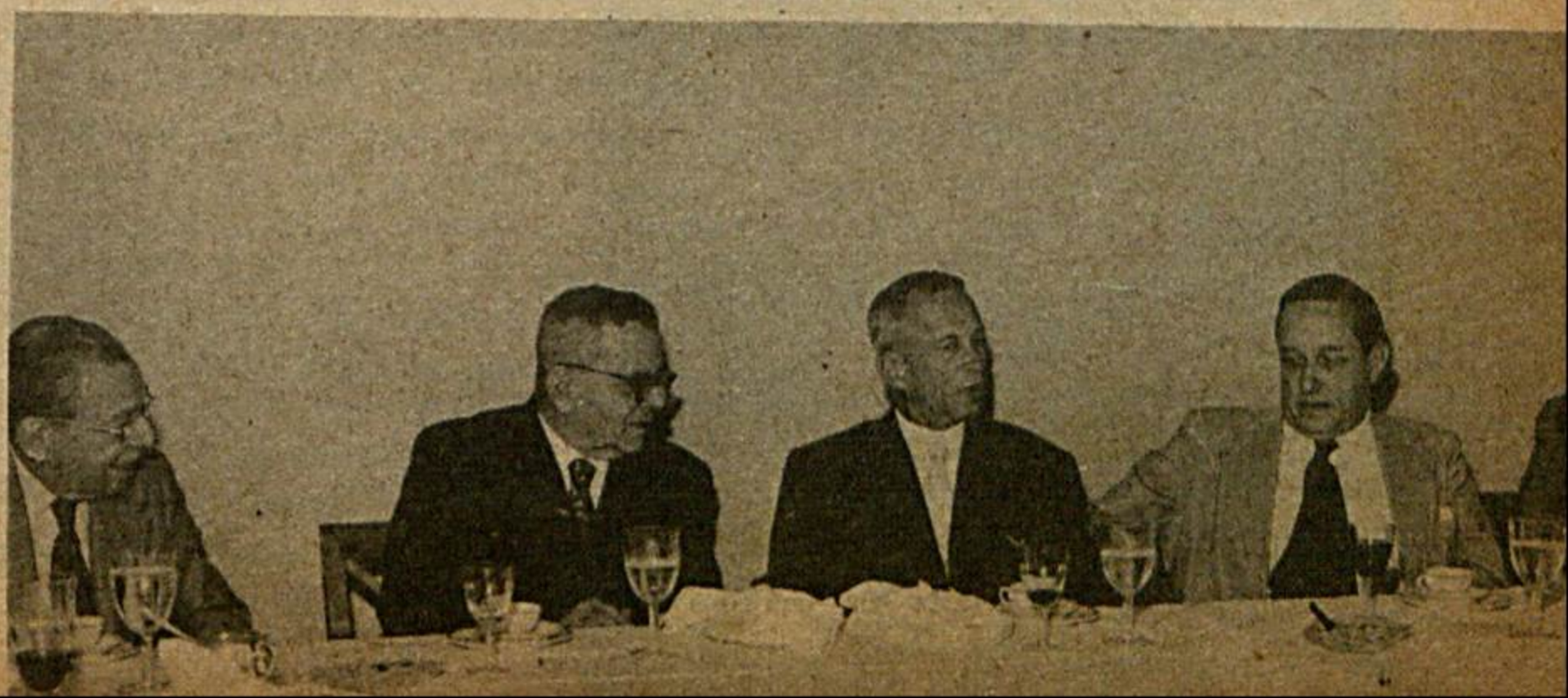
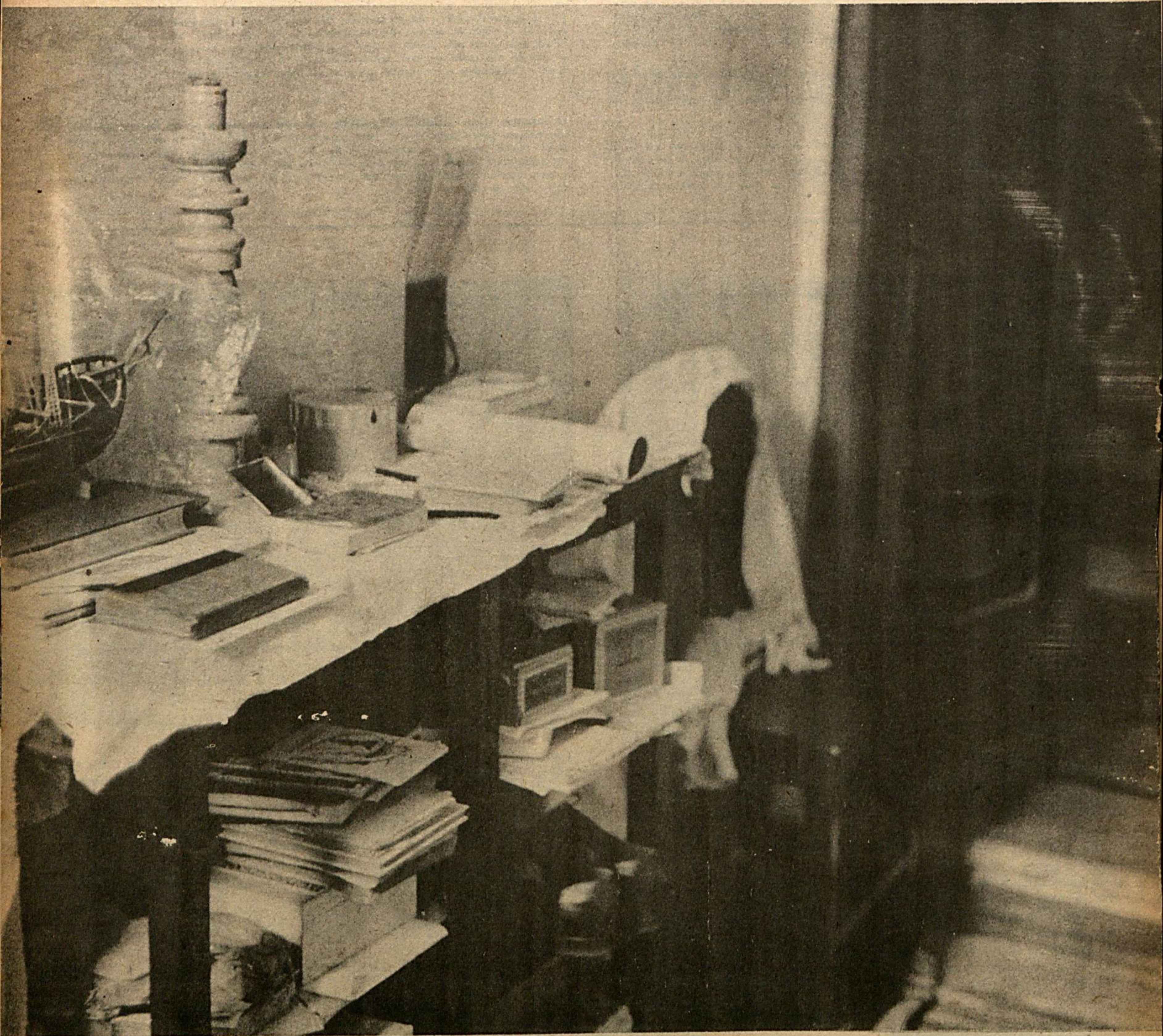
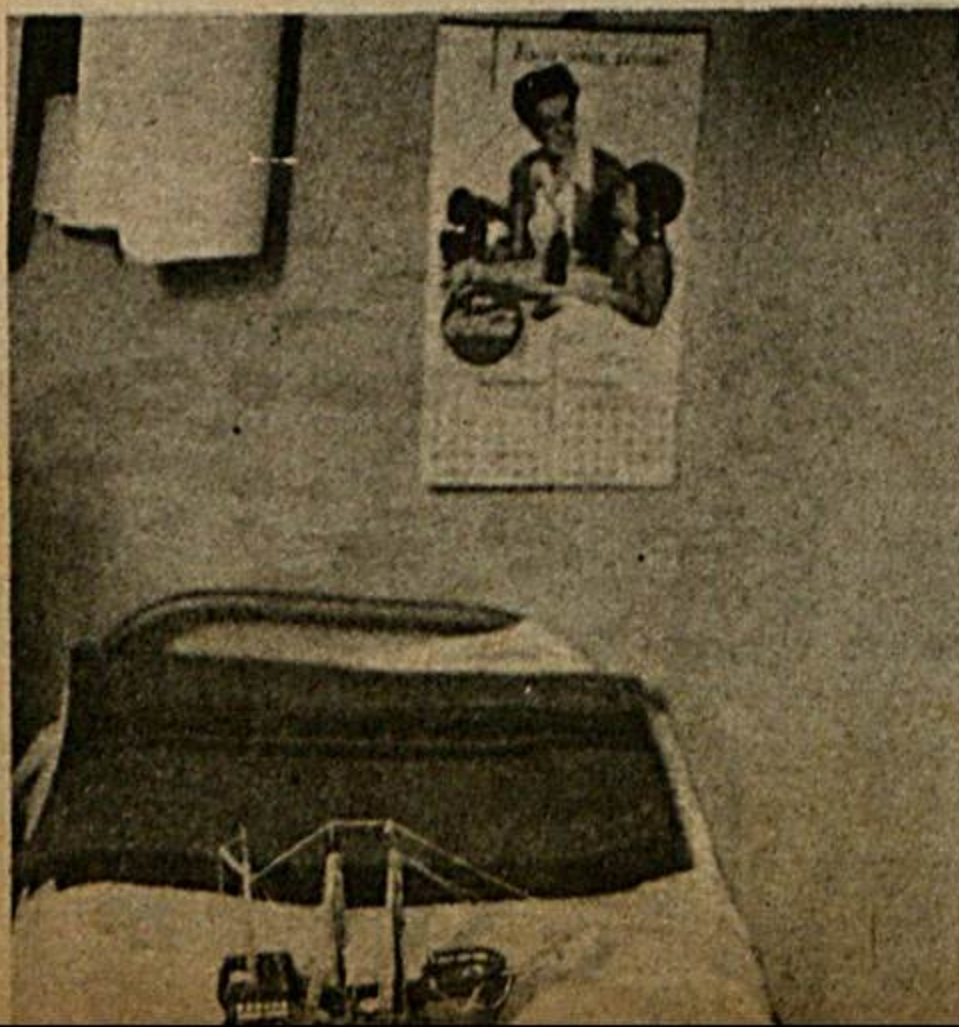
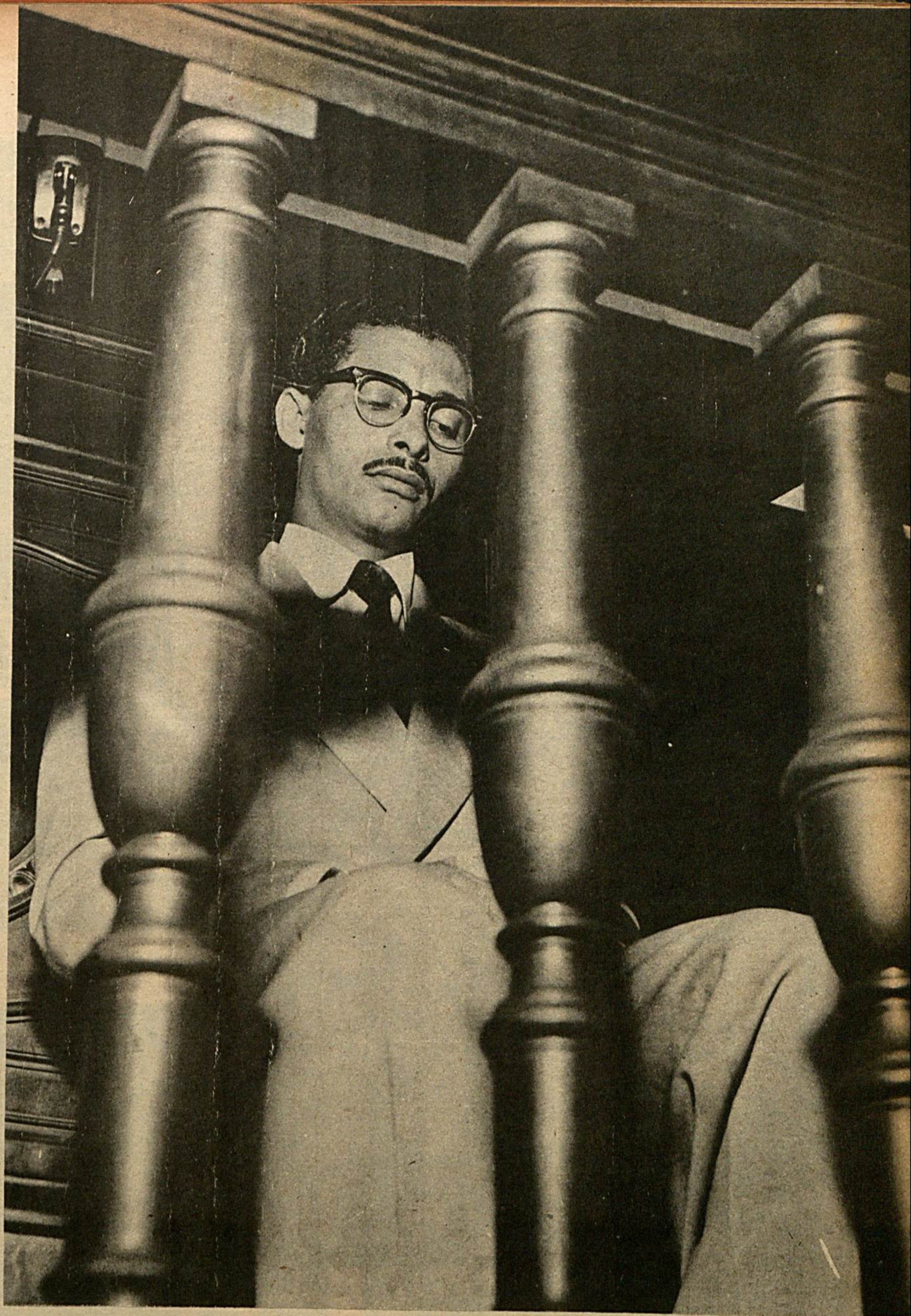
9 histórias de soldado

Umberto Peregrino, diretor da Biblioteca do Exército, ofereceu um coquetel de lançamento do livro "9 Histórias Reiúnas", que é uma iniciativa (e edição) da BE. As histórias versam temas da caserna e os autores reunidos são os seguintes: M. Cavalcanti Proença, Lúcia Benedetti, A. J. Figueiredo, Harry Laus, Xavier Placer, Rubens Mário Jobim e Umberto Peregrino. Na foto, um flagrante do lançamento de "9 Histórias Reiúnas" no salão nobre do Clube Militar. Geraldo de Freitas, James Amado, Eneida, Armindo Pereira, J. Condé, Valdemar Cavalcanti e Elysio Condé.

Artista de São Paulo expõe no Rio

A escultora Pola Rezende (foto) inaugurou, semana passada, no Rio (salão de exposições do Ministério de Educação), sua mostra individual, que reúne grande número de trabalhos (cabeças, máscaras, grupos escultóricos), quase todos talhados em pedra. O vernissage foi muito concorrido, e contou com presença de destaque do meio social e artístico. O escritor Sérgio Milliete (de óculos, na foto à esquerda) e o pintor Clóvis Graciano vieram de S. Paulo especialmente para assistirem à inauguração da mostra.

A França condecora um brasileiro

O govêrno da França agraciou com a condecoração de Cavalheiro da Ordem do Mérito Marítimo (pela primeira vez concedida a um brasileiro) o Capitão de Longo Curso Joaquim Santos Maia. O comandante Santos Maia dedicou 52 anos de sua vida ao mar e ao Lóide Brasileiro, sendo 31 anos no passadiço dos navios, 17 em cargos de administração e 4 como juiz do Tribunal Marítimo. Por motivo da condecoração com que foi distinguido, o comandante Santos Maia recebeu um almôço na Maison de France, ao qual compareceram entre outras pessoas, o almirante Lemos Bastos, o sr. Augusto do Amaral Peixoto, Professor Heitor Grillo, sr. Francisco Coelho Lima e Comandante Aristóbulo de Mello.

dia, êle se converteu ao protestantismo

De óculos pela primeira vez em público, Alcino manteve um ar quase místico durante o julgamento. A pena foi severa: 33 anos.

VIDA ASSIM

NO cubículo 20 da galeria n.º 2 do pavilhão Meira Lima, sob a proteção de São Jorge, Alcino João do Nascimento, o pistoleiro míope da Rua Toneleros, condenado a 33 anos de prisão, espera no Presídio a sua transferência para a Penitenciária, lendo o Evangelho segundo São Mateus, à luz mortiça de uma lâmpada sôbre a mesa. Incluindo a área para os aparelhos sanitários, que detentos mais púdicos vedam a olhares curiosos com uma cortina de matéria plástica, o cubículo de Alcino terá no máximo uns 3 metros de comprimento por 2 de largura. Quando não está trabalhando na carpintaria, onde ganha Cr$ 3 por dia, é aí que o homem que matou o major Vaz lê, com avidez e em silêncio, os livros e as revistas ("Gorjeios", "Verdade de Cristo", "Hinário Evangelista", "Seara", "Atalaia") que pastôres protestantes e companheiros de credo e de prisão lhe puseram nas mãos rudes, enquanto êle esperava a hora de responder pelo seu crime. No dia seguinte ao do seu julgamento, Alcino estava lendo São Mateus numa Bíblia de que não se aparta nem mesmo fora do cubículo, quando uma irmã de caridade apareceu para consolá-lo. De repente, comovida, ela começou a chorar e foi a vez de Alcino confortá-la, recitando versículos inteiros das bem-aventuranças. Carpinteiro hábil, Alcino construiu pacientemente uma caravela em miniatura, único enfeite da mesinha de sua cela. Mas ninguém deve ver nela um desejo de evasão: se tiver bom comportamento, Alcino poderá sair da prisão daqui a 13 anos.

FOTOGRAFIAS DE GERVÁSIO BATISTA, FARIA DE AZEVEDO E ORLANDO ALI

O revólver de Alcino andou de mão em mão

A defesa tenta provar

Na defesa do pistoleiro, o advogado Humberto Teles preferiu atacar Carlos Lacerda.

Em junho de 1950, Alcino João do Nascimento (34 anos) escapava de morrer na explosão de uma dinamite, no miolo de uma mina de ouro. O acidente afetou-lhe os olhos (mais o esquerdo). Êle, então, mudou de trabalho: foi ser pistoleiro. Duas vêzes, ao que se sabe, exerceu essa hedionda profissão: a primeira, quando se vendeu para matar, numa esquina, um homem de camisa branca e calças cinzas e matou outro de calcas brancas e camisa cinza. Dois anos mais tarde, contratando com Gregório, via Climério e Soares, a morte do deputado Carlos Lacerda, encheu de tiros a Rua Toneleros acertando o pé do jornalista (atirou a oito metros, no máximo) e matando o major Rubens Florentino Vaz. Até então, êle não descobrira que lhe faltava uma condição essencial para ter boa pontaria, embora lhe sobrassem outras tantas para continuar sendo bandido. Só depois de prêso, sentiu a deficiência visual; queria ler a Bíblia, não enxergava direito. Pediu exame de vista e foi constatada a lesão e a necessidade de óculos de grau. Só agora, portanto, está Alcino em condicões de exercer, hàbilmente, a sua covarde profissão.

Mas agora é tarde.

A viúva do major Rubens Vaz permaneceu no Tribunal durante todo

Alcino posou de iogue durante o julgamento

USANDO óculos, coisa que não fazia antes, e uma cara mística (converteu-se ao protestantismo), Alcino João do Nascimento, o assassino do major Rubens Florentino Vaz, chegou ao Tribunal do Júri, vestindo um jaquetão esverdeado de gabardine, gravata escura e sapatos marrons. Ao ter início a sessão para seu julgamento, sentou-se no banco dos réus, precisamente às nove e quinze da manhã, só se levantando para almoçar e jantar e para breves interrupções destinadas ao descanso do juiz e dos jurados. De cabeça baixa, olhos postos no chão, jamais enfrentou a assistência ou os advogados. De pernas sempre abertas e de mãos entrelaçadas sôbre as coxas, Alcino assim permaneceu, nesta atitude quase iogue, só a desfazendo para beber um copo d'água e para enxugar o suor do rosto e tirar uma lágrima que lhe caía dos olhos, quando o advogado da defesa, sr. Humberto Teles, num tom de rebuscado lirismo, lembrava, não o Alcino matador profissional, mas o Alcino lavrador, sonhando em vir para a cidade-grande com o objetivo de conquistar uma vida melhor para sua espôsa e para seus cinco filhos que passavam as mais duras privações.

A morte de Vaz numa versão contraditória

Alcino, diante do Juiz, no seu depoimento, contou uma nova história, diferente daquela que narrara, anteriormente, em Juízo, instruído pelo novo advogado. Fôra à Rua Toneleros, exclusivamente, para saber quem era a pessoa (major Vaz) que conversava com Carlos Lacerda diante do edifício em que o jornalista morava. Disse Alcino que atravessara a rua e que se postara por detrás do carro do major Vaz, exatamente à altura da mala de bagagens do veículo, quando ouviu um estampido. Procurava retirar-se do local, quando o major Vaz dêle se aproximou. Alcino matou-o, então, para garantir sua fuga. Mas que não atirara em Lacerda, ponto principal de sua contradição em face do depoimento anterior, quando afirmava haver disparado duas vêzes contra o jornalista, e que fizera fogo contra o vigilante municipal Sálvio Romeiro com o intuito único de evitar sua captura. Seu depoimento durou uma hora e nele fêz forte carga contra Climério.

A política no debate como último recurso

O promotor Raul de Araújo Jorge, na acusação, procurou tirar do processo qualquer caráter político, afirmando que Alcino não era um tiranicida, um homem que age movido por impulsos idealistas, mas um simples assassino profissional, capaz de matar por simples paga. Valendo-se das informações testemunhais e das conclusões irretorquíveis da perícia, o promotor apresentou argumentos dificilmente destrutíveis, reconhecendo a certa altura que é "o mêdo à Aeronáutica que faz com que não se tenha transformado Gregório num herói". Mas a defesa representada pelo jovem advogado Humberto Teles, ciosa de que, no terreno das provas e testemunhos, não valia a pena discutir, pois que o caso de Alcino era considerado por todos como um caso perdido, procurou trazer o debate para o campo político, para ver se assim salvava o seu constituinte de uma pena maior.

A acusação ia caindo na cilada da defesa

Se o promotor Araújo Jorge se esquivou a tôdas as artimanhas do advogado de defesa, que revelou grande habilidade, o mesmo não aconteceu com o advogado Hugo Baldessarini, patrono da sra. Lygia Vaz, viúva do major. Comentando o depoimento de Alcino, segundo o qual êle cometera o crime sob o domínio de uma coação irresistível, provocada pela fome que rondava o seu lar, constituído de mulher e cinco filhos, afirmou aquêle advogado que Alcino, assim, se apresentava como um "proletário do crime". E acrescentou, referindo-se ao advogado de defesa, que "o mestre de V. Exa. Lenine, foi o primeiro a condenar o atentado político", ao que retrucou o sr. Humberto Teles:

— Êste autor é muito profundo para V. Exa. V. Exa. só lê história em quadrinhos.

O sr. Hugo Baldessarini acusou o sr. Humberto Teles de comunista e êste, diante do tribunal, fêz profissão de fé comunista afirmando que iria provar ter sido o sr. Carlos Lacerda um "poltrão no episódio de Toneleros". A irritação atinge o advogado do sr. Carlos Lacerda, deputado Adauto Lúcio Cardoso, que afirma poder se acusar de tudo o jornalista, menos de falta de patriotismo e de coragem. O ambiente se torna cada vez mais tenso, até que o sr. Humberto Teles, para fazer a defesa, vai à tribuna e, por 18 vêzes, repete que o sr. Carlos Lacerda é "poltrão e covarde", que fugira armado do local do crime, deixando, desarmado, entregue à sua própria sorte, o major Vaz, em quem disse reconhecer um "môço sonhador e defensor de ideais os mais puros e nobres". Aquela insistência, ao que tudo indica, proposital do sr. Humberto Teles chegou a tal ponto que o sr. Adauto Lúcio Cardoso não mais conteve sua irritação e, aos gritos, afirmou que o advogado Humberto Teles estava ali fazendo o "jôgo do Partido Comunista e desonrando a tribuna".

Expressões duras foram trocadas, ouvindo-se de parte a parte:
— Tenha mais compostura!

— Tenha mais dignidade!

— Não me obrigue a desrespeitar os seus cabelos brancos (dizia o advogado Teles para Adauto Lúcio).

O juiz Souza Neto interrompeu a sessão por alguns minutos, até que os ânimos serenassem.

Algumas vêzes ameaçou evacuar as galerias devido às contínuas manifestações da assistência que aplaudia a defesa ou a acusação.

À porta do São José êle pensou em Deus

Agindo com habilidade, o advogado Humberto Teles procurou apresentar seu constituinte como vítima de coação irresistível, o que se admitido, implicaria na sua absolvição. Climério, segundo as palavras do advogado Humberto Teles, fôra o "anjo mau" de Alcino, a quem dera dinheiro e comida. Fizera mais: fôra tentador. Prometera a Alcino um emprêgo de investigador. Em troca pedia a morte de Carlos Lacerda. Passaram, então, a seguí-lo por todos os cantos, mas Alcino, por diversas vêzes, tivera oportunidade de executar o atentado e não o fizera, porque não tinha o propósito de consumar o crime. Vinha evitando-o de todos os modos e, ao mesmo tempo, procurava fugir à pressão ameaçadora de Climério. Climério, ante Alcino, não era o mulato Climério, mas o Palácio do Catete, o Poder, capaz de o arrasar e destruir: ou Alcino assassinava Lacerda, ou seria assassinado pelos sicários de Gregório. Mas Alcino, pouco antes, no seu depoimento, contou que, na noite de 4 de agôsto de 1954, quando Carlos Lacerda deixava o Externato São José, onde fizera um comício, e passava diante dêle para tomar o automóvel em que regressava à sua casa, Alcino, fitando-o, dissera para si próprio: "Vai com Deus".

Até à última hora Humberto Teles escondeu da acusação o sentido que ia tomar na defesa de Alcino. Só revelou suas disposições no decorrer dos próprios debates, o que atrapalhou a princípio o trabalho do promotor. Mas a acusação conseguiu coordenar-se e destruir, um por um, os argumentos da defesa.

Para defender Alcino acusa Carlos Lacerda

Desenvolvendo essa tática de trazer a discussão para o terreno político e de estar sempre com a iniciativa dos debates em todos momentos, a defesa do sr. Humberto Teles, chegou a lograr, na primeira fase alguns efeitos junto aos jurados. Provocou tal confusão que perturbou os jurados, deixando Alcino à margem de tôda e qualquer atenção, focalizando, como se réu fôsse, o sr. Carlos Lacerda. O acessos de fúria dos srs. Baldessarini e Adauto Lúcio Cardoso mais serviram ao jôgo do sr. Humberto Teles, cuja ousadia, reconhecida pelo próprio Adauto Lúcio, parecia não ter limites. Compreendendo que estavam servindo aos interêsses da defesa, Baldessarini e Adauto passaram, então, a ouvir, sem apartear, o sr. Humberto Teles, que continuou insistindo na tese de que Carlos Lacerda fugira do local do crime e que se ferira com o seu próprio revólver ao correr para o interior do prédio em que morava. Chegou mesmo a admitir a hipótese de que o primeiro tiro que atingiu o major Vaz, pelas costas, houvesse partido da arma de Lacerda.

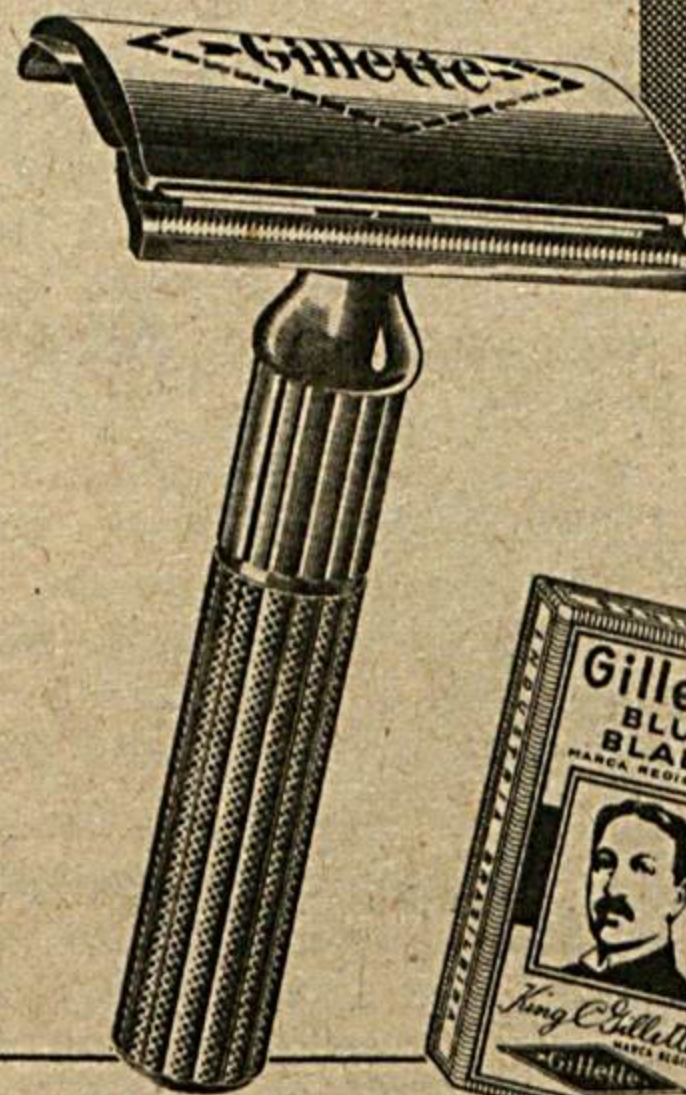
Decisão dos jurados: 33 anos por 3 crimes

Deixando o advogado Humberto Teles falar sem ser interrompido, a acusação conseguiu melhor resultado, pois que, dêste modo, os jurados puderam melhor observar as contradições em que a defesa ia caindo a cada passo, ao examinar as provas testemunhais de que Alcino havia assassinado o major Vaz e atirado em Lacerda com o fito de matá-lo.

Na réplica, a acusação, mudou repentinamente de tom, falando serenamente, fazendo o que sr. Humberto Teles classificou de "autoflagelação". Evitaram os debates, as expressões severas e limitaram-se ao exame dos fatos. O sr. Adauto Cardoso justificou-se de alguns excessos porventura praticados no debate com o sr. Humberto Teles, dizendo que, ao ver seu amigo caluniado e atacado tão injustamente, "fôra possuído da justa cólera de que fala o Apóstolo".

Daí para a frente e até a tréplica o júri se conduziu sereno e quase moroso, até que os trabalhos foram interrompidos para que o Conselho de Jurados tomasse uma decisão. Depois de uma hora de reunião na sala secreta, o Conselho de Jurados voltou a plenário, reconhecendo Alcino João do Nascimento como culpado de homicídio qualificado contra o major Rubens Florentino Vaz e de tentativa de homicídio qualificado contra Carlos Lacerda e de lesões graves no guarda municipal Sálvio Romeiro.

Pouco depois, o juiz Souza Neto proferia a pena: Alcino era condenado a 19 anos por homicídio, a 12 anos por tentativa de homicídio e a 2 anos por ter ferido o guarda que tentara prendê-lo, trinta e três anos de prisão, ao todo.

Reportagem de Waldivia Marchiori

Dono de cachorro tem de ser amestrado

O cão está mais próximo à natureza do que comumente se pensa, e esta sua característica deve ser respeitada pelo homem. Mesmo a vida em apartamento, numa cidade grande, ainda que requeira certas limitações e adaptações, não impede que se procure criar um cão de modo mais razoàvelmente natural. Tratamento de comida enlatada e colchão de penas cria animais enfermiços e de vida curta. E senhoras que perfumam seus cães e lhes pintam as unhas são caso de polícia...

Quem fala assim é Mr. Daly, e êle sabe o que está dizendo.

É PRECISO SER MUITO HOMEM PARA ENSINAR CACHORRO

O escocês W. Macdonald Daly, que tem julgado até vinte mil cães por ano e sôbre êles escrito diversos livros, é um dos maiores entendidos no assunto, no mundo inteiro. Juiz há vinte e um anos, já deu pareceres em competições caninas em vinte e cinco países da Europa, Ásia, África e América, além de editar uma revista especializada e de produzir diversos programas de rádio e televisão sôbre animais, em Londres.

Veio ao Brasil (pela quinta vez), para julgar perto de 400 cães de 45 espécies na 42.ª Exposição Nacional e 2.ª Internacional do nosso Kennel Club, e confessa-se agradàvelmente surpreendido ante a grande melhora verificada na qualidade dos cães nascidos ou criados aqui, graças principalmente à ação dos Kennel Clubes de Pôrto Alegre, Rio e São Paulo, sendo êste, a seu ver, comparável aos melhores que já conheceu.

— Da janela de meu quarto em Copacabana — diz-nos êle — se olho para a rua de manhã cedo lembro-me logo de minha terra, onde criar cães é mania nacional, ao ver tanta gente a passear com seus animais. Entretanto, os brasileiros ainda podem aprender muita coisa dos europeus, principalmente, creio eu, no que se refere à disciplina, que é tão importante para um cão como o é para uma criança.

Mr. Daly é britânico genuíno, bastante definido, portanto, em suas opiniões, que externa decidida e francamente. Por exemplo, encara com ceticismo certas afirmativas em favor dos "sentimentos" atribuídos aos cães, achando que se generalizam experiências pessoais de pouca relevância para delas tirar conclusões precipitadas que não correspondem à verdade canina, como êle a tem estudado numa existência inteira. Êle acredita só ter percebido no cão duas tendências básicas: a agressividade e a rendição — ou seja, o cachorro ataca quando acha que deve atacar, ou não ataca, porque reconhece estar diante duma fôrça que não lhe convém ou não lhe interessa atacar. Cabe ao homem, com treinamento apropriado, desenvolver essas características para o lado mais apropriado às finalidades a que o cão se destina. A êsse respeito, lembra que a ação do dono sôbre o animal deve ser firme e constante, no sentido de controlar e dirigir os sentimentos naturais de agressão ou receio.

— Um cão bem treinado não deve ter mêdo do homem, nem deve agredí-lo gratuitamente. Um cão bem treinado obedece sempre ao seu dono, mas isto, é evidente, depende mais do homem que do animal. É preciso ter natureza forte e saber o que se está fazendo, se se deseja orientar bem um cachorro e ser obedecido.

Quanto à crença popular de que os cães adquirem fatalmente as características dos sêres humanos com os quais convivem, Mr. Daly tem também opinião muito particular.

— Não há suficiente base científica para corroborar tal afirmativa. Por mim, acredito que o cão tem suficiente carácter para suprir e superar as deficências de seu dono, mantendo sua própria personalidade.

Mr. Daly, ou melhor, Mac, é filho de um homem que vivia em função de cães e cavalos, e se lembra de que aprendeu a ler espichado sôbre um tapête, a folhear revistas de cachorros, numa sala de paredes inteiramente revestidas de fotografias dêsses animais. Seu amor e seu respeito pelo "melhor amigo do homem" vieram-lhe, portanto, natural e espontâneamente, mas êle reconhece que nem sempre o homem sabe ser o melhor amigo de seu cão.

— Há cuidados elementares que precisam ser lembrados por qualquer pessoa que deseje possuir um cachorro. Por exemplo, quem vive numa casa pequena, deve adquirir um animal de pequeno porte, que não seja excessivamente castigado pela falta de espaço. Por outro lado, coisas simples como conservar sempre a seu fácil alcance um recipiente com água fresca, e escovar-lhe o pêlo, seja liso ou crespo, pelo menos cinco minutos diàriamente, são indispensáveis para seu perfeito bem estar.

Mas há descuidos muito mais perigosos, e êle lembra o fato de muitos cachorros morrerem encerrados nos automóveis de seus donos, em dias de calor, que transformam o interior do carro em forno insuportável.

Há também o caso de pessoas que têm boa intenção mas estão mal informadas quanto às reais necessidades alimentares de seus animais.

— O cachorro deve comer sòmente carne magra crua, ou seu equivalente — afirma Mr. Daly — e precisa apenas duma refeição diária, à noitinha, pois sua digestão é muito lenta. Alimentos farináceos torná-lo-ão fatalmente gordo e encurtarão sua vida.

ANTES DE MAIS NADA, UM "NÃO" E TAPINHAS NO LOMBO

Tão importante quanto os cuidados físicos, o treino, e a instrução devem receber o mais meticuloso cuidado por parte do dono do animal.

— Um cachorro indisciplinado é um perigo e um incômodo. Pela consideração que lhe merecem as outras pessoas, o dono dum cão que não foi treinado para andar obedientemente ao seu lado deve conservá-lo prêso à correia, quando sair à rua.

Mac leva a questão da disciplina às suas últimas conseqüências.

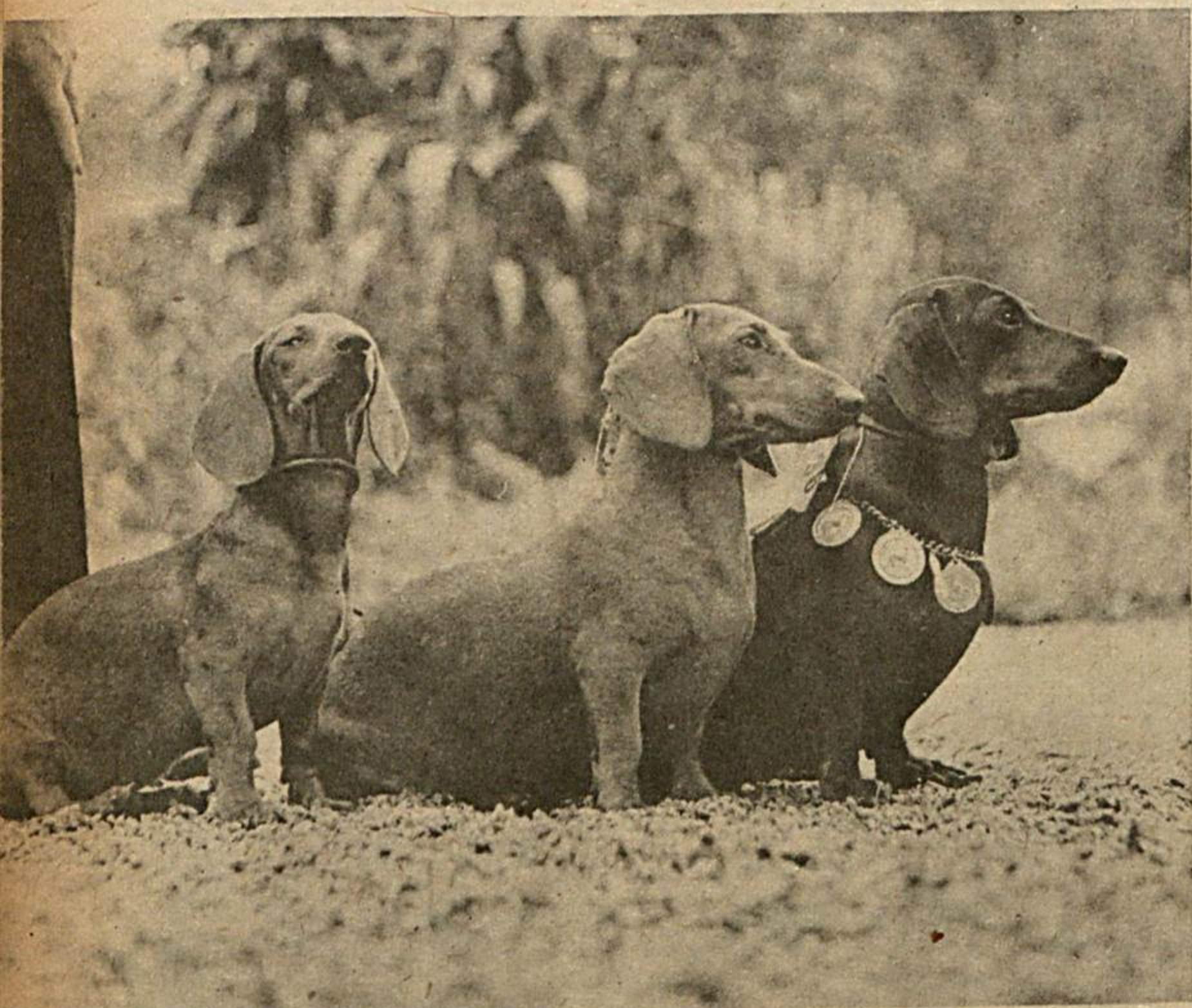
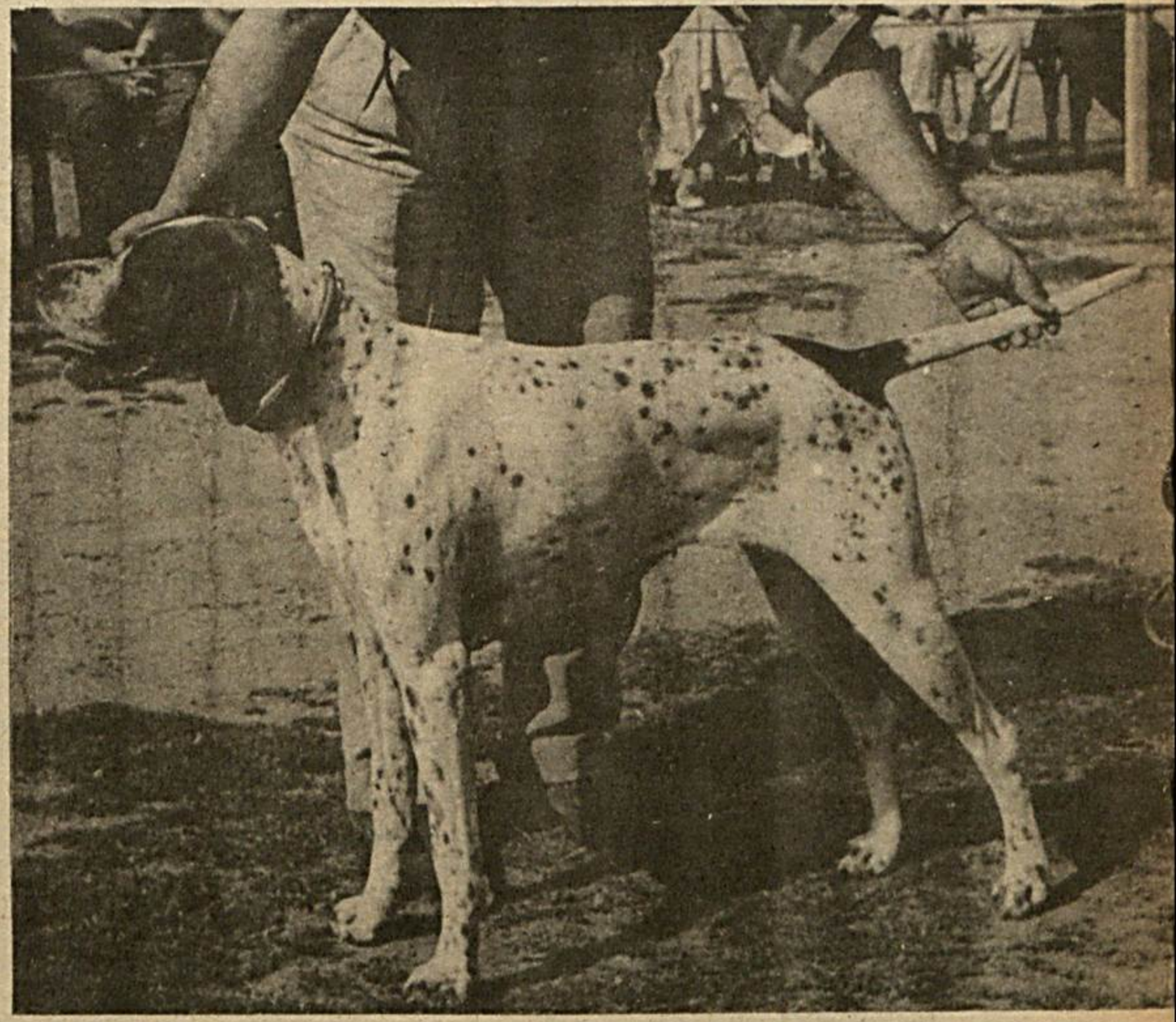
— A primeira palavra que um cachorrinho deve aprender — assegura êle — é "não". E deve ser um "não" pronunciado com tôda ênfase, num tom rude, para que êle compreenda estar procedendo mal. Quando necessário, o "não" será acompanhado dum tapinha no lombo.

Nada disso impede, porém, que o dono do animal sinta e lhe demonstre tôda sua particular ternura. Ao contrário, é importante que o nome do cão, por exemplo, seja sempre pronunciado de modo carinhoso, e associado a coisas agradáveis, como a hora das refeições. É extremamente importante, por isso, que nunca se empreguem ao mesmo tempo o nome do animal e a palavra "não", a fim de evitar confusões no cérebro do pobre cachorrinho.

Como se vê, essa história de criar cães é mais complicada do que parece... Mas Mr. Daly garante que tem as suas compensações.

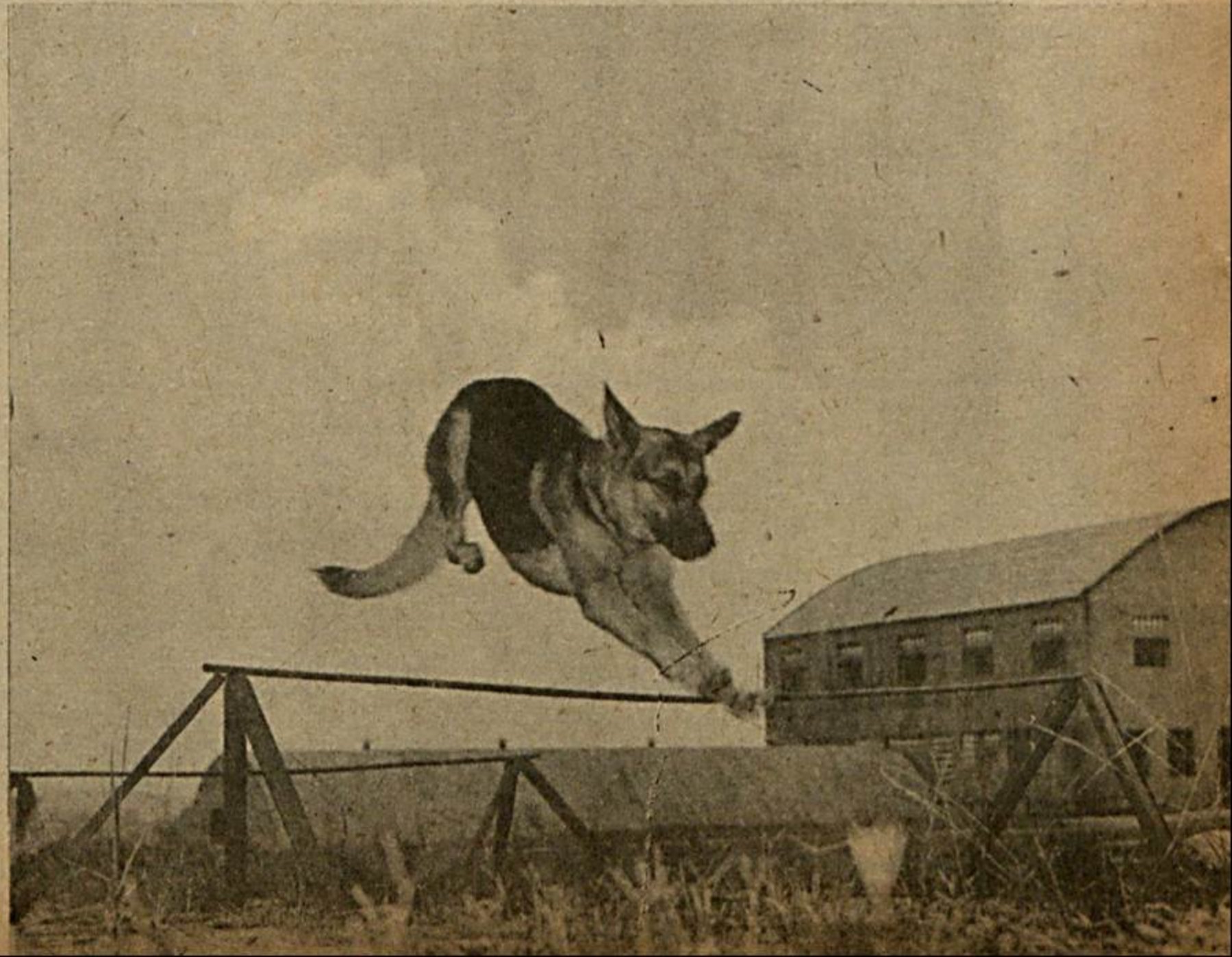
Há todo um rito meticuloso e cheio de significado na cerimônia do julgamento dum cão de raça. Mr. Daly, um dos maiores juízes do mundo, segue-o rigorosamente ao pé da letra.

O fox-terrier pêlo liso, pequeno e ágil, adaptou-se bem à vida na cidade moderna.

O pequinês adora ser mimado e é sempre bom companheiro para os folguedos infantis.

O dachshund tem uma pele lustrosa e sem cheiro, que dispensa cuidados demorados.

O pointer, ou perdigueiro, tem uma cauda elegante, afilada, em perfeita proporção.

O CÃO IDEAL DE MR. DALY TEM RABO

O boxer é inteligente até na expressão, dir-se-ia dotado de bom-senso quase humano.

O pastor alemão, favorito nas exibições públicas, aprende os mais variados truques.

Poucas pessoas estarão mais capacitadas que Mr. Daly para traçar o retrato do cachorro ideal. Êsse escocês de cara rosada, que à fôrça de viver às voltas com os cães até parece ter adquirido algo da expressão alerta e bem humorada dum caniche, já viu em sua vida certamente mais de um milhão de cães dos melhores e mais bonitos, nos quatro cantos do mundo.

Ao atender o pedido de MANCHETE — êle gostou tanto da idéia que vai usá-la num programa seu de televisão em Londres — Mr. Daly procurou antes de mais nada atender às conveniências da vida moderna, com suas limitações de espaço e de tempo, e seu gôsto pelo que é limpo, ágil, alegre e corajoso.

Um animal como o collie, por exemplo, que há séculos pastoreia ovelhas nos terrenos da Escócia, estando afeito por sua constituição e pelagem espêssa à vida ao ar livre num clima frio, não é apropriado para uma existência confinada de apartamento em cidade tropical.

Vejamos, pois, as características do cão ideal para a vida moderna, tal como Mr. Daly o imaginou:

O TAMANHO do fox-terrier de pêlo liso, de mais ou menos oito quilos. Há 100 anos atrás, a função do fox era penetrar pelas covas das raposas e trazê-las à superfície. Meio século atrás, quando Londres inaugurou seu sistema de iluminação elétrica, um fox-terrier foi empregado para puxar os fios elétricos através de estreitos túneis subterrâneos.

A ALEGRIA do pequinês, que é um cãozinho cheio de bom humor, deliciando-se nas diversões que seus antepassados já gozavam nos palácios imperiais da China.

A PELE do dachshund, que além de inodora é muito elástica, o que é sempre sinal de boa saúde num cão.

O RABO do pointer, que é curto e fino. Se mais cães tivessem êsse tipo de rabo, o homem não seria levado a cortá-los, para dar ao animal aparência mais alinhada.

A CAPACIDADE DE RACIOCÍNIO do boxer e de outros descendentes do bulldog, como o boston e o bull-terrier e o bull-mastiff. Êstes são capazes de aprender pela simples observação a realizar tarefas que exigem realmente o que se poderia considerar bom-senso e poder de lógica.

A DISPOSIÇÃO OBEDIENTE do pastor alemão, muito popular no Brasil justamente por sua facilidade em aprender, o que fica demonstrado nas freqüentes exibições pelos animais treinados da Polícia.

A RESISTÊNCIA física do pinscher miniatura, que apesar de tão pequeno é capaz de acompanhar o trote dum cavalo durante muitos quilômetros.

O ANDAR do poodle, alegre e elegante, que o popularizou em Londres, Paris, Nova Iorque e agora no Brasil, principalmente entre as mulheres.

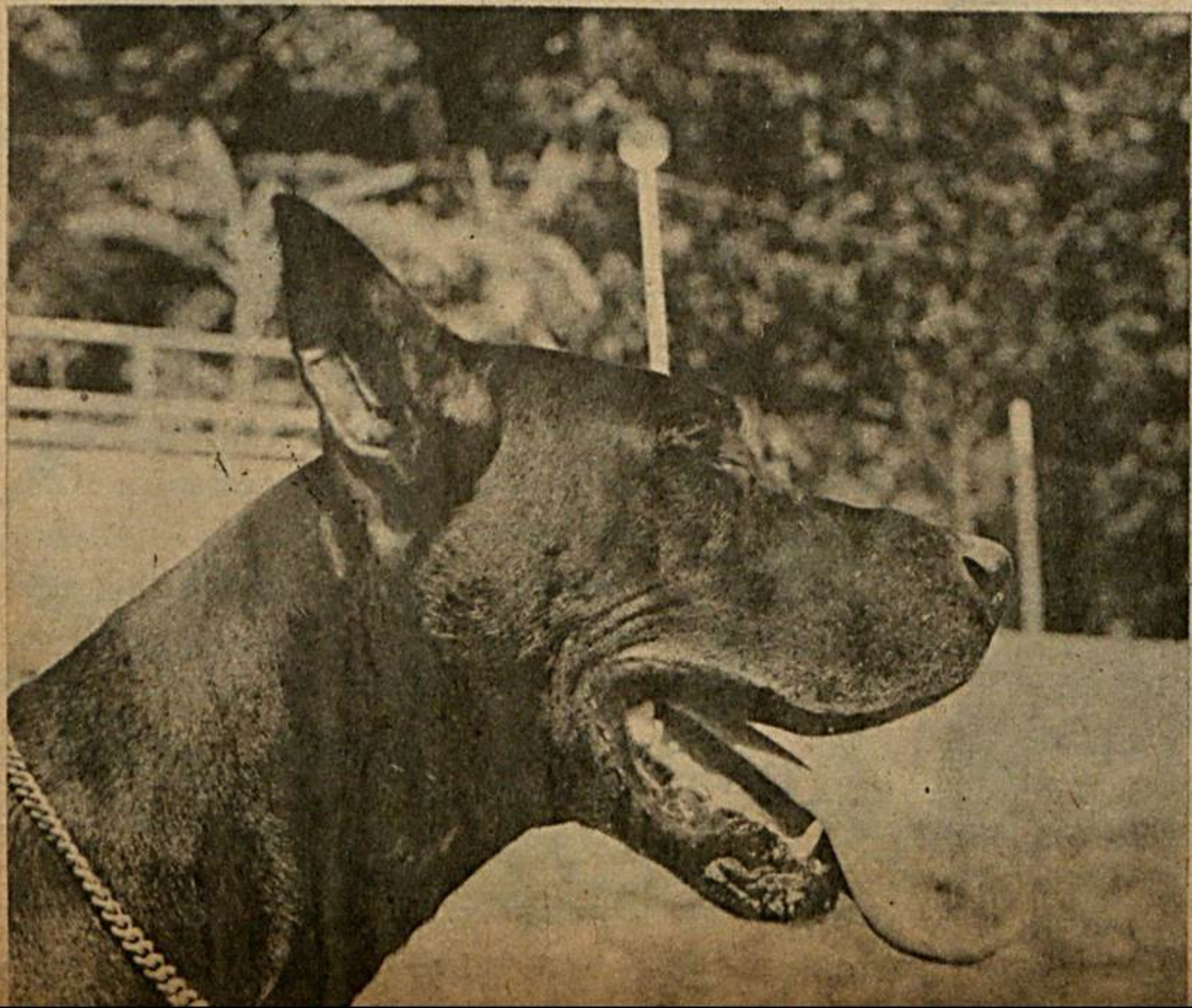
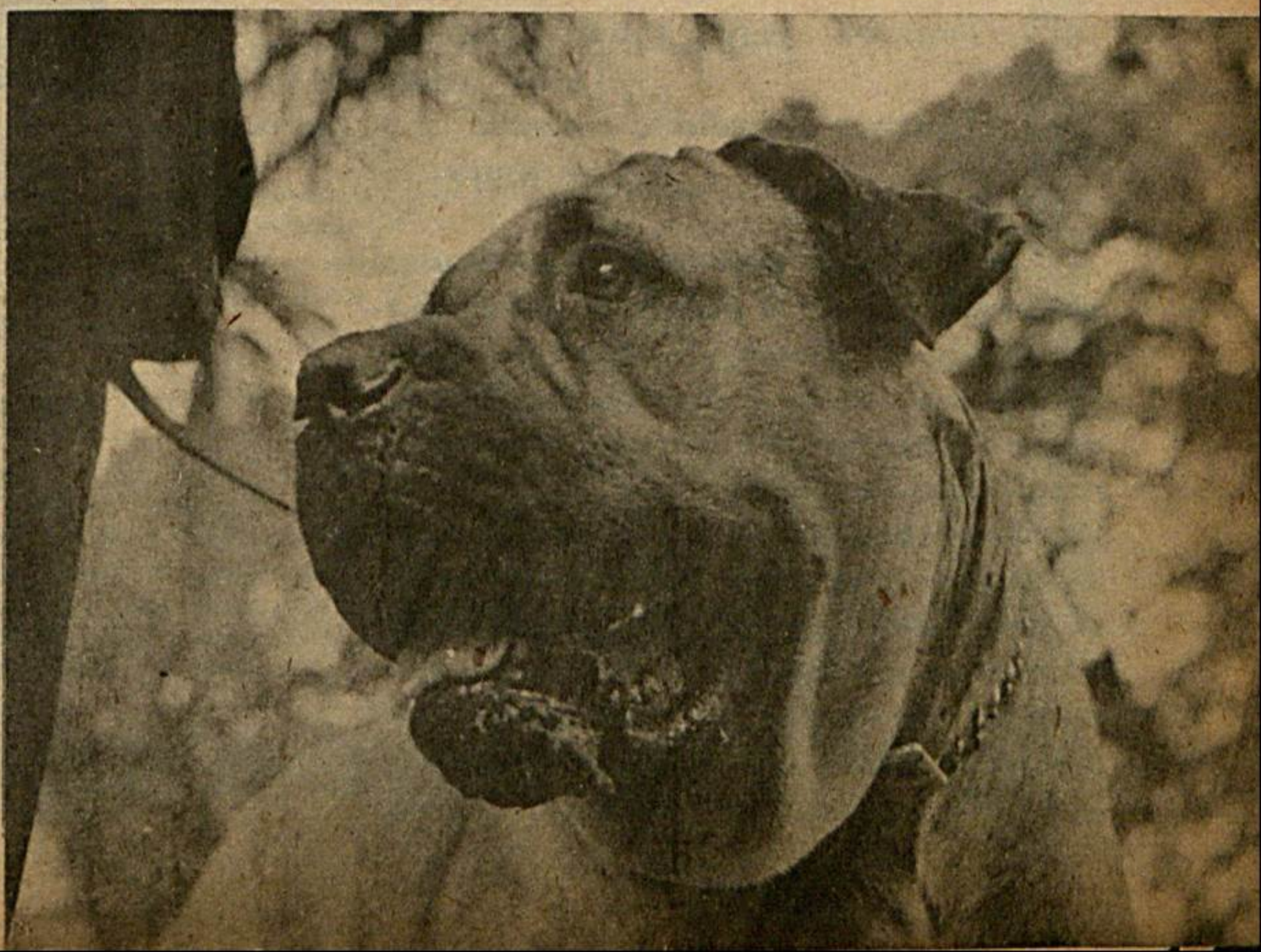
O INSTINTO DE GUARDIÃO do dobermann pinscher, que aprende com extrema facilidade a atacar o homem quando necessário.

A LEALDADE do mastiff, desenvolvida através de muitas gerações em que acompanhava os servos das mansões inglêsas, e os protegia contra salteadores. O mastiff tem uma capacidade extraordinária para manter-se calmo, digno e extremamente leal à pessoa que deve guardar.

O pinscher, apesar de pequeno e delicado, é o mais resistente dos cães menores.

O poodle é dono dum passo gracioso e sofisticado que lhe garante a preferência feminina.

CURTO, POUCO PÊLO E MUITA IMAGINAÇÃO

O dobermann é irriquieto e agressivo, o que o torna o cão de guarda ideal.

O bull-mastiff defende seu dono ou dona até a morte, é duma lealdade a tôda prova.

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

Carrossel

A corrida de cavalos perdida na infância. Não aquela em que eu apostei dois mil réis que minha madrinha me dera no domingo pela manhã, uma corrida selvagem de éguas em pêlo, ao longo da praia, montadas por moleques maratimbas descalços. Lembro o carrossel iluminado moendo sua música e as meninas de azul e côr-de-rosa que passeavam, umas sérias, outras sorrindo, montadas em seus cavalinhos de pau.

Tournez, tournez, bons chevaux [de bois,
Tournez cent tours, tournez [mille tours
Tournez souvent e tournez [toujours. . .

As meninas passavam. Continuam vagamente ainda a passar, e talvez cantando êsses versos de Verlaine com aquela música de moinho: la-ra-la-ra... aquela música que parecia mover os cavalinhos de pau.

Relembro duas, eram irmãs; uma sei que entrou para o convento depois de uma adolescência triste. A outra, de cara fina e olhos de caldo-de-cana, a que eu não podia ver sem me perturbar, que houve com essa menina perdida no carrossel do passado? Talvez

ainda dê voltas em seu cavalinho de pau, com seu eterno sorriso tímido sob a luz dourada da maxambomba ingênua..

Tournez au son du piston vainqueur . . .

O cavalinho subia e descia; talvez tenha subido demais, se libertado do carrossel, voado pela noite de estrêlas, muito acima da roda-gigante, muito além dos morros nativos.

Talvez tenha descido depois, varando a barraca de um circo, a menina feita môça, de pé esplêndida em suas ancas . . .

Tournez au son joyeux des tambours . . .

E dessa noite de glória e banda de música do circo talvez Temperani, dessa noite gorda e deslumbrada de domingo, êles devem ter fugido depois, galopando longamente à margem do rio triste de nome longo e humilde como o seu murmúrio — e de tanto galopar juntos através das escuridões e encantamentos, se fundido os dois em uma centaureza de seios redondos e tornozelos finos e crinas ao vento . . .

E na ampla tarde de maravilha, sob o céu da Gávea, estavam outra vez separados, cavalo e mulher, êle com algo de feminino na finura de suas linhas nobres, ela com algo de potranca na pisadura nervosa e firme, mas tão ligados na emoção que parecia que os olhos da mulher é que o faziam correr, os olhos e o coração batendo, mandando, pedindo, chorando, rezando . . .

E acima das autoridades dos homens de apostas ávidas, e acima da elegância e das poules, e da multidão consciente de sua mesma grandeza na tarde de maravilha, estavam as imagens simples e eternas que doem no coração do homem. Um cavalo e uma mulher, caminho da vida com todos os ventos, carrossel que gira em zonas de sombra e de luz . . .

Tournez, tournez, bons chevaux de bois . . .

SOCIETY

Ibrahim Sued e quinze notícias

A Sra. Ernesto Waller, é hoje a "hostess" de uma das mais bonitas residências do Rio recentemente inaugurada.

A Embaixatriz Ester Lago continua à frente da campanha para a construção da Igrejinha de Copacabana.

A Condêssa de Moustier, em arte Morgan Snell, encontra-se em Paris executando vários painéis para o govêrno francês.

O Sr. Dirceu Fontoura está sempre no Rio. O seu problema não é atrevido, é a "Atrevida" . . .

1) Muito concorrida a noite de reabertura do "Night-and-Day" promovida pela Sra. Paulo Sampaio. Com uma decoração européia e diferente, mais de trezentas figuras participaram dessa noite de caridade. De parabéns, os Srs. Francisco Serrador e Djalma Monte. Entretanto, sôbre o Sr. Carlos Machado não direi o mesmo, porque o "show" da noite foi um fracasso.

2) Continua circulando pelo Rio, no Copa e adjacências, a "estrêla" mais "shangay" do ano, que é a mexicana Ninon Sevilha . . . Fazemos votos para que ela termine logo sua filmagem e regresse imediatamente.

3) Com a presença do juiz britânico Macdonald Daly aconteceu no Iate a Exposição Canina Internacional promovida pelo Brasil Kennel Club. Foram premiados os cães do Sr. Galvão Amaparo (de São Paulo): Sr. S. T. França Filho, Sra. Heydée Benevides de Azevedo, Sra. Stela Marinho e Sra. Lígia Mascarenhas.

4) Neste Natal a exemplo das grandes cidades, o Rio, terá um grande desfile pelas ruas da cidade, com grandes bonecos e carros alegóricos.

5) Na semana que passou vários colunistas sociais cariocas foram devidamente engavetados pelos diretores de jornais: o motivo foi incompetência! Essas coisas também acontecem.

6) Um trecho da autobiografia de Elza Maxwell: "Quando eu era menina pobre, não compreendia porque as minhas amigas no colégio não me convidavam para as festas. Um dia, em frente à minha casa, houve uma festa e eu perguntei à mamãe: — Será que êles vão me convidar? — Mamãe me respondeu: — Não minha filha! Não pense nessas coisas, você não será convidada! — E nesse dia, chorando na minha cama, prometi a mim mesma: quando crescer, eu darei grandes festas!"

7) Para a lista das DEZ MULHERES MAIS ELEGANTES DO BRASIL, que apresentarei no fim do ano, estou ouvindo mais de cem personalidades, inclusive modistas, decoradores, cabeleireiros, etc.

8) O Governador do Paraná e Sra. Moises Lupion, vieram ao Rio especialmente para prestigiar a "Miss Elegante Bangu" que participou sábado do desfile do Copa.

9) Porfírio Rubirosa, o famoso "Dom Juan", tem uma nova namorada, milionária, é claro: trata-se da Sra. Skippy Kendall.

10) De Nova Iorque, recebi notícias que o Sr. Ladislau de Abreu está "in love" com uma artista de cinema.

11) A senhora Nelson Caldeira, continua em São Paulo, mostrando na televisão que não é apenas uma mulher elegante. É também culta!

12) Diàriamente, da Capital paulista, a elegante Sra. Rute Almeida Prado recebe telefonema de um de seus inúmeros admiradores que espera pacientemente que ela dê o "sim" . . .

13) Para festejar o casamento da Sra. Maria Aparecida Góes com o Sr. Alberto Sued a "Reportagem Social" ofereceu um jantar no "Sacha's". A Sra. Góes até o ano passado residiu na Capital paulista.

14) A suave Tônia Carrero, hoje Sra. Celi, já está em São Paulo, para uma temporada teatral de três meses. O casamento de Tônia e Celi foi um autêntico "furo" que os colunistas cariocas levaram.

15) O Sr. e Sra. Israel Pinheiro, com sua numerosa família, já estão preocupados com a mudança para Goiás. O Sr. Pinheiro será o executor da mudança da Capital para Goiás, o que levará dez anos (assim penso) para se consumar. E até quinta, porque o Rio é assim.

● BEATRIZ ELLIODI escreve estranhando não tivesse sido feita uma reportagem sôbre o êxito de nosso colaborador Sérgio Pôrto no programa de televisão "O céu é o limite", de São Paulo. Realmente, não podia ser mais brilhante a performance de Sérgio Pôrto, enfrentando, semanalmente, as mais difíceis perguntas sôbre os homens e os fatos ligados à música popular brasileira. A sugestão da reportagem está anotada.

● OSCAR NUNES RIBEIRO DA SILVA (São Paulo), em MANCHETE-231, retificou uma data mencionada na reportagem "O Brás não tem mais dono", afirmando que a imigração italiana foi definitivamente suspensa em 1926 e não em 1936 como escrevera o repórter Domingos de Lucca Júnior. Voltamos, agora, ao assunto para esclarecer que os dados contestados foram extraídos do boletim n.º 1, da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração, da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, do Estado de São Paulo, de outubro de 1937. Na página 35, em capítulo dedicado ao movimento migratório geral, diz a publicação: "Movimento imigratório de 1827 a *1936* (o grifo é nosso) — Até 1936, haviam entrado no Estado de São Paulo 2.901.204 imigrantes. Para êsse total, os italianos contribuíram com 942.903 indivíduos; os brasileiros, com 494.834; os portuguêses, com 413.161; etc." Adiante, diz o mesmo boletim: "De acôrdo com êsses dados, vê-se que a corrente imigratória italiana ocupa o primeiro lugar no total das entradas de 1827 a 1936, apesar do fluxo do trabalhador italiano para o nosso Estado haver diminuído muito nos últimos anos, enquanto que aumentaram as entradas de outras nacionalidades. Com efeito, os italianos representam 32,50% do total de imigrantes entrados em São Paulo de 1827 a 1936".

● ÁUREO COIMBRA (Curitiba) escreve longa carta, parte reclamando contra a falta do "Flash" fotográfico que MANCHETE publicava semanalmente, e parte aplaudindo a reportagem de DARWIN BRANDÃO e HÉLIO SANTOS sôbre a pesca da baleia, na costa da Paraíba. Quanto ao "Flash", já foi explicado em nota anterior, mas convém repetir: a seção não desapareceu definitivamente; no interêsse de valorizá-la cada vez mais, preferimos abrir espaço a ela nos casos em que a fotografia se impuser, realmente, pelo seu interêsse jornalístico, pela raridade, pelo pitoresco, pelos elementos, enfim, que inspiraram a sua criação.

● DÉCIO COLLARES (Estado do Rio) pede o enderêço de d. Ester Leão, a professôra de dicção, que foi objeto de reportagem em MANCHETE. Tome nota: Avenida Copacabana, 312, apartamento 1.201. Telefone: 57-6236.

ELSIE LESSA

Variações em tôrno do "pif-paf"

A môça pegou no telefone, trouxe para junto a lista já feita dos convidados e começou a discar. Tinha em casa uma reunião, na quinta-feira à noite. Haveria um pianista russo e uma cantora francesa. Explicou honestamente aos futuros convivas que estava fora de cogitação a organização de mesas de jôgo. Tivera mesmo um grande trabalho em fazer a lista dos amigos capazes de agüentarem um pianista russo e uma cantora francesa, com uísques, coquetéis e salgadinhos, mas sem canastra, "buraco" ou "pif-paf" no fim.

A uma alma mais compreensiva ela explicou ainda: "Você não imagina a quantas reuniões, aqui em casa, tenho programado o nome de certos amigos e acabo tendo de riscar — confessou cândidamente — porque iriam ficar sobrando e se caceteando em grande estilo. Minhas relações que não jogam estão ficando para trás. Essa minha reunião de quinta-feira é exatamente em homenagem à velha guarda, que não aderiu às cartas e ainda acredita em Bach e música de "camera" num salão.

— Confesso que fui das últimas a entregar os pontos — confidencia a môça do telefone. Reagi quanto pude. Minhas irmãs jogavam, meus pais jogavam, meu marido jogava. Aprendi tricô e levava disfarçadamente na bôlsa a agulha e os novelos. Acabava num canto, junto da lâmpada, fazendo casaquinho de lã para os pobres. Depois me dediquei a ouvir os programas de rádio, nas horas da madrugada, enquanto a turma soprava fumaça em cima das cartas do baralho. No começo ainda sempre sobravam um ou dois para me fazerem companhia. Havia os que contavam anedotas e tive paciência até com os fazedores de trocadilhos. Recusava-me a mergulhar na hipnose do "pif". Sou uma criatura contente da vida, não tenho nada de tenebroso a esquecer no meu passado, gosto de conversar, de ler, de trocar idéias, de comentar cinema, livros, teatro. E via a turma se afundando nas cartas. Só conseguia ver uma vantagem, no caso. Falava-se menos mal da vida alheia e a gente ficava livre de ouvir certas anedotas. Mas continuei reagindo e pregando o meu Evangelho. Lembrei que se podia ouvir música, conversar, dançar, ler — meu Deus do céu! — andar a pé, qualquer coisa que não fôsse essa loucura mansa coletiva. Qual nada! Vi, um por um, irem caindo na voragem, os de mais personalidade, os baluartes da Resistência. Intelectuais, gente que tinha miolo dentro da cabeça e boa prosa para divertir os demais, emudeceram, com as cartas na mão, em noites sem fim. Mulheres, homens, adolescentes, adoeceram da febre que não tem cura. Não entendo. Para ganhar dinheiro não é, pelo menos o que me dizem. Para matar o tempo. E tempo é coisa que se mate? Essa bênção entre tôdas preciosa, o tempo, matéria prima que faz crescer as árvores, e criar os filhos, construir casas e escrever livros, descobrir remédios e coisas que melhorem esta nossa pobre vida, sendo desperdiçada à-toa, entre dois maços de cartas, em noites sem fim. Só fiquei eu, sabe? Mas acabei jogando também, cansada de fazer fôrça contra a corrente. Sei tudo, hoje: "canastra", "buraco", "pif". Agora estou aprendendo "bridge", que é mais intelectual. Sábado fui a um casamento. Lindíssimo. Uma beleza Os noivos embarcaram, sob a clássica chuva de arroz e lágrimas. Dez minutos depois os salões estavam transformados num vasto cassino. Mesinhas elegantíssimas, que duraram até às quatro da manhã. Eu numa delas...

Do divertimento de cada um

O direito da gente se divertir é sagrado e, mais do que isso, necessário, em meio a tanta chateação. Devia figurar até na Constituição, num capítulo isolado, cheio de parágrafos, como os outros capítulos. É bem verdade que, mesmo com garantias constitucionais, a diversão de cada um não estaria sumàriamente assegurada. A Constituição prevê, mas nem sempre garante. Veja-se, por exemplo, o Título V, capítulo primeiro, artigo 145, parágrafo único da chamada Carta Magna. Lá está: "O trabalho é obrigação social e a todos é assegurado o direito a um trabalho que possibilite existência digna". No entanto, apesar de todo o cuidado dos senhores constituintes, basta a gente olhar a praia num dia qualquer de sol, que encontra dezenas e dezenas de pessoas que, de barriga pra cima, deitadas na areia, não pensam em levantar e ir até ao palácio, reclamar do Executivo o direito de trabalhar. Preferem deixar como está, pra não atrapalhar o govêrno.

Mas voltemos ao divertimento, que é coisa mais amena. Dizíamos que, mais do que um direito, a diversão é uma necessidade e é essa premência em esquecer os indefectíveis aborrecimentos de todos os dias que cria os mais estranhos processos de distração. Outro dia uma môça de quem jamais suspeitaríamos a malícia, contou-nos como se diverte sempre que vai a uma "boite".

Depois de tanto freqüentar os bares elegantes da cidade acabou por se aborrecer com êles. Graças porém, a uma idéia que teve, voltou a sentir encanto em freqüentá-los. Descobriu o processo num trote telefônico, numa tarde em que buscava, nesse antiquado passatempo, disfarçar a sua chateação. Escolheu um cavalheiro com cuja cara não ia e telefonou. Não custou muito para a conversa tomar um tom de namôro, para que o dito cavalheiro insistisse em vê-la pessoalmente. Não podia, era uma mulher comprometida — explicou. Mas nem por isso deixaria de se identificar. À noite iria ao "Sacha's" vestida de prêto e usaria "Ma Griffe".

Mais um pouco de conversa e desligava o telefone. Depois era aguardar a hora de ir para a "boite" e passar o resto da noite se divertindo. Botava um vestido qualquer menos o prêto, é claro — perfumava-se com "Arpège", ou qualquer outro perfume que não fôsse "Ma Griffe" e ficava a observar sua vítima. Era engraçadíssimo ver o coitado a chegar-se disfarçadamente para perto de tudo quanto era mulher de prêto e aspirar-lhe o cangote, na tentativa de identificar-lhe o perfume.

Não sabemos se o divertimento varia em relação à mentalidade do indivíduo mas, se é assim, dois velhinhos que conhecemos destroem tôdas as teses a êsse respeito. Cidadãos pacatíssimos, homens de comportamento exemplar, divertem-se com crimes. Diàriamente compram nas bancas quantos jornais sensacionalistas estejam à venda e vão para casa ler e comentar.

É de vê-lo, sentadinhos nas poltronas da sala, felizes agora como foram nos tempos da bola de gude, a falar sôbre crimes. Cada manchete é um prato novo: "Atirou-se para a morte a jovem infelicitada" — e o que leu exclama "oba!"

— Olha êste aqui, mostra o outro, sem conter a excitação — Formidável! "Lavou com sangue a honra da amásia!"

E lá vão, de desgraça em desgraça, saboreando o noticiário: "Achado macabro nas matas da Tijuca"; "Ingeriu lisol em forte dose"; "Fim trágico de uma noitada alegre"; "Esfaqueou o vizinho por causa da cachorra"; "O tarado de Parada de Lucas outra vez em evidência"; "A polícia ao encalço do esquartejador de Jacarèpaguá"; "A doidivana anavalhou o marítimo".

Sabem de todos os crimes, torcem pela captura ou evasão dêste ou daqueles criminoso e têm idéias próprias sôbre as ocorrências policiais, criticando entre si a ação das delegacias. E se alguém lhes perguntar o que vem a ser formicida, é bem provável que a resposta seja esta:

— Formicida é um preparado muito bom pra matar domésticas!

O bom
linho
brasileiro (1)

A boa roupa nasce em boas culturas . . .

A qualidade do linho Renner depende, em grande parte, do meticuloso cuidado que é dispensado às plantações, onde especialistas de grande experiência desenvolvem a mesma apurada técnica utilizada nos mais famosos centros produtores de linho do mundo. É por isso que, vestindo uma roupa de linho Renner, garantida pela tradição de qualidade da etiqueta Renner — V. usa a roupa ideal para os dias quentes de verão: Leve. Confortável. Com elegante caimento. Neste verão use sòmente roupa de linho Renner, com tecido produzido exclusivamente sob a responsabilidade de A. J. Renner S. A.

Linho de alta qualidade
fabricado no Brasil
não desbota - não encolhe

PURO LINHO
RENNER
A BOA ROUPA

A. J. RENNER S. A. INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO — PÔRTO ALEGRE

105.084

MÚSICA POPULAR

LÚCIO RANGEL

Julie Joy

Venilton Santos

Tópicos

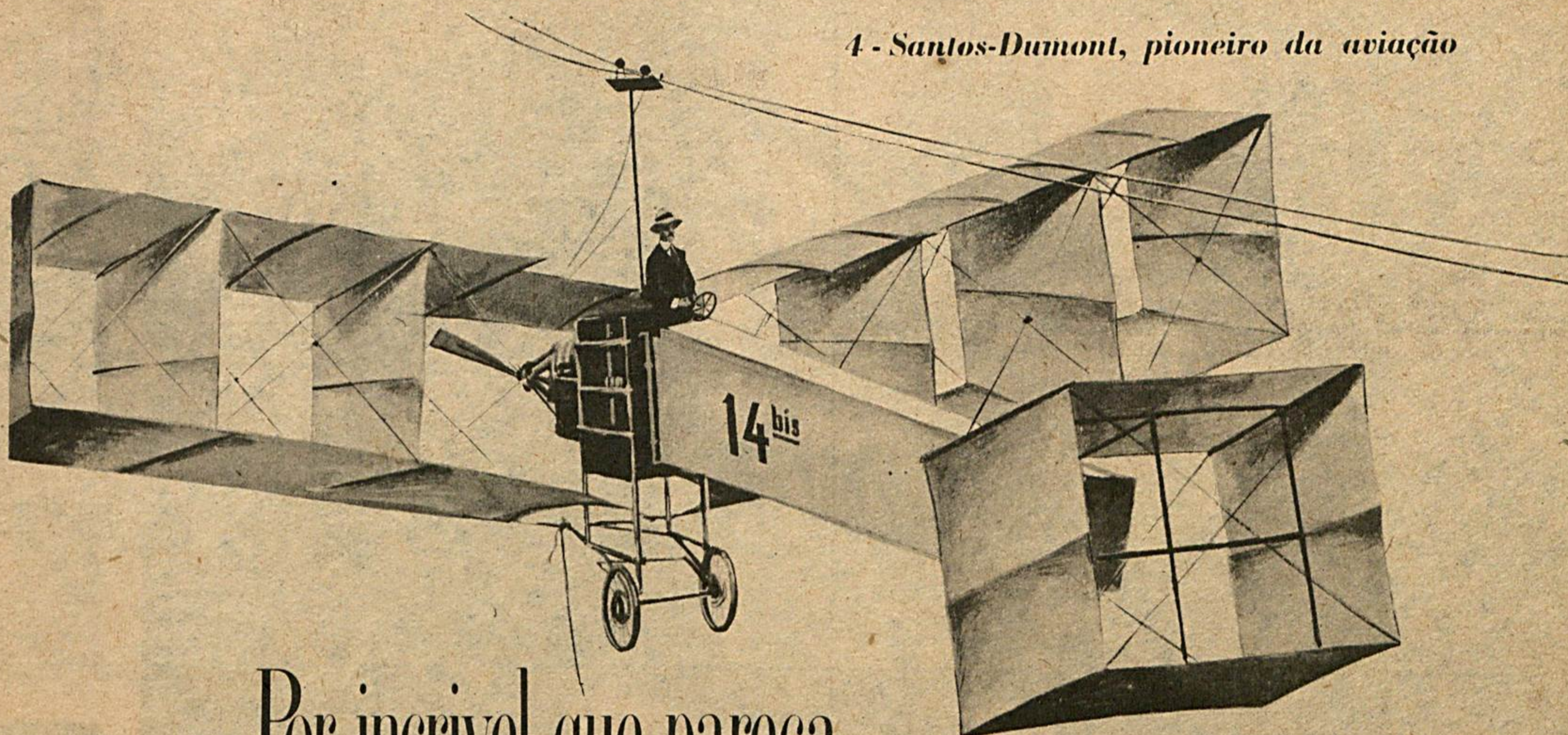
CAUBY NA RCV VICTOR — Cauby Peixoto é o novo contratado da Victor. Sua apresentação terá lugar com um disco *long play* — "Canções da Lembrança", reunindo *Nada além*, fox-canção de Custódio Mesquita e Mário Lago, *Chora cavaquinho*, samba de Dunga, *Deusa da minha rua*, valsa de Newton Teixeira e Jorge Faraj, *Serenata*, valsa de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa; *Três lágrimas*, canção de Ary Barroso, *Flor do asfalto*, fox-canção de J. Thomaz e Orestes Barbosa, *Na aldeia*, samba de Alberto Dias (Carusinho), Sílvio Caldas e De Chocolate, e *Pastorinhas, marcha-de-rancho*, de João de Barro e Noel Rosa. O disco será pôsto à venda ainda êste mês. E' mais um cantor que se volta para o repertório antigo.

SUPLEMENTO SINTER — Alguns discos recomendáveis vamos encontrar no suplemento Sinter dêste mês: *Maria* e *Juramento falso*, com Carlos Augusto e a Orquestra de Britinho; *Verão em Veneza* e *Finge gostar*, com Julie Joy e Orquestra de Britinho; *Batefundo em Realengo* e *O cachimbo do Pixinga*, dois choros interpretados pelo trombonista Silva Leite (o Orlando da Velha Guarda), e, finalmente, *Vovô Joana do Aguiné* e *Vai-i-aô*, dois corimas cantados pelo veterano e cada vez melhor João da Bahiana.

VENILTON SANTOS — E' um cantor que vem fazendo, na calma, uma brilhante carreira. Rapaz modesto, sem agentes de publicidade, canta bem e sabe escolher seu repertório. O público já tomou conhecimento dêle, principalmente depois do sucesso de *Sorriu para mim*. Agora, surge-nos com nova gravação — *Estou chorando sim*, samba de Mirabeau e Ayrton Amorim, destinado, pela sua beleza e simplicidade, a cair no gôsto do grande público.

JORGE FERNANDES E A RÁDIO NACIONAL — Quem assistiu o Festival de Música Brasileira realizado no Teatro Municipal, parte dos festejos comemorativos do aniversário da Rádio Nacional, estranhou a ausência de Jorge Fernandes, entre os bons solistas vocais que então se apresentaram. Tipo do artista que se sentiria à vontade no palco do nosso maior teatro, dono de um repertório dos mais belos e mais brasileiros, sua ausência foi por todos sentida. Será possível que a direção artística da nossa mais popular emissora ignore que tem entre seus contratados um dos maiores cantores populares que o Brasil já produziu?

ARACY CÔRTES 1925 — Em um velho número da revista "Para Todos", de 3 de Abril de 1925, encontramos bela fotografia de Aracy Côrtes, jovem e graciosa, com a seguinte legenda: "Depois que Júlia Martins caiu na compulsória, depois que Otília Amorim se casou, o teatro de revista ficara sem a graça nacional... Mas surgiu lá no céu mais uma estrêla e apareceu Aracy Côrtes..." Vendo a foto, lendo a legenda, ficamos pensando na urgente necessidade de fazer voltar a grande intérprete do samba ao disco. Com a palavra a Sinter, que já nos trouxe de volta alguns grandes valores da nossa música popular.

ALMIRANTE NA SOCIEDADE TEATRO DE ARTE — Foi tal o sucesso de Almirante com a sua conferência "Retrato musical de Noel Rosa", realizada no auditório da Maison de France, que os diretores da Sociedade Teatro de Arte, promotora da reunião, já pensam em convidar o grande conhecedor das coisas do nosso populário a realizar outra, nos mesmos moldes, focalizando a figura de João Barbosa da Silva, o popularíssimo Sinhô. Para esta, seria convidado Mário Reis, que ilustraria a palestra, cantando as mais famosas composições do autor de *Jura* e *A Favela vai abaixo*.

Por incrivel que pareça era um exercício de vôo...

Em 1906, Santos-Dumont já construira 14 balões-dirigiveis. Mais leves que o ar, cheios de gás inflamável, perigosos, só podendo ser usados com bom tempo, os balões acabaram por não satisfazer sua ânsia de voar. Era preciso inventar a máquina que voasse, transformar a máquina em pássaro!

Durante meses a fio, trabalhou em silêncio. E quando retornou de suas experiências, depois de ter tentado até um tipo de helicóptero, tinha construido o seu "14-bis". Era um biplano, com 10 metros de comprimento, pesando 160 quilos e com um motor de 24 HP.

A etapa a vencer era das mais difíceis: conseguir um completo govêrno do aeroplano e sua estabilidade no ar. Foi então que as mais curiosas experiências foram realizadas.

Pendurou o aeroplano ao seu último balão — o Santos-Dumont n.º 14 (razão por que denominaram o aparêlho de "14-Bis"). Êle próprio escreveu: "com êste conjunto híbrido fiz várias experiências em Bagatelle e só quando me senti senhor das manobras é que me desfiz do balão".

Depois, quando já se sentia seguro do seu manêjo, para conseguir melhor contrôle da estabilidade, pendurou o "14-Bis" a um cabo de aço distendido, enquanto um burrinho conduzido por dois homens fazia deslisar o aeroplano na maior velocidade possivel.

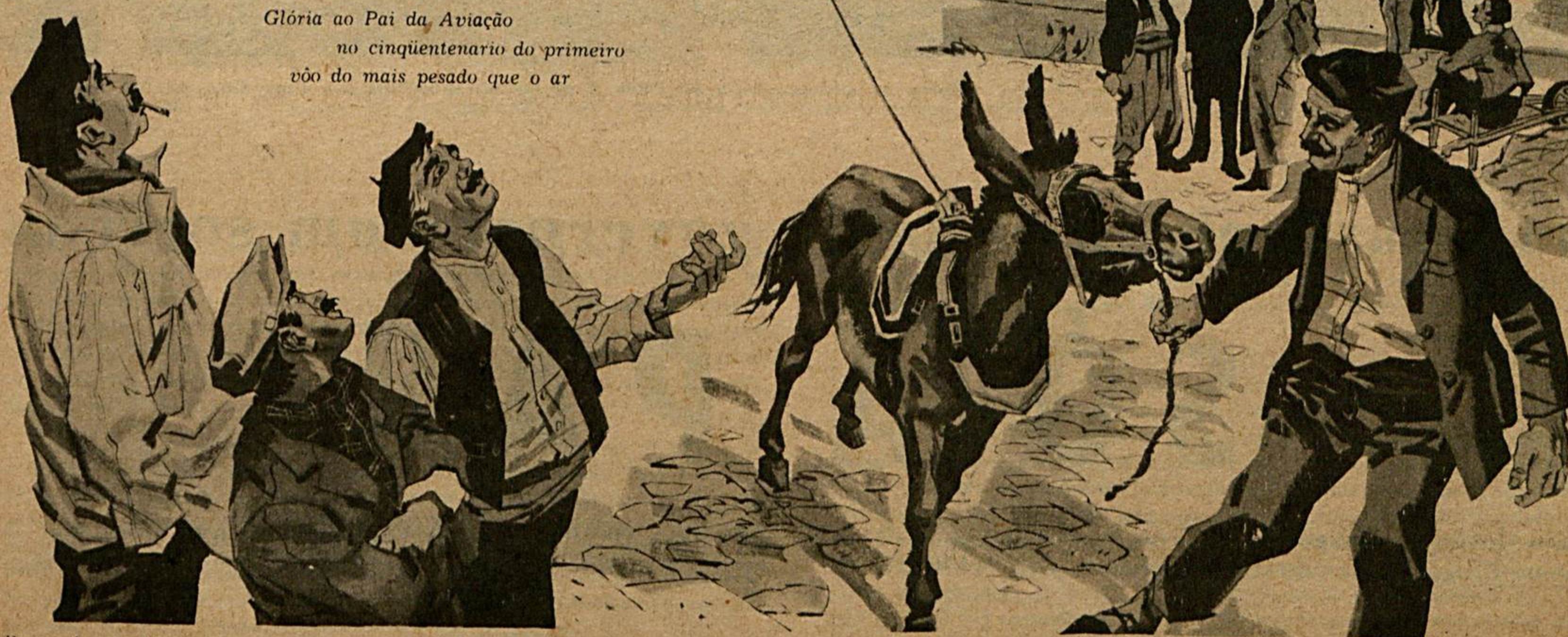
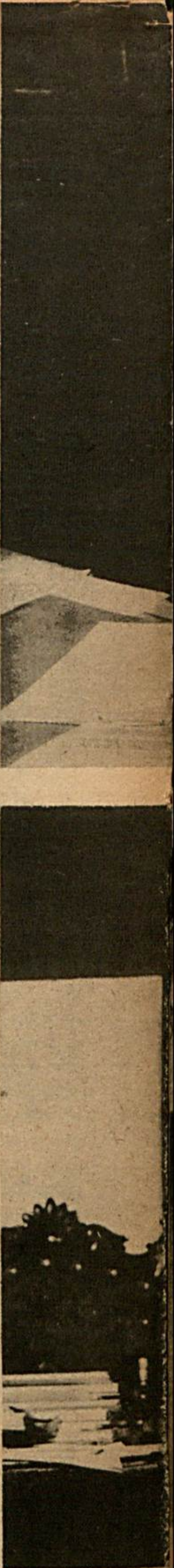
Tudo aquilo parecia a muitos uma brincadeira ridicula. Para outros era mais uma loucura de Santos-Dumont.

A verdade é que seu gênio se desdobrava numa verdadeira febre de ação, numa sofreguidão que só se acalmaria depois da vitória final. Por incrivel que pareça, eram exercícios de vôo indispensáveis ao êxito do seu trabalho.

E, quando semanas depois, o "14-Bis" se livrou do fio de aço que o prendia e de seu curioso "burrinho", foi para alçar nos céus de Paris o primeiro vôo do mais pesado que o ar.

1956 - Ano Santos-Dumont

Glória ao Pai da Aviação
no cinqüentenario do primeiro
vôo do mais pesado que o ar

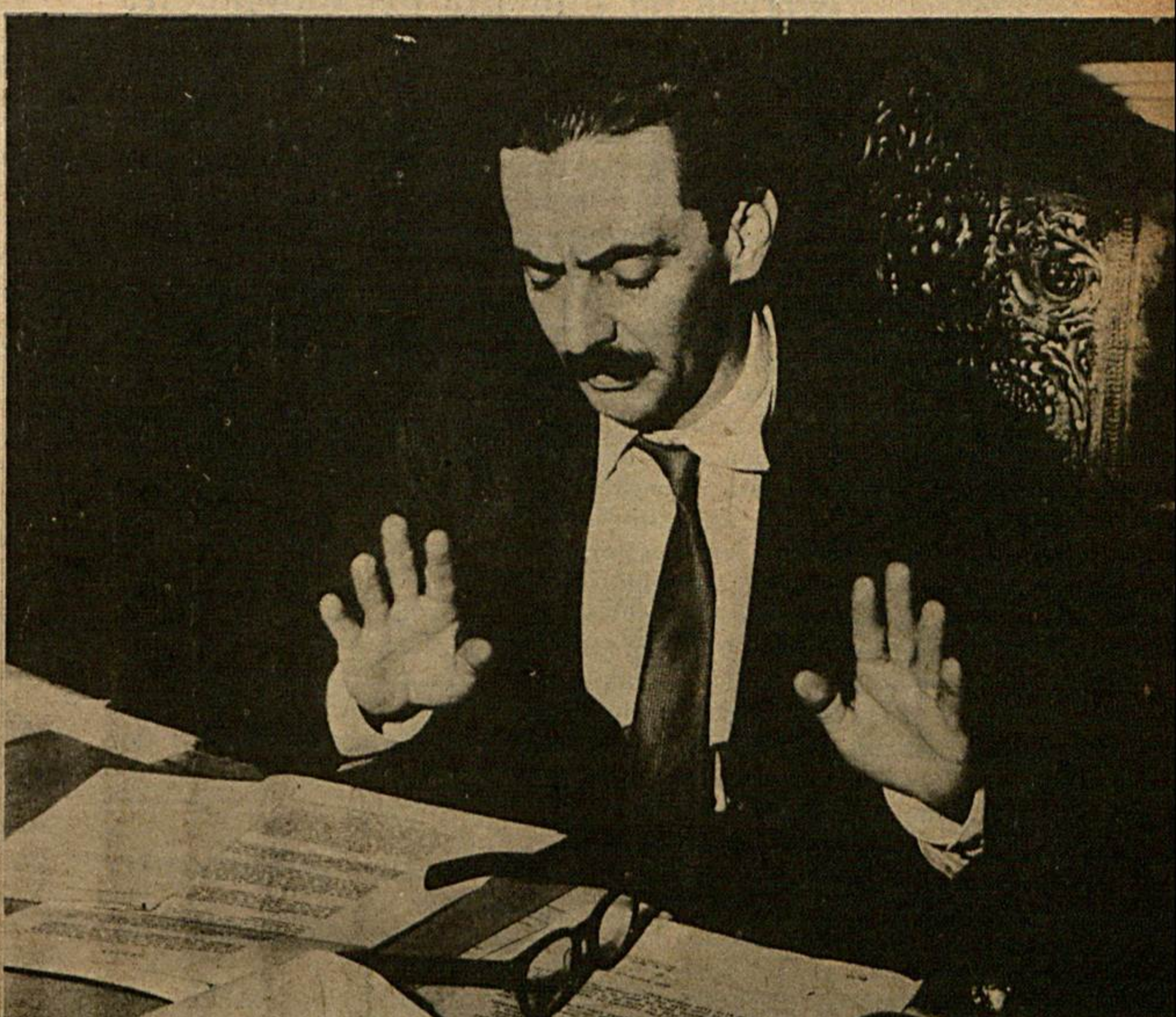
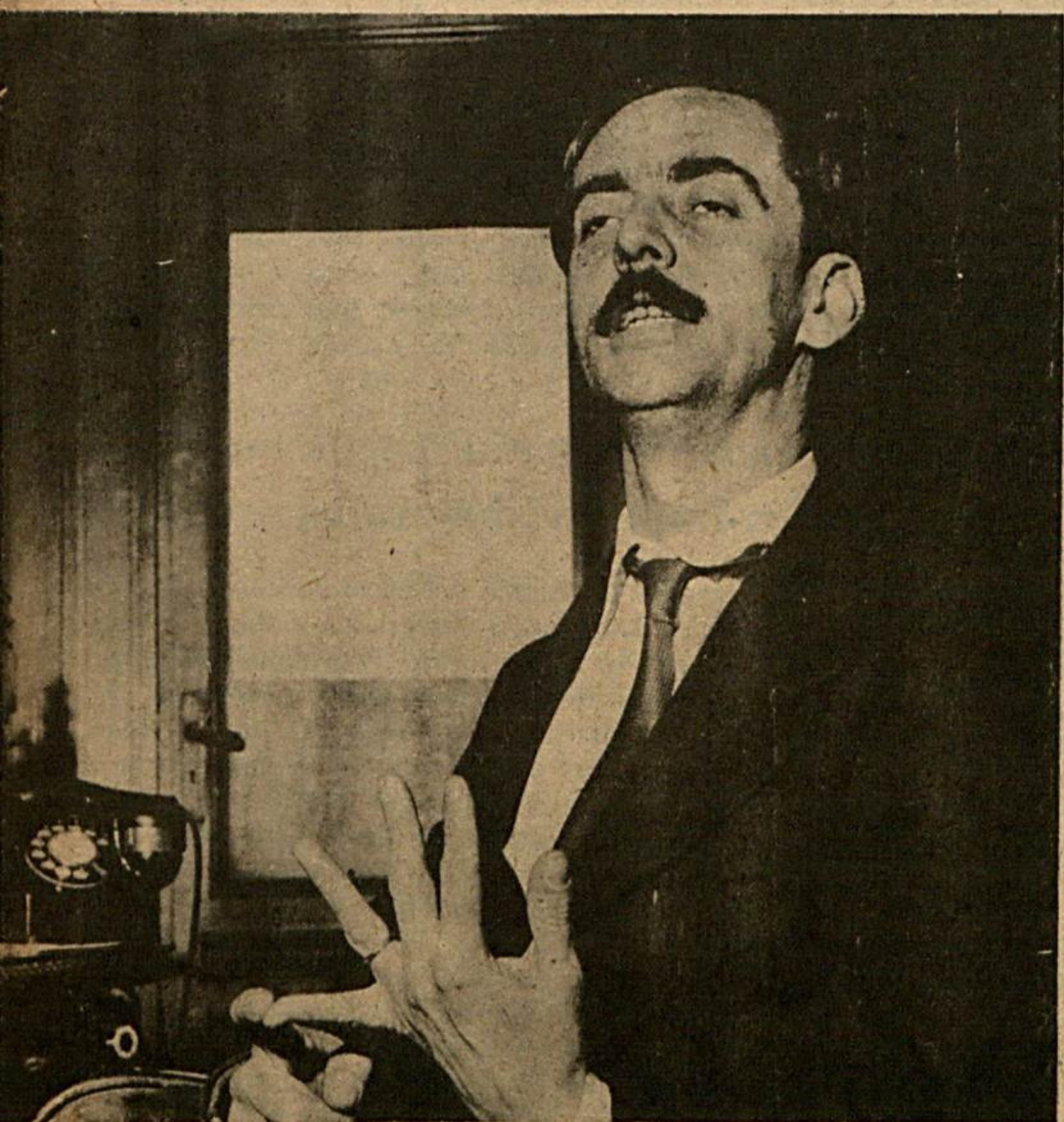
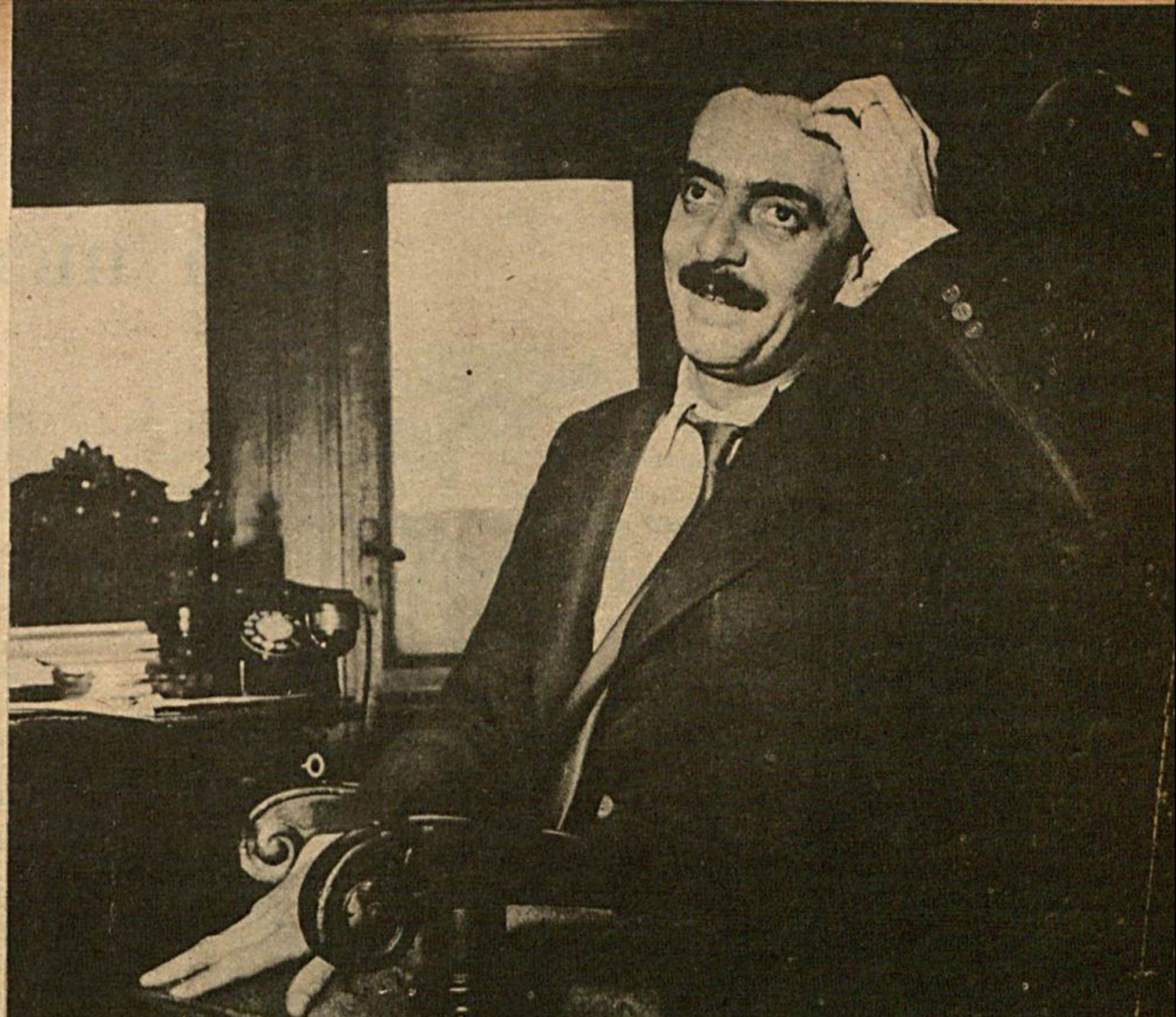
Preparado pela J.M.M. - Publicidade para a Comissão Exec. Nac. do Ano Santos-Dumont.

Jânio Quadros afirma que fêz e continua a fazer uma limpeza completa na administração de São Paulo. E diz que não se importa com o que dizem dêle.

O governador de

No Brasil ninguém pode governar com sorrisos

SÓ A PAU

Jânio Quadros, um governador de tempo integral, diz a *Rubem Braga*, numa entrevista exclusiva para MANCHETE, que está cumprindo fielmente tudo o que prometeu ao povo paulista, sem ter mêdo nem pena de ninguém.

Fotografias de Francisco Carvalho Henriques

São Paulo sublinha seus argumentos com uma gesticulação rica e expressiva. Cabelos longos embora aparados, bigode caindo na bôca, sua figura é sempre impressionante.

Passei duas semanas em S. Paulo e me avistei duas vêzes com o governador Jânio Quadros. Conversei com vários de seus auxiliares e alguns de seus adversários, mas principalmente com pessoas que me pareciam capazes de formar um juízo independente: velhos e novos jornalistas que, por dever de ofício, acompanham dia a dia sua administração. Foi assim que se formaram estas minhas impressões sôbre a administração e a política do jovem professor secundário que é um dos candidatos mais sérios ao futuro pleito presidencial.

Jânio me recebeu bastante mal-humorado. Na véspera tivera um incidente com o líder da UDN, que o apóia na Assembléia Estadual. Passara, nêle e em outros deputados, que se haviam descuidado por ocasião da votação de um veto, um "pito" que foi considerado excessivo. Naquela manhã mesmo tivera um aborrecimento: viu-se atacado na primeira página de "Semanário", e rasgara o exemplar do jornal, irritado. Na véspera negara entrevista a um correspondente norte-americano, como vem negando sistemàticamente a todo jornalista.

— "Cada entrevista que dou só me produz aborrecimentos. Sou mal interpretado e, a seguir, desancado em editoriais ou artigos assinados. A imprensa tem sido injusta comigo."

Ponderei que só o entrevistara uma vez, quando era prefeito, e acreditava ter sido correto. Reconheceu isso e se fêz mais cordial, mas sempre queixoso:

— "Não me importa o que digam. Eu aqui sou um administrador, trabalhando com tempo integral, tempo que se derrama pela noite. O que prometi estou cumprindo. Fiz e continuo a fazer uma limpeza completa no Estado. Limpei tudo, moralizei tudo, sem pena nem mêdo de ninguém. No Brasil ninguém pode governar com sorrisos: só a pau!"

E passou a enumerar o que já conseguiu: restauração do crédito do Estado, através de um expurgo de todos os autores de bandalheiras e de uma política financeira severa, que transformou "deficits" crônicos e crescentes em um "superavit" no orçamento de 1957. E, apesar de tôda a economia, o Estado está realizando. O abastecimento de água da Capital foi aumentado, e até o fim dêste ano só a rêde nova atenderá a mais 200.000 habitantes. Estradas sendo pavimentadas, hidrelétricas em construção, grandes campanhas sanitárias e educativas, etc.

Em menos de 2 anos Jânio pôs

QUANDO êle faz uma pausa insisto em fazer perguntas sôbre política. Nega-se redondamente a responder. Dá ordem ao seu secretário particular de me facilitar o acesso a tôda e qualquer repartição do govêrno e colhêr todos os dados que me interessarem — mas, de política, nada. Peço, porém, que abra uma exceção: caso a nova lei de imprensa seja aprovada, como desejam certos círculos, com dispositivos antidemocráticos, êle a aplicará em seu Estado?

— "Já se publicou alguma coisa na imprensa do Rio a respeito de meu modo de encarar êsse assunto".

O jornalista Ribeiro Pena, que está presente, e muito me ajudou nesta e em outras reportagens, esclarece: "O Globo" deu uma nota dizendo estar informado de que Jânio não aplicaria a nova lei de imprensa em São Paulo, se a julgasse antidemocrática. E Pena mesmo pergunta:

— "A notícia era exata?"

Jânio responde com outra pergunta, que importa em confirmação:

— "Eu a desmenti?"

Governador de fastio (só à mesa) carrega na pimenta de Mangabeira

NO dia seguinte tive a honra de almoçar em Palácio com o governador, sua senhora e outras pessoas, mas êle fêz questão de frisar que o convidado não era o jornalista. Ao sabor da conversa, na mesa, abordou vários assuntos: problemas de São Paulo e da União, observações que fêz no Nordeste durante a campanha de Juarez, coisas que viu na Europa, propaganda de nosso café no estrangeiro, etc., mas seria deselegante contar o que êle disse — nada, aliás, de extraordinário.

Fiquemos nos detalhes pitorescos: queixou-se de estar fumando demais ("Hollywood"), o que lhe tira o apetite; apesar disso repetiu o feijão-arroz-farinha e comeu um pedaço de carne de porco e um bife à milanesa. Não tocou nos vidros de vitamina postos em sua frente. Fartou-se de uma pimenta fortíssima, presente de Otávio Mangabeira, e não refugou o pudim. Tomou um copo de vinho. Pareceu-me mais forte do que no tempo de prefeito. Continua a usar cabelos muito longos, mas os tinha aparados e a cara barbeada; ganharia em aparar também o bigode, que se derrama demais sôbre a bôca; estava vestido limpa e corretamente, mas sem elegância nenhuma e calçava feios sapatos com fivela.

Outras notas: mandou pôr avisos em tôdas as esquinas do quarteirão do Palácio proibindo buzinas e qualquer ruído, inclusive apitos de guarda-civil. Detesta ruídos; mas aumentou para cêrca de 600 cabeças a pequena coleção zoológica do jardim do Palácio (visita pública permitida nas manhãs de domingo) e não reclama contra os gritos agudos dos pavões, araras, etc.

Mas deixemos o homem e vamos ao seu govêrno.

Concorrência honesta, pagamento rápido: O Estado vai às compras

E apenas honesto dizer que a recuperação financeira do Estado é um fato, e a moralização da vida administrativa também. Êstes são os dois maiores — e indiscutíveis — motivos de orgulho de Jânio, em menos de dois anos de govêrno.

Sôbre finanças já entrevistamos o professor Carvalho Pinto. Cabem aqui, porém, duas palavras sôbre as compras que o Estado faz.

A Comissão Central de Compras, criada no govêrno Ademar, tinha funções muito restritas. Ela é composta de representantes da lavoura, indústria e comércio e altos funcionários do Estado. No Govêrno Jânio, embora o pessoal da Comissão fôsse diminuído (são apenas 70 funcionários de carteira) ela multiplicou suas atribuições. Centraliza hoje a compra de todo o material permanente e 70 por cento do material de consumo: até o fim do ano, segundo ordens de Jânio, deve ser 100 por cento: as outras repartições só poderão fazer diretamente pequenas compras, inferiores a mil cruzeiros, quando não houver no almoxarifado da Comissão o material necessitado. (Há um crédito de 20 milhões para a formação dêsse estoque, que corresponde ao capital em giro de uma firma comercial; êle será aumentado agora para 100 milhões).

Em 1955 a Comissão fêz compras no valor de 215 milhões de cruzeiros; êste ano elas atingirão a cêrca de 500 milhões.

As compras são realizadas em bases técnicas, segundo especificações feitas pelos Institutos de pesquisa competentes. Feita uma concorrência, as propostas são abertas pùblicamente; vem então o julgamento. Em um prazo de 24 horas depois dêsse julgamento é feita a entrega à firma vencedora do subempenho, que corresponde ao contrato de compra. Em seguida há a entrega e conferência do material, às vêzes sujeito a análises de laboratório; feita a entrega, a firma procede ao faturamento que dá entrada na Comissão de Compras. O pagamento é realizado por sistema automático: dentro de 15 dias, no caso de haver um desconto que a Comissão reputar razoável; dentro de 45 dias, quando não há descontos a favor do Estado. O pagamento é feito em cheque nominal contra o Banco do Estado. A economia realizada graças a êsses descontos pelo pagamento à vista (êste ano, até 12 de setembro, ela quase atingiu 2 milhões de cruzeiros) é escriturada como receita do Estado.

A rigorosa honestidade das concorrências e a presteza e segurança do pagamento atraem as firmas fornecedoras, que, aliás, quando assim desejam, conseguem fàcilmente descontar em qualquer banco da praça, inclusive em bancos estrangeiros, o subempenho que equivale ao contrato de compra.

O material do Estado passou a ser todo padronizado e de alta qualidade, a preços tão bons como os pagos por qualquer particular zeloso de seu dinheiro. A prova de que havia grandes abusos é fácil: um certo sanatório, por exemplo, que consome 80.000 quilos de carne em 6 meses, e pagava essa carne, segundo a qualidade, a Cr$ 44,28, Cr$ 34,28 e Cr$ 23,98, passou a pagar a Cr$ 22,90, Cr$ 16,20 e Cr$ 23,98, respectivamente. Para êste ano a Imprensa Oficial comprou a mesma quantidade de papel que no ano passado; pois, apesar do aumento do preço do papel, o Estado pagou menos 4 milhões de cruzeiros que há um ano atrás.

Os comerciantes, pecuaristas, lavradores e industriais têm conhecimento direto dessas coisas: é por isso que o govêrno Jânio Quadros conquistou tanto crédito na opinião das classes conservadoras. Moralizaram-se também os contratos de empreitada, velha fonte de marmeladas, principalmente no caso das rodovias. Hoje grandes firmas são atraídas e oferecem preços razoáveis porque sabem que receberão seu dinheiro no prazo marcado, sem necessidade de pedir "pistolão" nem dar comissão a ninguém.

Os benefícios são pagos sem fila no ex-império dos ratos extintos

JÁ falamos em outra reportagem do Banco do Estado (isolado da política) e da Caixa Econômica Estadual, reintegrados ambos em seus verdadeiros papéis. Há também o Instituto de Previdência (diretor atual, o socialista Francisco Morato de Oliveira) antes envolvido em imensas e ruinosas operações imobiliárias, com avaliações de terrenos feitos "de mãe para filho", construções contratadas sem concorrência a preços caríssimos, pecúlios, pensões e auxílios pagos com atraso. Aqui também houve uma limpeza completa, com demissões a bem do serviço público, e inquéritos. Resultado: a receita de 1955 foi superior em 51 % à de 1954, a renda de contribuições aumentou de 92 %; os benefícios são pagos em dia (cêrca de 10 milhões de cruzeiros por mês); acabaram-se as filas de inválidos e valetudinários nos "guichets"; foram criados vários planos novos de financiamentos de casas populares de vários preços, com grande interêsse do público; os inativos começam a receber logo no mês imediato a sua aposentadoria, sem ter mais de esperar longos meses a tramitação dos seus processos.

Em quatro anos de govêrno, cinco vêzes mais estradas pavimentadas

DO grande plano de obras destaca-se a pavimentação de estradas: Jânio espera deixar o Estado com 3.000 quilômetros pavimentados, isto é, cinco vêzes mais do que encontrou. O ritmo dos trabalhos é excelente e tôda gente é paga em dia, quando antes os operários do interior estiveram atrasados até 6 meses! A rêde geral de estradas deve ser aumentada de 9.000 para 14.000 quilômetros. Obras públicas de tôda natureza, muitas das quais estavam longamente paralisadas, estão sendo ràpidamente ultimadas em todo o Estado, e a cooperação com os Municípios é intensa. Construiu-se em Santos nova linha de esgotos, e as praias estão sendo saneadas, livres dos despejos sem tratamento. As estradas de ferro estaduais foram postas em ordem e estão sendo reequipadas, graças a empréstimos do Banco de Desenvolvimento Econômico.

A potência termo e hidrelétrica instalada hoje em São Paulo é de cêrca de 1 milhão de kW, dos quais quase 800.000 kW correspondem à Light e mais de 140.000 ao grupo norte-americano. Apesar disso o "deficit" atual paulista é de 500.000 kW; a previsão é que dentro de 10 anos a potência necessária será de 4.000.000 kW; o capital particular, tendo-se instalado nos centros mais densamente povoados, não se anima

São Paulo em ordem

a novos investimentos, onde não lhes interessa; só o Estado pode dar solução ao problema. O programa imediato de obras objetiva a cobertura do atual "deficit", a satisfação de crescimento da demanda no decorrer do decênio 1956-65 e a formação de uma reserva de capacidade de produção ao findar êsse decênio. O engenheiro Mário Lopes Leão é quem dirige tudo; êle conta alcançar seus objetivos concluindo as usinas já em construção e atacando novas, no vale do rio Pardo, do Tietê e do Paranapanema, estando previstos os recursos necessários e estabelecido o plano de prioridades das obras.

No terreno da Educação (secretário: Vicente de Paula Lima) a ação do govêrno é geralmente elogiada tanto pela sua orientação como pelas suas realizações.

Saudade de tempos menos austeros trabalha contra Jânio no govêrno

A Secretaria da Agricultura também apresenta uma lista de serviços, mas notei entre os colegas de imprensa algumas reservas sôbre a eficiência de seu funcionamento, o mesmo devendo dizer sôbre outras Secretarias menos importantes, como a de Justiça e a de Govêrno. Elogios mais firmes ouvi sôbre o Secretário de Saúde (Coutinho Cavalcanti, de extração petebista), especialmente no que se refere à instalação e funcionamento de postos de puericultura na Capital e no interior e planos de saneamento e combate a várias moléstias.

No tocante à Polícia (Secretaria de Segurança) meus informantes estão em expectativa: criou-se a Polícia Feminina, aumenta-se a Guarda Civil, muitos maus elementos foram afastados, estuda-se uma reforma geral da Polícia, mas as falhas herdadas são tão grandes que é cedo para dizer alguma coisa. Elogia-se a criação de penitenciárias agrícolas.

De qualquer maneira é incontestável que qualquer apreciação do govêrno Jânio deixa um saldo muito favorável. Seria difícil dizer, entretanto, se êle ganhou em popularidade. Muita gente tem saudades de tempos menos austeros, e os funcionários públicos se queixam de ganhar pouco e trabalhar muito.

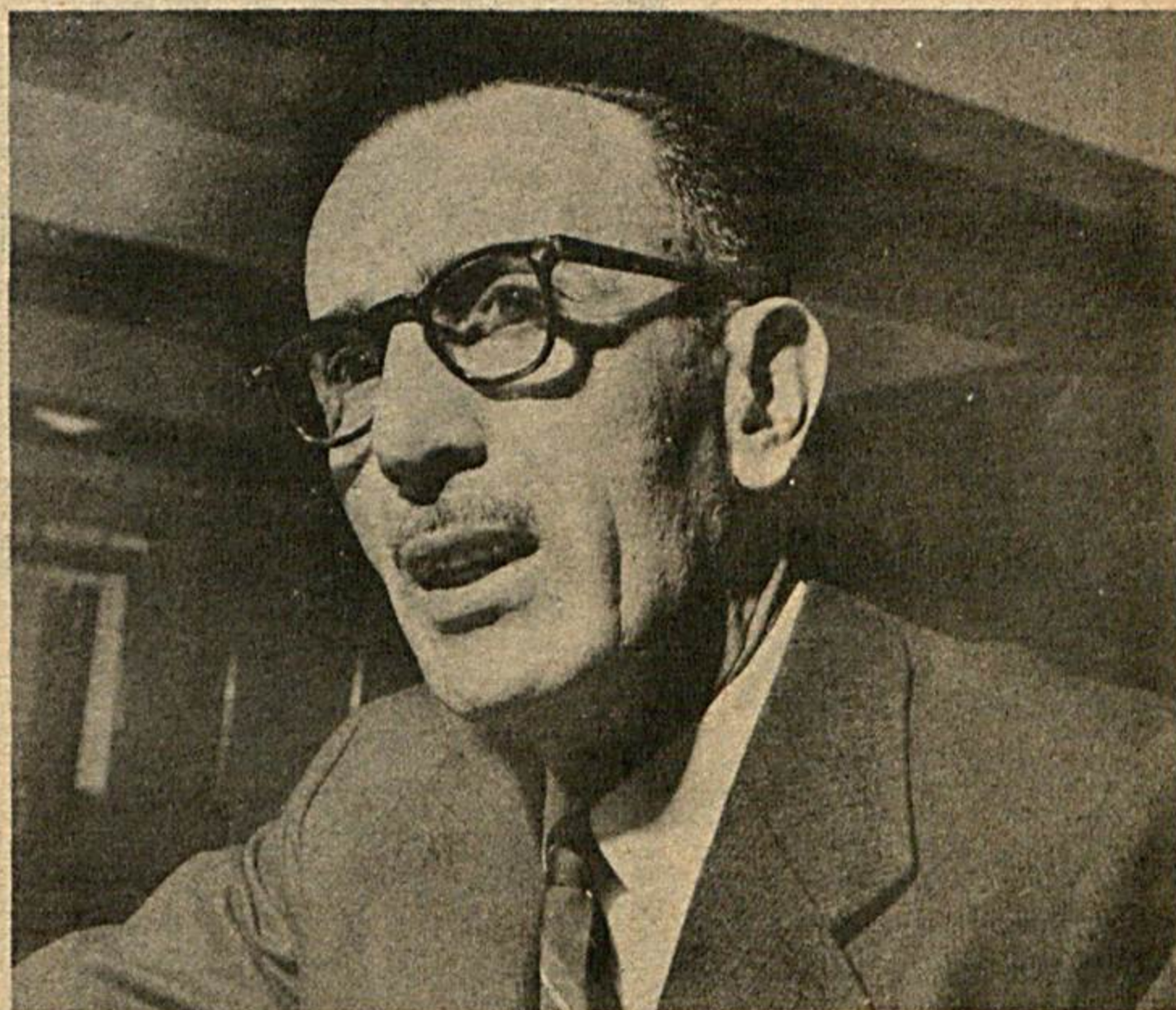
Tudo dá certo (até os defeitos) em sua fulminante carreira política

PEDI a um certo número de pessoas que me pareciam imparciais que fizessem uma lista dos defeitos de Jânio. Devo esclarecer que se trata de pessoas unânimes em elogiar suas qualidades e os benefícios já prestados pelo seu govêrno.

As respostas foram tôdas semelhantes. Jânio é acusado de espírito autoritário, personalismo, egocentrismo, desprêzo pelos partidos, portanto tendência ditatorialista. É dado como impulsivo e por isso capaz de cometer grandes injustiças. Continua com um certo exibicionismo demagógico. É impiedoso para com os adversários e não raro sacrifica os amigos às suas conveniências políticas. Às vêzes trata mal seus próprios secretários (não todos) e auxiliares diretos.

Sua limpeza da administração é feita com exagêro e injustiças. Citam-se casos: o diretor do Hospital de Clínicas foi afastado e sujeito a processo com grande escândalo "purificador". Comprovada sua inocência, foi reconduzido, mas com pouca ou nenhuma publicidade. O diretor da Penitenciária da Capital, que estava realizando uma obra notável, foi afastado temperamental e barulhentamente por Jânio devido a uma reportagem escandalosa; não tinha culpa alguma, mas não foi reconduzido, e o novo diretor adotou um regime militar insuportável na Penitenciária. Além de injustiças (há muitos outros casos), crueldades: um velho funcionário aposentado, de 60 anos, apanhado em falta leve, foi chamado à ativa apenas para ser demitido a bem do serviço público.

Qualquer denúncia é aceita e publicada sem exame: "a metade do funcionalismo público está processando a outra metade" — é uma piada corrente. "A verdade é que Jânio ganharia muito se procurasse corrigir algumas falhas de seu temperamento, e fôsse menos precipitado, "fiteiro" e personalista" — me disse um de seus amigos pessoais. E juntou: "Mas êle é vaidoso, e tudo isso que tem feito tem dado certo até aqui em sua carreira política, francamente fulminante; não sei se me perdoaria se eu lhe dissesse estas coisas. De qualquer modo êle foi uma bênção para São Paulo e é uma grande esperança para o Brasil."

Note-se ainda, a respeito de adversários, que Jânio, embora com freqüência impiedoso, também sabe atraí-los quando entende oportuno: seu atual Secretário de Govêrno, Derville Alegretti, é o mesmo deputado estadual que pediu seu exame de sanidade mental...

Francisco da Rocha Pinto, diretor executivo da Comissão Central de Compras de São Paulo. Os fornecimentos são pagos dentro de 45 dias, no máximo.

O engenheiro Mário Lopes Leão é quem está construindo as novas usinas elétricas. Seu programa imediato é anular o deficit atual de eletricidade.

Coutinho Cavalcanti, de origem petebista, é o secretário de Saúde. Está instalando e pondo em funcionamento postos de puericultura no interior.

Esta é a linha "Aimant", das mais recentes criações de Christian Dior. Dos sapatos ao chapéu, tudo é confeccionado nos "ateliers" do famoso costureiro francês, agora remodelados e ampliados: são 28 seções, nelas trabalhando mais de mil operárias e artesãos.

"Manchete" visita Christian Dior

Christian Dior mostra-nos sua casa, agora inteiramente remodelada no sentido de coordenar as diversas secões dedicadas, cada uma, a determinado detalhe da elegância feminina. Outrora, êle só criava vestidos. Atualmente, qual um chefe de orquestra, o famoso costureiro francês orienta uma fábrica de meias, outra de perfumes, um atélier de chapéus outro de peles e também um sapateiro cujos modelos custam pequenas fortunas.

— Em 1947, quando inauguramos nossa casa da Avenue Montaigne, — diz-nos Dior —, tínhamos apenas 3 atéliers e empregávamos, ao todo, 85 pessoas... Hoje, ocupamos 28 atéliers com mais de mil operárias e artesãos. Nossa firma é constituída por oito sociedades e possuímos 16 concessionários nos cinco continentes...

O orgulho do sucesso resplandece na fisionomia em geral inexpressiva dêsse normando cujo nome, segundo as pesquisas do instituto americano Gallup, figura entre os das cinco pessoas mais conhecidas no mundo. Êle passeia pelos salões como o faria o contramestre de uma fábrica qualquer: vestido de guarda-pó branco, detendo-se aqui e ali, explicando aos jornalistas convidados (para um coquetel) tôda a marcha do seu refinado negócio:

— Para cada coleção, prevemos cêrca de 220 modelos de vestidos, dos quais anulamos, antes da apresentação, cêrca de 40... Diante da menor dúvida, não hesito em sacrificar o meu trabalho, como um artista rasga a sua tela imprestável...

Cada coleção exige um mínimo de cem horas de trabalho, ou seja, um mês e meio do conjunto dos atéliers... É de estranhar-se que o preço de um modêlo de Christian Dior atinja os 500 mil francos (cem mil cruzeiros)?

A elegância é antes de tudo uma questão de dinheiro — Marilyn Monroe tem mau-gôsto, mas isso fica bem nela e sòmente nela.

Por Justino Martins
Correspondente de MANCHETE em Paris

É verdade, os grandes costureiros franceses são demasiado caros. Diz-se que a elegância é uma virtude francesa. Christian Dior corrige:

— Eu acho que a elegância é, antes de tudo, uma questão de dinheiro. Se olharmos a rua parisiense, veremos poucas mulheres elegantes. Nem tôdas podem vestir-se nas grandes casas. Elas se arranjam como podem e, no geral, copiam mal os piores modelos vistos nas vitrinas das casas de confecção. Creio que isso acontece em qualquer parte do mundo...

Mas êle parece esquecer que há mulheres ricas que se vestem com péssimo gôsto. Gina Lollobrigida, por exemplo... E a Princesa Margaret, da Inglaterra, que usa estola de visón com chapéu de plumas e **tailleur** esportivo? Ingrid Bergman usa sapatos sem salto. Não há elegância que resista ao salto baixo. Mas pode-se perdoá-la: Ingrid tem 1,80m de altura... E Audrey Hepburn se parece demasiado com um **manequim**. Vendo-a, pensamos mais no que ela usa do que nela mesma. Marilyn Monroe tem mau-gôsto mas isso fica bem nela e sòmente nela. Grace Kelly não perde a oportunidade de mostrar o seu colar de pérolas... Marlene Dietrich é maravilhosa, mas adivinha-se que ela levou três horas para enfiar o vestido...

— Quando a moda se propaga e aparece na rua, — diz Christian Dior —, cai fora da moda...

"Elegância — diz o famoso costureiro Christian Dior — é, antes de tudo, uma questão de dinheiro, bom dinheiro".

Vestido de recepção (da mesma linha "Aimant"). Christian Dior fala com muito orgulho de seu refinado negócio.

Cada coleção de Dior exige cêrca de 100 horas de trabalho. Daí os preços elevados.

Christian Dior

(conclusão)

Christian Dior — Outono e inverno — 1956.

Dior aponta êste como uma sensação.

No meio da visita, ocorre-nos uma pergunta indiscretíssima a fazer a Christian Dior: diz-se, em geral, que no momento de decidirem sôbre a orientação a ser dada a uma nova linha da moda, os costureiros franceses se reúnem... Será isso verdade?

— Você o crê? — responde-nos —, quem diz isso não tem a menor idéia do que é a moda e de que maneira ela nasce... Nós, os criadores da moda, temos personalidades bem diversas e jamais poderíamos submeter-nos a uma regra comum. Seria negar a própria essência da Moda e da Costura. Como imaginar uma criação possível num clima destituído de fantasia, no qual tudo seria previsto adiantadamente? Como jornalista, você deve saber que trabalhamos dentro do maior segrêdo. O mistério é indispensável à criação artística.

— Mas como nasce o espírito da moda, ou a sua linha?

— Na realidade, a linha da moda é criada pelo público. Ela é feita de vários elementos. O primeiro é a atmosfera da época, o segundo é a lógica, o terceiro, o acaso, o quarto, a escolha que fazem as revistas... Vocês os jornalistas, também lançam a moda a seu gôsto...

Em resumo: os costureiros propõem e o público dispõe.

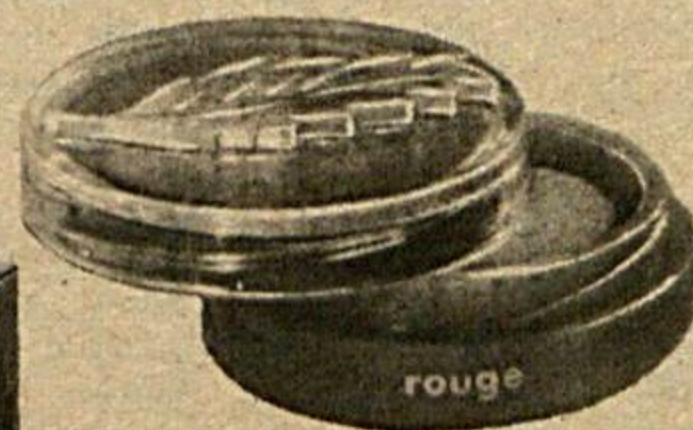
— Creia-me, — diz-nos Christian Dior — nós trabalhamos todos com a esperança de fazer uma obra diferente da dos demais, algo de único e de exclusivo, a fim de impô-lo. É a razão pela qual uma coleção de 200 vestidos pode ser feita com um número reduzido de idéias novas. Muitas vêzes, eu parto de apenas dez croquis desenhados ao acaso dos dias e noites, em viagem ou sentado no meu estúdio...

E por último, uma provocação ao costureiro:

— Numa época em que o mundo inteiro socializa a sua economia, ainda há esperanças para o luxo?

— O luxo é tudo aquilo que ultrapassa a nossa simples necessidade de comer, morar e vestir. O próprio anseio mundial de melhorar as condições de vida da humanidade é um luxo. Não tenha dúvida: o ideal de todos os governos e sistemas econômicos é dar o máximo de luxo aos povos.

Crônica da Pacificação

Jânio e Juscelino: aproximação ainda não definida.

DO pântano nasceu uma flor: a pacificação nacional. Tudo anunciava a borrasca, o tumulto, mais beligerância. Havia o projeto de lei de imprensa em plena delivrance, trazendo no bôjo o renegado dispositivo da apreensão dos jornais. O julgamento do crime de Toneleros estava às portas. Surgira um novo caso, o do "tripé militar", que a oposição havia recolhido, sem esfôrço, na própria mesa de jantar do sr. Juscelino Kubitschek. A reforma do general Juarez Távora dera lugar a uma demonstração de solidariedade, por parte de milhares de oficiais das três armas. Afora êsses casos excepcionais, enfrentava, ainda, o govêrno, aquela rotina de crises que tem sido o seu calvário desde o dia 31 de janeiro. Mas eis que de repente, não mais que de repente, a noite se fêz dia, céu sem nuvens, sol intenso. Tudo aconteceu a um só tempo, e simultâneamente por muitos condutos, como uma estratégia, longamente calculada, que se estivesse executando em têrmos de "blitzkrieg": discurso de Láfer na Câmara, declarações do governador Meneghetti (já no Rio), chegada do governador Balbino, declarações do deputado José Joffily, novos pronunciamentos do governador Bias Fortes, viagem do Presidente a São Paulo, encontro e conversas de JK com JQ, discurso de Bernardes Filho no Senado ("Libertemos Juscelino!"), retraimento udenista no caso do tripé e até a misteriosa retenção da lei de imprensa.

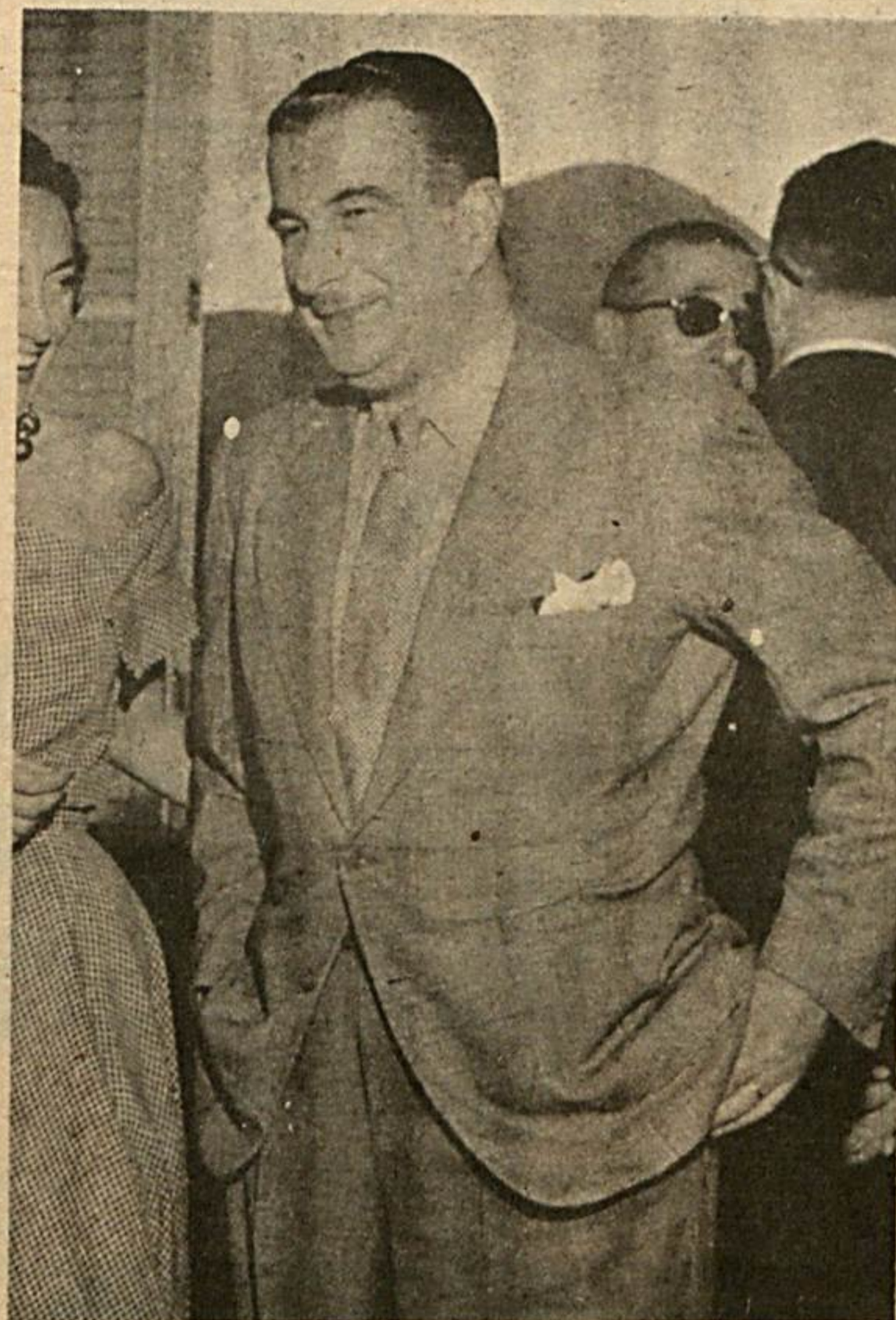
Havia apenas um fato concreto, que era a vaga aberta no Ministério da Agricultura, com a demissão do general Ernesto Dornelles. Nesse pequeno canteiro é que se pretendeu plantar o jardim da nossa paz política. Seria a hora da reforma ministerial, que o vice-líder José Joffily afinal reclamou com tôdas as letras, em nome da Ala Môça do PSD. Mas poderia ser, também, a hora de "um amplo entendimento entre as fôrças políticas nacionais", como, de há muito, vinha pregando o governador Bias Fortes. Bernardes Filho pediu, então, no Senado, a libertação do sr. Juscelino Kubitschek, imobilizado, até aqui, na camisa de fôrça multipartidária que vestiu para chegar ao Catete e por compromissos eleitorais cobrados implacável e usuràriamente.

As notícias de São Paulo chegavam a ser muito positivas, quanto ao entendimento entre o Presidente da República e o governador Jânio Quadros, tudo na base de protocolos e imediatas compensações ministeriais. O estado de lua-de-mel nas relações Catete-Campos Elísios era compravado com os discursos e as declarações dos dois governantes, onde transpareciam claramente os mútuos propósitos de aliança. Por um momento houve pânico, tanto nos setôres mais avançados da oposição, como entre as fôrças de sustentação do govêrno, ameaçadas por incômoda concorrência.

A hora seguinte foi a da análise fria dos fatos, com as suas conclusões realistas. A oposição negou qualquer parcela de interêsse, e muito menos de participação, numa matéria, como a da reforma ministerial, cujas responsabilidades cumpriam exclusivamente ao govêrno. No seio governista os apelos de reforma e entendimento estavam sendo recebidos com forte suspeição, mais na área interna do que extra-muros. Cresceu a disputa entre as diversas alas do PSD, ao passo que os petebistas se sentiram acuados pelo pessedismo insaciável. Respondendo ao apêlo do senador Bernardes Filho, o sr. João Goulart resolveu deixar ao Presidente da República a livre escolha do novo ministro da Agricultura, contanto que fôsse petebista e gaúcho. A Ala Môça do PSD procurou explicar a sua verdadeira posição: queria uma reforma ministerial apenas civil e dentro do sistema de fôrças que elegeu o sr. Juscelino Kubitschek. Quanto ao acôrdo com Jânio, os ademaristas se encarregaram de advertir o govêrno das suas desvantagens: que adiantava ganhar o apoio janista, em troca de duas ou três pastas, se isso importava, para o sr. Juscelino Kubitschek, na perda do sr. Ademar de Barros (já livre da justiça) e da ponderável bancada parlamentar do PSD?

A nomeação do sr. Mário Meneghetti dentro do rigoroso critério petebista, parece ter reduzido a reforma ministerial, neste momento, a um episódio isolado de substituição de ministro. Mas há outros dados não suficientemente esclarecidos. O principal dêles é o das "secretas" combinações entre Juscelino e Jânio.

Senador Bernardes Filho: Quer a libertação de Juscelino das peias partidárias e de ultrapassados compromissos eleitorais.

Governador Meneghetti: Apóia a pregação conciliatória de Bias Fortes.

Governador Bias Fortes: Continua pregando "um amplo e leal entendimento entre as fôrças políticas nacionais".

Correspondência

JORGE S. ANTUNES (João Pessoa) — Aqui entre nós, para que ninguém nos ouça: a mim me parece que as culpas pelo que aí está cabem a todo mundo. Só a falta absoluta de autocrítica autoriza essas demarcações rigorosas na área ubérrima dos nossos erros. Que importa se uns falharam por ganância, e outros por excessivo desprendimento? Que vale distinguir entre o êrro do imoral e o do inepto? No fim das contas, todos se encontraram no mesmo desvio. A democracia brasileira, por essas e tantas outras culpas acumuladas, já nem é mais aquela "plantinha tenra" de que nos falava Otávio Mangabeira. Hoje é simplesmente uma coisa murcha, que uns querem jogar ao fogo, e outros simplesmente ao lixo.

JOSÉ SETTE VIEIRA (Niterói) — Em matéria de oposição (como deve ser exercida), o escritor Gustavo Corção deu, em recente artigo no "Diário de Notícias", a palavra exata: "Eu continuo a crer na opinião pública sem romantismos, e sem ignorar que ela tem também a sua dose maciça de estupidez. E é por isso que me parece meridianamente claro que a oposição deve fazer tudo para consolidar o poder, e para compelir o govêrno a alguns atos bons. Sua combatividade deve ser incansável na denúncia das irregularidades, mas não deve, de modo algum, se nortear pelo propósito sistemático de criar embaraços e de desmoralizar o govêrno. O oposicionista não deve fazer oposição ao Brasil. Além disso, cumpre lembrar o que a experiência já nos ensinou: não é boa a técnica do impropério desmedido e contínuo. Há medida para tudo, até para o combate. Há regras para tudo, principalmente para o combate. O oposicionista que se julga obrigado a contrariar em tudo e desmoralizar a facção que governa, não é oposicionista, é agitador. Segue a idéia de quanto pior, melhor":

Recebemos e agradecemos:

"Revisão do Impôsto Único sôbre Combustíveis Líquidos", remetido pelo engenheiro Lucas Lopes, secretário-geral do Conselho de Desenvolvimento".

"A interpretação política e a interpretação jurídica da lei", pelo advogado Tuany Valdetaro e Silva.

Notas *em tom menor*

POSIÇÃO DE MENEGHETTI — *Conversa no restaurante de MANCHETE. Repórter: "Se o Presidente da República lhe pedisse um nome para o Ministério, o senhor faria a indicação?". Resposta do governador: "Não. Entendo que êste é um problema exclusivo do Presidente da República, por suas prerrogativas constitucionais e pela sua responsabilidade política. Admito, no máximo, que pudesse expender a minha opinião pessoal sôbre esta ou aquela personalidade, se nesse sentido fosse solicitado pelo sr. Juscelino Kubitschek". Repórter: "Que notícias tem o senhor do propalado alvorôço militar no Rio Grande do Sul?" Meneghetti: "Não existe absolutamente nada. O govêrno desconhece qualquer sinal de anormalidade, ou de agitação, no setor militar, seja no comando ou na tropa. Houve, realmente, quem estranhasse a minha ausência do Estado, justamente quando o Rio Grande devia estar em "pé de guerra". Mas essa conversa é pura fantasia daqueles elementos interessados na confusão ou que aqui na Capital da República querem simular influência e autoridade, a salvo de demonstrações. Também entre os gaúchos se propala que o Rio está em "pé de guerra"...*

O governador Ildo Meneghetti é homem extremamente acessível e de conversa abundante, principalmente quando se trata de matéria administrativa. Quando o assunto é político, prefere pedir notícias a veiculá-las ou comentá-las. Almoçando conosco, queria saber do repórter, por exemplo, quais os candidatos à substituição do sr. Ernesto Dornelles, no Ministério da Agricultura. Achou, num tom de malícia, que a nomeação do sr. Leonel Brizolla, candidato em pauta, lhe seria particularmente grata. Não fêz, entretanto, qualquer comentário desfavorável sôbre o prefeito de Pôrto Alegre. Ao contrário, louvou-lhe, desta vez num tom firme, a capacidade de trabalho e de realização.

AINDA MENEGHETTI — *O governador Meneghetti não se considera um rebelde, em relação ao govêrno federal, como se costuma classificá-lo. Dá outra definição que, resumida, pode ser entendida como de independência. Tratando-se dos interêsses do Rio Grande do Sul "que, são, afinal de contas, os interêsses do Brasil", nunca se excusará de procurar o Presidente da República, expondo reivindicações e reclamando apoio. Bem se sabe quantos elos prendem, hoje, os Estados à União, sobretudo no que respeita aos seus problemas econômicos e financeiros. Essa relação, todavia, não implica em compromissos políticos.*

AUTOMÓVEIS — *O sr. Ildo Meneghetti mostra-se bastante animado com o plano Renault, para a fabricação de automóveis, no Rio Grande do Sul. Para mostrar a complexidade do problema, revela que a indústria, só ela, vai precisar de uma usina de 20.000 kws. Isso porque a Renault pretende fabricar, inclusive, o próprio aço dos seus veículos.*

ANÁLISE — *O ex-presidente Café Filho considerou perfeita a análise que o senador João Arruda (UDN, Paraíba) fêz da atual composição política do Exército, destacando-se as diversas lideranças e as tendências dos vários grupos em que está dividido.*

JANTAR — *O deputado Armando Falcão combinou com os jornalistas que compareceram ao jantar do Laranjeiras, por convite do sr. Juscelino Kubitschek, uma nota que desfizesse o mal-entendido do "tripé". Antes o sr. Falcão havia telefonado ao jornalista Francisco de Assis Barbosa, secretário do sr. Alvaro Lins, dêle ouvindo um desmentido total sôbre a declaração do presidente. Os jornalistas consultados a respeito, fizeram ver ao deputado que um desmentido em tais têrmos seria embaraçoso para o govêrno. Só havia um caminho para o sr. Juscelino Kubitschek: dar uma interpretação mais adequada às suas palavras do jantar.*

PREOCUPAÇÃO — *Elemento do govêrno Kubitschek, mas com bom ambiente nos Campos Elísios, revela que o sr. Jânio Quadros está vivamente preocupado com a perspectiva de não poder concluir nenhuma das grandes obras da sua administração (plano de eletrificação, estradas, etc.), antes de deixar o govêrno. São obras que não se completam em menos de 4 ou 5 anos de trabalho e, para acelerá-las, Jânio necessitaria de grandes auxílios do govêrno federal. O informante admite que sôbre êsse drama o governador paulista possa lançar a sua ponte de aproximação com o Catete. Para piorar a situação, o sr. Ademar de Barros já está explorando essas dificuldades que assaltam o sr. Jânio Quadros.*

O "SUPERAVIT" — *O prof. San Thiago Dantas não só acredita no discutido "superavit" do orçamento paulista (um dos milagres de Jânio), como reputa magnífica a demonstração, sôbre a matéria, do secretário Carvalho Pinto. Chama êle, também, a atenção para o fenômeno raro, no Brasil, de um governante aplaudido por tôdas as classes (povo, industriais, comerciantes, classe média, etc.), como é o caso de Jânio em São Paulo.*

ACADEMICISMO — *Têm-se avolumado, mesmo no campo governista, as críticas ao Banco de Desenvolvimento Econômico. Alega-se que essa instituição, concebida originàriamente para uma forma de ação prática e rápida, caiu na mais lerda rotina burocrática e no mais infecundo academicismo. Há o caso recente de um projeto de central elétrica, que levou 4 anos para ser entregue pelo Banco. Depois de tão exaustivo estudo, o projeto teve, ainda, que receber parecer do procurador geral da Fazenda. Por mais absurdo que pareça, o procurador não se limitou apenas a dar parecer contrário ao projeto, como se aventurou a propor uma nova localização da central elétrica, entrando assim numa matéria eminentemente técnica, que lhe fugia completamente às atribuições jurídicas.*

REFORMA — *O deputado Cid Carvalho, vice-líder da maioria, declara-se a favor da reforma ministerial, mas é contra a chamada "pacificação política". Entende que qualquer reforma da administração deve ser feita na área do sistema de fôrças que elegeu o sr. Juscelino Kubitschek. Finalmente, o sr. Cid Carvalho não crê que a recomposição ministerial seja para já. Talvez demore um bom tempo ainda.*

PETRÓLEO — *Pessoa ligada ao cel. Janary Nunes nos dá conta do ardente entusiasmo com que o presidente da "Petrobrás" se entrega à sua tarefa de dar petróleo ao Brasil. "Em matéria de nacionalismo, o Janary passou à temperatura de 40º", acrescenta o informante. Está êle agora febrilmente atento à busca do petróleo no campo de Abacaxis. E como se estivesse enfrentando um problema de vida ou de morte. Acompanha o mergulho das sondas centímetro por centímetro e como que se alimenta com cada gota de óleo que escapa das profundezas amazônicas.*

BRASIL — *Numa roda de personalidades influentes, no atual govêrno, chega-se à conclusão de que o Brasil é um país do tipo* assistencial. *Visto que a maioria da população não tem como ganhar a vida, o govêrno intervém assistencialmente, distribuindo pensões (empregos públicos) aos desocupados de mais sorte. Por isso é que há excesso de funcionários públicos e que, a cada momento, criam-se numerosos cargos absolutamente inúteis. Uma das ilustrações da conversa foi a situação do Lóide Brasileiro. Por excesso de empregados, o Lóide está sofrendo um prejuízo de mil e oitocentos cruzeiros por tonelada transportada. O salário médio na companhia é de 20 mil cruzeiros mensais. Um foguista ganha 40 mil cruzeiros por mês. Outro exemplo: os petroleiros da "Petrobrás" tiveram que passar por grandes adaptações para que pudessem conter o número de tripulantes exigido pelos sindicatos de classe e que é o dôbro do de qualquer petroleiro estrangeiro. O que está salvando o sistema de transporte marítimo no Brasil — concluiu-se também na conversa — é o serviço de cabotagem estrangeira. Se os nacionalistas resolverem explorar êsse campo, então estará tudo perdido.*

BANCO DO BRASIL — *O ex-ministro Tancredo Neves está impressionado com o poder do Banco do Brasil. Exerce êle, interinamente, a presidência do Banco, enquanto o sr. Pais de Almeida substitui o ministro Alkmin.*

DIPLOMACIA — *O deputado Neiva Moreira procura sacudir a poeira que cobre a Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara. Foi de sua iniciativa a convocação do ministro Macedo Soares àquele órgão. Pensa o deputado maranhense que a Comissão de Diplomacia precisa transformar-se numa ativa Comissão de Política Exterior, com marcante influência no jôgo das relações internacionais do Brasil.*

SIMPATIA — *Comentando o atentado de que foi vítima o presidente Somoza, lembrou o sr. Juscelino Kubitschek que êle e o presidente Batista, de Cuba, foram os participantes mais simpáticos da conferência do Panamá. Ainda ao tempo da Conferência, um chefe de Estado chamou a atenção do sr. Juscelino Kubitschek para o fato de que poucos presidentes da América do Sul e Central conseguem deixar o govêrno normalmente. O caso mais comum é o do fim violento e trágico.*

NOVA CAPITAL — *Foi por uma sugestão do exchanceler Raul Fernandes que a UDN indicou o nome do sr. Café Filho para a diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital Federal.*

DIFICULDADE — *Constrangimentos graves de ordem interna (reivindicações, etc.) levaram o Partido Libertador a indicar nomes estranhos às suas fileiras para a mesma Companhia Urbanizadora.*

FINIS — *Segundo o deputado Emílio Carlos, o PTB acabou em São Paulo como fôrça eleitoral.*

Como vai o govêrno?

Responde o deputado MIGUEL LEUZZI (PTN, São Paulo), Líder do Bloco Ruralista na Câmara:

A indagação, para ser respondida em seus exatos têrmos, exige análise desapaixonada e atenta dos principais fatôres que exerceram e exercem influência na conjuntura geral em que trabalha o govêrno. Além da herança trágica de erros acumulados durante muitos anos nos setôres social, econômico e financeiro, iniciou o govêrno a sua tarefa já na crista de uma crise política sem precedentes. A máquina estatal, desde algum tempo antes do suicídio do presidente Vargas estava, pràticamente na defensiva, procurando, apenas, a sobrevivência do regime. Os problemas nacionais, em lógica consequência, se assoberbaram. Ante a gravidade da situação, era de esperar-se uma trégua política, que, infelizmente, ainda não veio. Êsse o quadro em que se movimenta o govêrno. E, ao que nos parece, se movimenta bem.

Sob o ângulo político, procura o govêrno superar as incompatibilidades mais agudas, estendendo as mãos ao adversário, num digno e nobre convite à união, para o trabalho e pelo bem geral. Na face social, procura contornar as incontáveis dificuldades, vencendo as greves que ameaçam e estouram em frentes estratégicas, conciliando os ânimos e reduzindo as discórdias, através de uma orientação que atende aos trabalhadores, sem comprometer a estabilidade da emprêsa. No prisma econômico-financeiro, temos que distinguir duas fases: uma de estudos e elaboração de planos e outra de ação. Hodiernamente, à conta da complexidade avassaladora dos fenômenos sociais e à vista do adiantamento alcançado pelas ciência e técnica, todo trabalho sério deve obedecer à superior orientação dos planejamentos econômicos. O govêrno procura ajustar-se a essa diretriz.

Concluída a primeira fase, em que foram estabelecidas as "metas" e selecionados os "meios", a execução foi iniciada com desenvoltura. Evidentemente, ainda é cedo para falar-se em colheita. Tôda análise consciente há que se cingir, por enquanto, às perspectivas, eis que estamos na semeadura. E desta, interessa-nos, sobremaneira, a parte que diz respeito às atividades agropecuárias.

Temos sido, no desempenho do mandato com que nos honrou o povo paulista, um defensor intransigente do meio rural. Mais de uma vez temos proclamado que a carta de alforria econômico-financeira do Brasil só será conquistada com a redenção do meio rural. No campo está a grande alavanca de sustentação e impulsionamento do progresso nacional. Pois bem: nesse tópico o govêrno atua com acêrto, realizando o máximo que as contingências do momento permitem. Assim é que ofereceu bases razoáveis como garantia de preço mínimo para diversos cereais e algodão e, mais recentemente, abriu nova era para o financiamento agrícola, injetando recursos específicos nesse gigantesco corpo formado pela rêde bancária particular.

A nosso ver, agiu com clarividência, pois a outra solução, por muitos reclamada — o Banco Rural — só poderia atingir resultados a longo prazo e a preço muito alto. A utilização dos bancos particulares permite alcançar imediatamente o que o Banco Rural só poderia trazer daqui a vários anos. Nos setôres ligados ao binômio transporte-energia, segundo atestam os fatos, o govêrno trabalha com decisão e desembaraço, mostrando saber qual o seu objetivo e como chegar a êle.

Sem otimismo e, também sem pessimismo, podemos afirmar, já com base em dados concretos, que o govêrno, apesar de assolado por uma espécie de crise crônica, vai bem, caminhando célere para dias melhores.

O mar vai engolir Copacabana

Diz a MANCHETE Stamo Papadaki, catedrático de Urbanismo da Universidade de Brooklyn. Fala ainda sôbre a arquitetura brasileira e o planejamento da nova Capital.

Reportagem de Ferreira Gullar   Fotografias de Faria de Azevedo

Stamo Papadaki, nome internacional da arquitetura, é autor de dois livros sôbre a obra de Oscar Niemeyer, editados em inglês nos EE.UU. O primeiro dêles "Works of Oscar Niemeyer" (1950) vendeu cêrca de 15 mil exemplares, está em segunda edição e foi traduzido para o japonês; o segundo, que acaba de sair, chama-se "Oscar Niemeyer: Works in progress", e estuda os trabalhos mais recentes do famoso arquiteto brasileiro. Em 1947, publicou um livro sôbre Le Corbusier que é, na sua opinião, o mais importante arquiteto moderno: "Le Corbusier: Architete, Peintre, Sculpteur". Papadaki é grego, de Atenas, naturalizado americano; é catedrático de Urbanismo e Arquitetura da Universidade de Brooklyn (EE. UU.) e foi um dos fundadores, em 1929, da Comissão Internacional de Arquitetura Moderna, órgão idealizado por Le Corbusier. Sua presente viagem ao Brasil (a primeira) é uma iniciativa da revista de arquitetura MÓDULO, que inicia com Stamo Papadaki um programa de intercâmbio e difusão da arte brasileira: trará periòdicamente um grande nome da arquitetura e da arte mundial para proporcionar-lhe um contato direto com o que realizam os arquitetos e artistas do Brasil.

P — Qual a sua opinião sôbre a arquitetura brasileira atual?

R — Devido ao clima, a arquitetura brasileira pode ser muito mais generosa que a de países frios, onde se fazem precisas certas proteções especiais. Essas condições climáticas se manifestam vivamente na obra dos arquitetos brasileiros.

P — Que acha da nossa arquitetura, do ponto-de-vista qualitativo?

R — Devido às características climáticas, a que nos referimos há pouco, e à fácil aceitação no Brasil, país jovem, da arquitetura moderna, ela pôde aqui florescer amplamente. Ao contrário da maioria dos países, onde pouco se constrói, a não ser reconstruções de coisas danificadas, o Brasil se tornou o grande campo experimental da nova arquitetura.

P — Do muito que aqui se faz, acredita que a maioria seja de boa qualidade?

R — Sim, um balanço seria favorável à boa arquitetura.

P — Se tivesse de fazer uma crítica, qual seria?

R — Às vêzes se constrói em terrenos que não comportam a construção.

P — Por exemplo...

R — Copacabana inteira. O Parque Guinle já é o exemplo contrário, o exemplo da boa construção no lugar propício.

P — É comum fazer-se à arquitetura brasileira a acusação de que é "apenas poética". Que acha?

R — O problema é delicado e a resposta difícil. A meu ver, a arquitetura deve aproximar-se da escultura. Êsse é o seu destino.

P — Nestes últimos anos, a arquitetura brasileira tem dado sinal de evolução, estagnação ou decadência?

R — Creio — muito embora poucos participem dêsse ponto-de-vista — que o problema não é inovar, mas entrosar os diversos meios da arquitetura para conseguir-se um ambiente favorável à boa arquitetura. É necessário que o trabalho não se interrompa. Na pintura, Braque e Renoir dão bem a medida do que é

O mar vai...

(conclusão)

Papadaki aborda todos os assuntos com seriedade: "Arquitetura não é obra de museu" afirma êle.

possível fazer-se, quando há fidelidade e persistência no trabalho. Não quero com isso negar a importância dos inovadores, é claro. Êles têm o seu papel. Combato a obsessão de inovar que me parece maléfica. Por outro lado, a atividade conjunta e o entusiasmo que existe no Brasil com relação à arquitetura são o essencial. A obra-prima é uma preocupação do diretor do museu. Não se pode dizer se a arquitetura brasileira evolui ou regride. Ela é uma atitude e tudo o que se tem feito aqui é ainda o princípio da arquitetura brasileira. É muito cedo para emitir juízos.

P — Que acha dos azulejos e dos murais aplicados à arquitetura, como se tem feito aqui?

R — A síntese das artes é um problema universal hoje em dia. Em todo o mundo se procura um meio de reunir o pintor, o arquiteto e o escultor para a construção da casa. Como há duzentos anos a arquitetura se esquecera das outras artes, a retomada da questão, agora, tem um caráter experimental. No mundo inteiro, as experiências que se fazem nesse setor é um "trabalho no escuro". No Brasil, como em todos os outros países, o problema se complica pelo fato de que o arquiteto, o pintor e o escultor disputam cada qual o lugar preeminente da equipe... Cada um dos três quer que a obra se submeta às suas necessidades...

P — Há uma corrente que pretende limitar o papel do pintor na arquitetura a dar a côr das próprias paredes, dispensando o quadro e o mural. Que lhe parece?

R — A côr de uma parede pode fazê-la recuar ou avançar, pode torná-la mais pesada ou mais leve. Trata-se, pois, de um elemento corretivo, profundamente arquitetural, ao passo que um quadro, um mural, uma escultura, trazem uma contribuição emotiva à casa. Exemplo típico é a igreja da Pampulha, onde pintura e arquitetura se conjugam num impacto emocional. Quanto à policromia, é muito conhecido o trabalho de Léger no Hospital Saint-Lô, na França. Léger consegue, com a côr, dar leveza a uma construção pesada.

P — Crê, então, que sendo uma corretiva e outra emocional, as duas soluções podem coexistir?

R — Perfeitamente. O difícil é saber-se onde colocar a contribuição emocional.

P — Conhece os planos de construção da nova Capital brasileira em Goiás?

R — Não vi nada, só ouvi falar da mudança da Capital. A idéia é excelente e da maior importância para a arquitetura moderna no Brasil. Cria-se, com a construção pelo govêrno brasileiro de uma cidade moderna, o próprio instrumento de irradiação da boa arquitetura.

P — De que modo deveria ser feita a escolha dos arquitetos que planejarão a obra?

R — Desconheço as condições gerais do Brasil mas, pela minha experiência lá fora, posso garantir que o concurso é o pior dos meios. Nada dá melhor resultado que a escolha de um grupo homogêneo, para trabalhar em conjunto.

P — Sabia que vão alargar a Avenida Atlântica? Que lhe parece isso?

R — Confesso que uma decepção que tive no Rio foi a Praia de Copacabana. Julgava encontrar uma praia enorme e encontrei uma estreita faixa de areia, que o mar terminará por engolir. Depois há automóveis demais, circulando pela praia. Copacabana devia ser reservada a transeuntes e banhistas.

P — Como deve ser dirigido o urbanismo numa cidade de chão irregular como o Rio?

R — A preocupação deve ser sempre a de não separar o homem da paisagem, do contato com a natureza. O Rio, que é cheio de belezas naturais, devia ser construído de modo a que as casas não se transformassem em muralhas entre o homem e a paisagem. Grandes edifícios isolados seria a solução ideal. Já em cidades planas, as pequenas construções conjuntas podem dar bom resultado. Nesse sentido, tenho visto pouca coisa que se compare a Diamantina (Minas Gerais), onde a urbanização é de tal forma que, de qualquer ponto da cidade, pode-se apreciar a paisagem que a circunda.

P — O atêrro da Guanabara, aliás o segundo que se faz, não terminará por lhe prejudicar a beleza natural?

R — A luta do homem com a natureza é uma coisa milenar. O homem cava, derruba, entope, transforma, sem nenhum respeito pela Mãe Natura. O problema é saber até onde se pode mexer, sem criar complicações. Eu por mim creio que o que o homem deve fazer é procurar escutar a natureza e seguí-la o mais que possa.

P — Qual seu primeiro contato com a arquitetura brasileira?

R — Em 1938, o prof. Walter Sanders, da Universidade de Michigan, chamou-me a atenção para o que se fazia no Brasil em matéria de arquitetura. Nesse mesmo ano, conheci Oscar Niemeyer que foi a Nova Iorque cuidar do Pavilhão brasileiro na New York World's Fair. Já então conhecia trabalhos seus, de reprodução fotográfica, como por exemplo a Maternidade da Fundação Larragoitti, na Gávea. Em 1947, encontrei-me de novo com Niemeyer, em Nova Iorque.

P — Conhece outros arquitetos brasileiros?

R — Sim, os irmãos Roberto, Afonso Reidy. Já visitei suas obras e estive também na Cidade Universitária. Quero fazer aqui uma referência especial a Lúcio Costa, arquiteto de profundo conhecimento e de grande cultura.

P — Qual é na sua opinião o maior arquiteto atual?

R — Le Corbusier, pela complexidade de sua personalidade e de sua obra.

P — Como encara o problema da casa pré-fabricada?

R — Acho que a tendência é para fabricar peças e não a casa inteira. Durante a guerra, a construção dêsse tipo foi largamente aplicada. Hoje a preferência vai para a casa de construção comum. Nos Estados Unidos, a proporção é de 100 mil casas pré-fabricadas para 2 milhões das outras. Sua aplicação é maior nos lugares onde a mão-de-obra escasseia e onde é impossível construir durante todo o ano.

P — A casa pré-fabricada é mais barata e melhor que a comum?

R — Nem melhor nem mais barata. A diferença que há é de tempo: uma casa de peças pré-fabricadas é feita em muito menos tempo. Agora nos Estados Unidos acontece uma coisa interessante na construção de residências: em função do alto custo da mão-de-obra as casas diminuíram de tamanho e a tal ponto que o automóvel parado na porta da casa chama mais atenção que a própria casa.

EXTRA!

SUPLEMENTO FEMININO ESPECIAL

apresentando...

QUALIDADE *Fil d'Or*

Para tôdas as ocasiões há sempre um elegantíssimo modêlo em Popelinita – o maravilhoso tecido que *não encolhe!* E como sempre, Popelinita apresenta *côres firmes* e absolutamente originais!

a o maior sucesso em tecidos de algodão

vas e modernas côres firmes

Modelos de Darcy Penteado

original desfile de modas de

Popelinit

agora em 20 nova

POPELINITA

no passeio...

QUALIDADE Fil d'Or

Para tôdas as ocasiões há sempre um elegantíssimo modêlo em Popelinita – o maravilhoso tecido que *não encolhe!* E como sempre, Popelinita apresenta *côres firmes* e absolutamente originais!

a o maior sucesso em tecidos de algodão

vas e modernas côres firmes

Modelos de Darcy Penteado

original desfile de modas de

Popelinita

agora em 20 nov

POPELINITA

na toalete...

QUALIDADE
Fil d'Or

Para tôdas as ocasiões há sempre um elegantíssimo modêlo em Popelinita – o maravilhoso tecido que *não encolhe!* E como sempre, Popelinita apresenta *côres firmes* e absolutamente originais!

a

o maior sucesso em tecidos de algodão

vas e modernas côres firmes

Modelos de Darcy Penteado

mas...
veja bem...

Popelinita

Popelinita

Marca Registrada

Só existe uma
Popelinita — a que
traz esta marca
impressa em
cada 3 metros do tecido

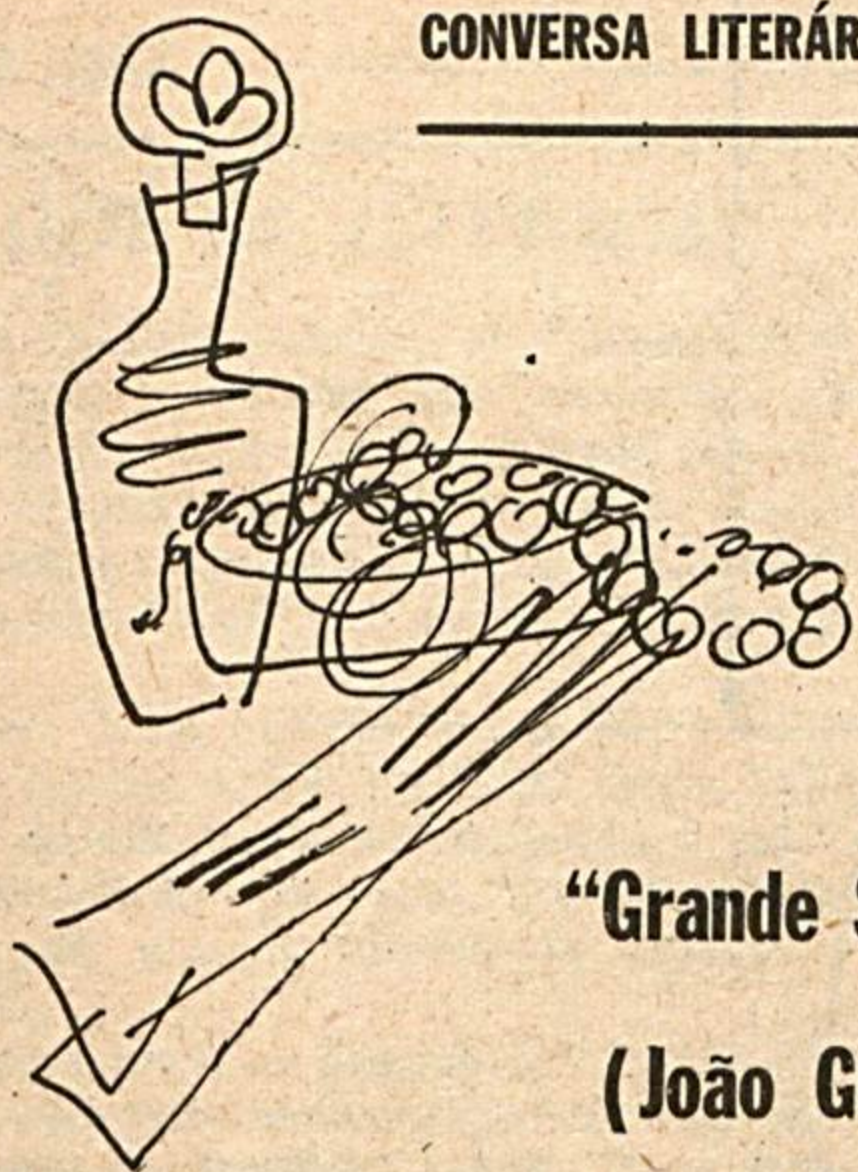
Um produto da

CIA. GASPAR GASPARIAN INDUSTRIAL

FÁBRICA DE TECIDOS SÃO JORGE - JUNDIAÍ

Itapetininga

CONVERSA LITERÁRIA

P. M. C.

"Grande Sertão: Veredas"

(João Guimarães Rosa)

Porque êsse livro conta uma história que ainda não ouvíramos, que precisávamos ouvir, uma história que agora se torna impossível imaginar não existindo; porque devemos escutar uma história ao amanhecer, outra ao meio-dia, outra ao cair da noite; uma história na infância, outra ao abrir-se das luzes e das sombras da maturidade, outra quando um farol no golfo escuro decidir o caminho da velhice; porque há uma história no princípio, outra no meio, outra no fim do mundo; porque as três histórias são uma única história: os enredos do homem com sua fôrça e seu mêdo, e a mulher com sua fragilidade e sua coragem; porque êsse livro repete a parábola da vida humana sôbre a terra e nos molha no frescor das primitivas vegetações terrestres até aclarar-nos ou ofuscar-nos em definitivas indagações da consciência; porque os homens são um único homem, e um único homem são todos os homens; porque Riobaldo estêve na Grécia, no castelo que preparava a guerra santa, na grande revolução libertária, no sertão de Minas entre os jagunços, e Riobaldo está a meu lado; porque a metafísica de Riobaldo percorre os tempos do mundo de ponta a ponta; porque Riobaldo é a ação que se contempla e o pensamento que sai armado cavaleiro;

porque a invenção dêsse livro é constante como os movimentos da natureza e as inquietações do pensamento, nessa reciprocidade que faz o homem patético perante as vagas do oceano, e fria e inapelável a órbita das estrêlas;

porque filosofar é a solidão do homem anônimo e, no entanto, através da solidão êste anônimo comunga na filosofia universal; porque só o exercício do sofrimento pode abrir esperanças ao pensamento de Riobaldo; e o pensamento de Riobaldo vai, perdido e achado, como um bando de homens armados através do sertão;

porque essa obra de arte, generosa como a fertilidade do solo, indo não sei onde, onde quer que o espírito a leve, tem a armação matemática com que se desenhou a harmonia do templo em louvor de um espírito sem forma, além de todos os cálculos; porque sempre, acima da sintaxe estruturada, há-de soprar o vento do espírito — a fim de que as contradições do nosso destino se realizem;

porque tôdas as partes dêsse livro cooperam entre si e aspiram a um fim; porque tôdas as suas figuras cooperam entre si e aspiram a um fim; porque seus hipérbatos, pleonasmos, anacolutos, anástrofes, idiotismos, prosopopéias, hipérboles, perífrases, metonímias, sinédoques, cooperam entre si e aspiram a um fim; e o fim a que aspiram é o entendimento e a denúncia dos homens; para que êstes não continuem matéria de escândalo mas ponto de partida à vida comum, o amor comum;

e ainda porque nesse livro se repetem a perplexidade das lendas mais antigas, o bem e o mal dos mais velhos humanismos; "eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o prêto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza"; porque "quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com êste mundo?"; porque êsse livro funciona em qualquer página que o abrirmos, sendo composto de círculos concêntricos;

porque o ritmo é o comentário que o autor faz às suas palavras, sua personalidade; e porque nesse livro, o comentário é de um movimento amplo e de uma iniludível vivência;

porque Riobaldo viu, ouviu, cheirou, provou da terra e dos corações; porque se integrou êle nas apreensões de seus sentidos, dando uma medida de beleza e verdade às especulações;

porque as regiões compõem o mundo e o definem, como o tecido celular define o organismo;

porque o pouco que sabemos, êsse livro ordena e nos ensina;

porque o Brasil existe; porque os brasileiros existem;

porque seguimos todos através do grande sertão, e aos poucos nos distinguimos no lusco-fusco do mato;

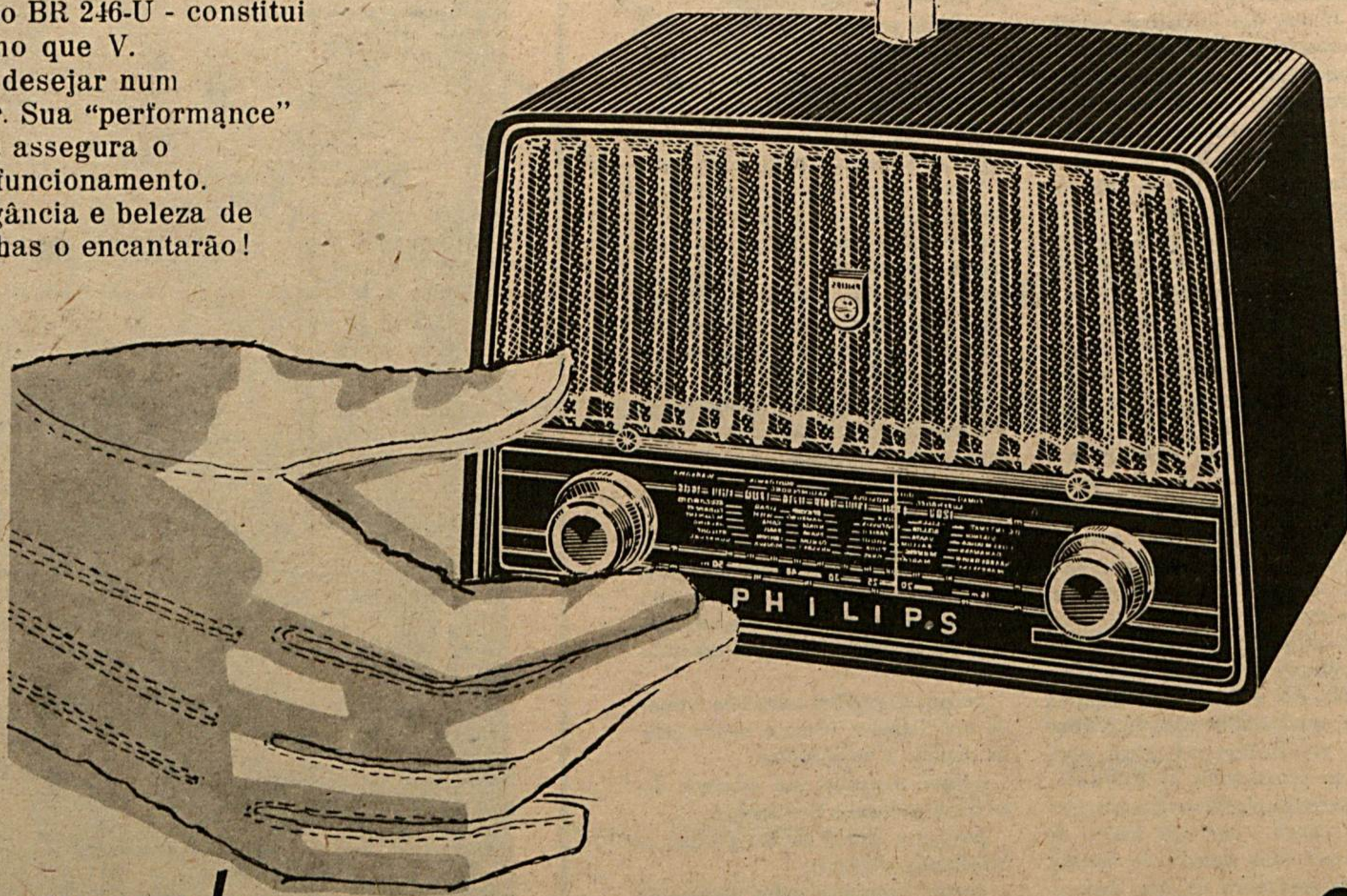
porque um livro como êsse é guardado para sempre;

eu o louvo com modéstia e espanto.

em linhas
moderníssimas a técnica mais perfeita...

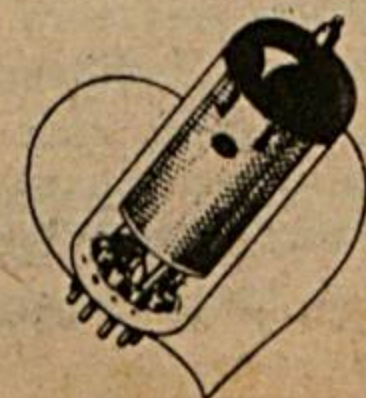
PHILIPS

oferece-lhe neste modêlo BR 246-U da nova linha Super M

Construído inteiramente pela PHILIPS, peça por peça o modêlo BR 246-U - constitui o máximo que V. poderia desejar num receptor. Sua "performance" absoluta assegura o melhor funcionamento. E a elegância e beleza de suas linhas o encantarão!

PHILIPS

PHILIPS

rádios
... que sejam PHILIPS!

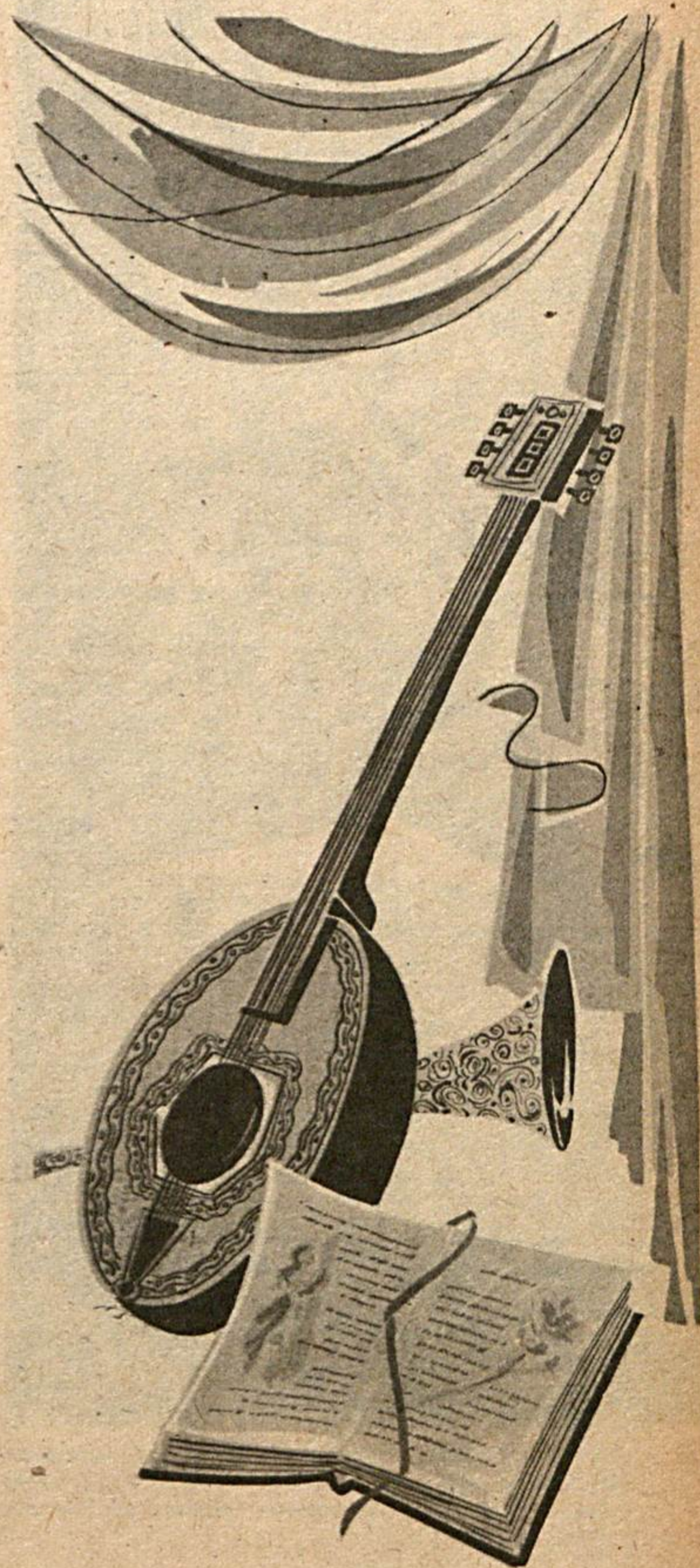
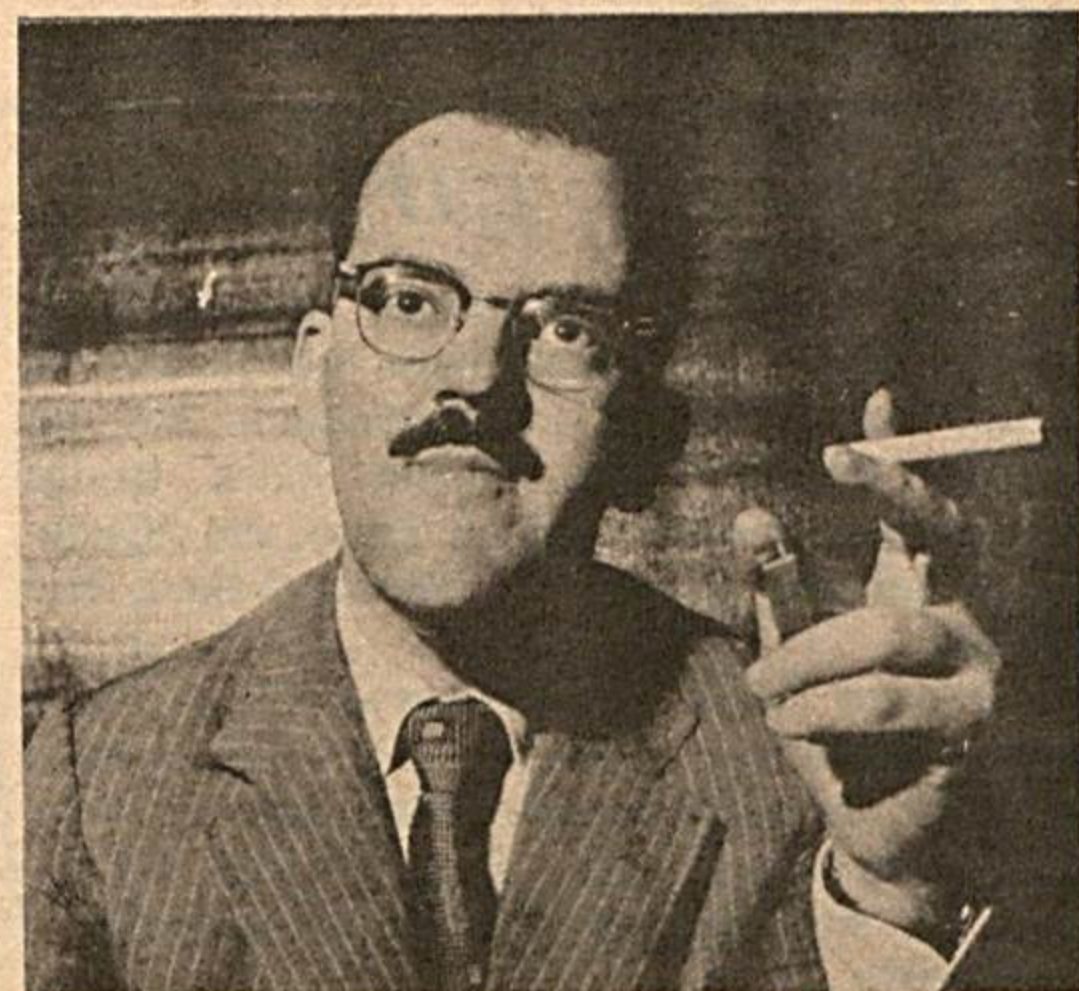
Válvula PHILIPS o coração do seu rádio

Tópicos cariocas

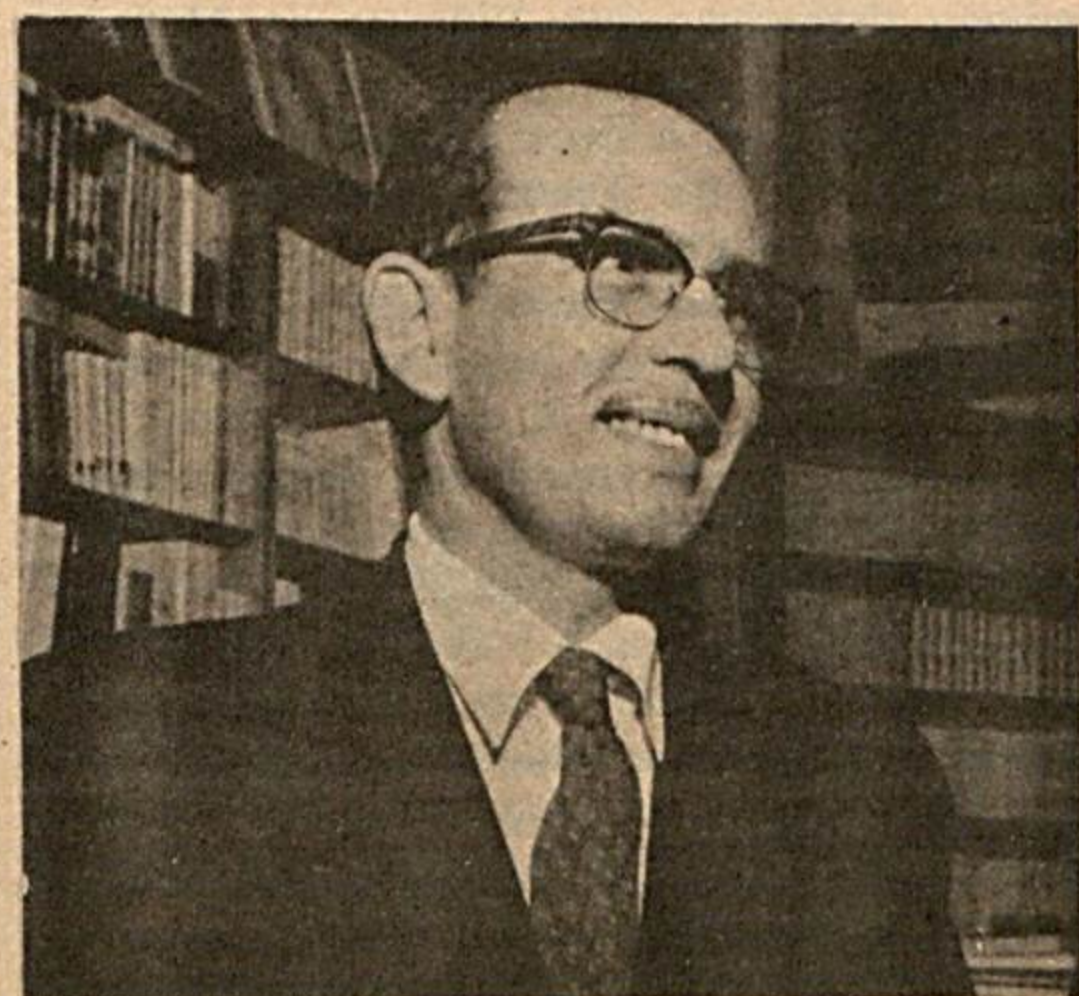
● Sérgio Cardoso, voltando ao Rio depois de muito tempo, confirmou suas qualidades de maior ator do Brasil, reapresentando seu excelente "Hamlet", de William Black Bridge Shakespeare, e encarnando o Turay, em "Quando as paredes falam", de Ferenc Fekete Hid Molnar.
● O novo "show" do "Night & Day", até o momento em que a flor dos Ponte Pretas batia as teclas de sua máquina, castigando o estilo, tinha sido adiado três vêzes. Parece até bilhete de rifa, que na véspera da extração é transferido.
● Estreou sexta-feira passada o "Tutu à Mineira", revista para comemoração dos três anos de existência do Teatrinho Jardel. Rose Rondele, Renèe Mara, Rosita Lopes, Susy Montel e Anabela são as membras de nossa frota de brotos gentilmente cedidas.
● O êxito invulvar de "Orfeu da Conceição" animou definitivamente Vinícius de Morais e aquilo que era apenas uma idéia vai tornar-se realidade, isto é, a peça será apresentada durante um mês no Teatro República.
● E no mais: Carlinhos e seu trio em vésperas de ingressar no "Fiesta"; Mara Abrantes — a Marilyn Monroe em negativo — cantora da mesma "boite", eleita a melhor "crooner" da noite, o que muito envaidece Stanislaw, que a descobriu; Djalma Ferreira com o melhor conjunto de "boite" no "Drink"; "La Cremaillére" despedindo a cantora, à francesa; Silveira Sampaio volta ao Dulcina com "No país dos Cadillacs", agora recauchutado, o que é justo, pois êsse Cadillac está na praça há anos; depois de Annie Cordy, Amália Rodrigues, no Copacabana; e Chico Wright — o Victorio De Sicca do neo-realismo culinário — prepara-se para abrir o seu luxuosíssimo restaurante no Morro da Viúva.

DORINHA DUVAL — uma das dez mulheres mais bem despidas do Brasil, que estréia no Alumínio com a revista charge "TV Para Crer".

Tópicos paulistas

● E o "show" de Zilco Ribeiro "O samba nasce no coração e morre nos solfejos de Chico Carlos" não chegou a completar uma carreira sequer razoável, no "Oásis". Zilco teve um desentendimento com a casa, botou o samba, o coração, Consuelo Leandro, Carmen Verônica, tudo debaixo do braço e caiu fora.
● Tal como no Rio, onde óperas inteiramente calhordas são montadas periòdicamente, o Municipal de São Paulo, ainda medita se deve ou não montar "Orfeu da Conceição". Que é que vocês estão esperando, senhores da Comissão Artística daí? Aqui só quem protestou contra o "Orfeu" foi a ala borocochô, dando, portanto, mais esta excelente oportunidade a S. Paulo, que foi sempre a cidade que melhor acolheu as iniciativas avançadas da arte moderna.
● Dorinha Duval vai mesmo voltar ao Teatro de Alumínio, com uma revista que é uma inteira gozação nos programas de TV. No elenco, além da mais bem lançada empresária do Brasil, Dudu Barreto Leite, Irene Bertal, Miguel Bastos, Rui Cavalcanti e — estreando em espetáculos musicados — o famoso Jeso Amalfi, o craque de futebol mais popular de Paris.
● Jordão de Magalhães, mal Louis Cole deixou o "Cave", saiu em campo, em busca de uma nova atração para o seu bar. Tanto pelejou que acabou descobrindo um excelente cantor (e quem afirma isso não é nenhum filho de jacaré com cobra d'água não, quem afirma é o vivo Lalau). Almir Ribeiro, de blusa negra, voz de barítono e ar modesto, estreou sob calorosos aplausos.
● E no mais: o Michel sempre cheio, o "Oásis" apresentando Ester de Abreu, Araci de Almeida vai à China meter lá os seus breques, "Mamouche" entrando bem no TBC, Moacir Peixoto e seu conjunto alegrando as noites do "Captain's", faz boa carreira no "Natal" a revista "A mulher é o limite", continua o "After Dark" a ser a mais elegante "boite" paulista.

SILVEIRA SAMPAIO — caracterizado no Napoleon Levy, proprietário do mais antigo Cadillac da praça.

João Guimarães Rosa é, no momento, o mais discutido autor nacional. Seu livro "Grande Sertão: Veredas" (600 páginas maciças, sem capítulos) escrito numa linguagem arrevesada, cheia de têrmos inventados, é o assunto obrigatório das rodas literárias do Rio e de S. Paulo.

Joaquim P. Nazário, dirige o Suplemento Literário do "Diário de São Paulo": "Não topo. É muito artificial".

Almiro Rolmes Barbosa, romancista e jornalista: "Livro do Guimarães tem que ser lido aos golinhos. Mas êle é de uma riqueza literária inestimável".

Domingos Carvalho da Silva, jornalista e poeta: "Você já formou opinião? Êsse homem desnorteia a gente".

Reportagem de Ruth Guimarães

Fotografias de Francisco Carvalho Henriques

NOVE PAULISTAS

— Estão dizendo que o senhor não dá entrevistas, nem responde a questionários. Verdade?

— Na entrevista perco a naturalidade, fico desconfiado, não sei o que digo. Depois que a leio sinto que não fui fiel a mim mesmo.

— Ou o intérprete não foi feliz.

Foi assim que começou a conversa com o escritor mais discutido do Brasil, no momento. Trata-se de Guimarães Rosa, que escreveu há dez anos um livro "Sagarana", de contos regionais, que foi premiado pela Academia Brasileira de Letras. Quem era êle? Estudou medicina em Minas Gerais, clinicou em cidadezinhas do interior, percorreu o sertão, e os Campos Gerais, em lombo de burro, e daí deu um pulo para a carreira diplomática. Estêve em Paris, na Alemanha, durante a ocupação nazista, e presentemente está no Rio exercendo uma função diplomática, no Itamarati.

Dez anos depois, isto é, agora, a Livraria José Olímpio lançou mais três volumes dêsse Autor: dois de contos, "Corpo de Baile", e um romance: "Grande Sertão: Veredas". Mas a bomba foi que todos êles estavam redigidos numa linguagem incrível, como nunca se viu igual escrita em parte alguma. Que é isso? Que quer êsse homem? Por que escreve de maneira tão absurda? Ele não vê que isso não pega?

Acusaram-no, inclusive de tentar fazer uma língua nova, coisa de que antes acusaram Mário de Andrade.

Quando se disse e se noticiou que êle concederia autógrafos, na Livraria Cultura Nacional, em São Paulo, os prognósticos foram os mais pessimistas. A casa ficaria às môscas, com exceção de meia dúzia de intelectuais. O homem não tem público. É um escritor que ninguém entende. Assim mesmo, a livraria acendeu tôdas as luzes, escancarou as portas, arrumou a vitrina com um retrato de Guimarães Rosa, datado de 1920, espalhou uns livros que explicavam mais ou menos o Autor, por analogia, e que eram: "O Sertão", de Euclides da Cunha e "Macunaíma", de Mário de Andrade.

Pois foi uma consagração. Com os intelectuais, e, apesar dêles, compareceu o povo. Venderam-se, e o Autor autografou, entre 16 e 19 horas, mais de trezentas coleções. A gente pensante procurou explicações. Não havia. Era talento? Era sorte? Era a moda? Era a publicidade? Foi o exotismo dos livros?

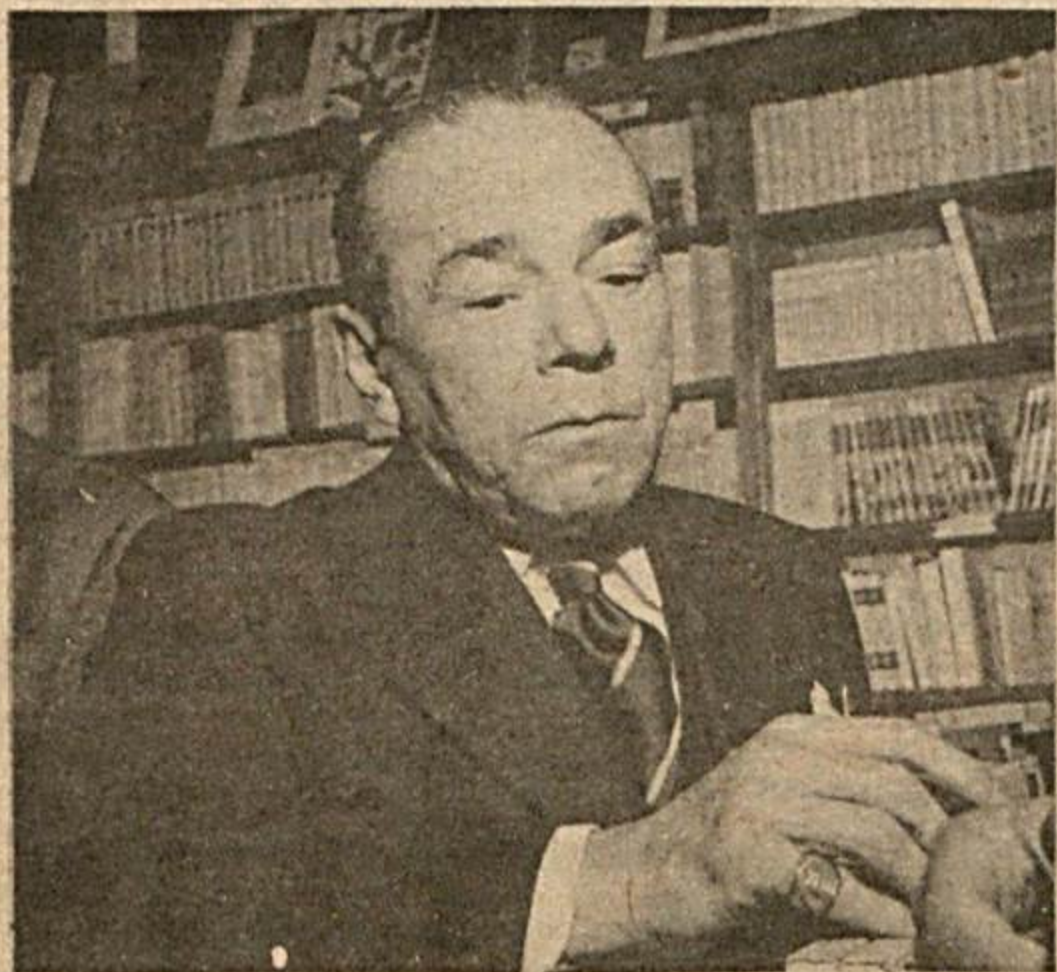
— É um Autor difícil, poucos o compreendem, e é lido. Os fatos aí estão, e havendo fatos, não precisamos de argumentos.

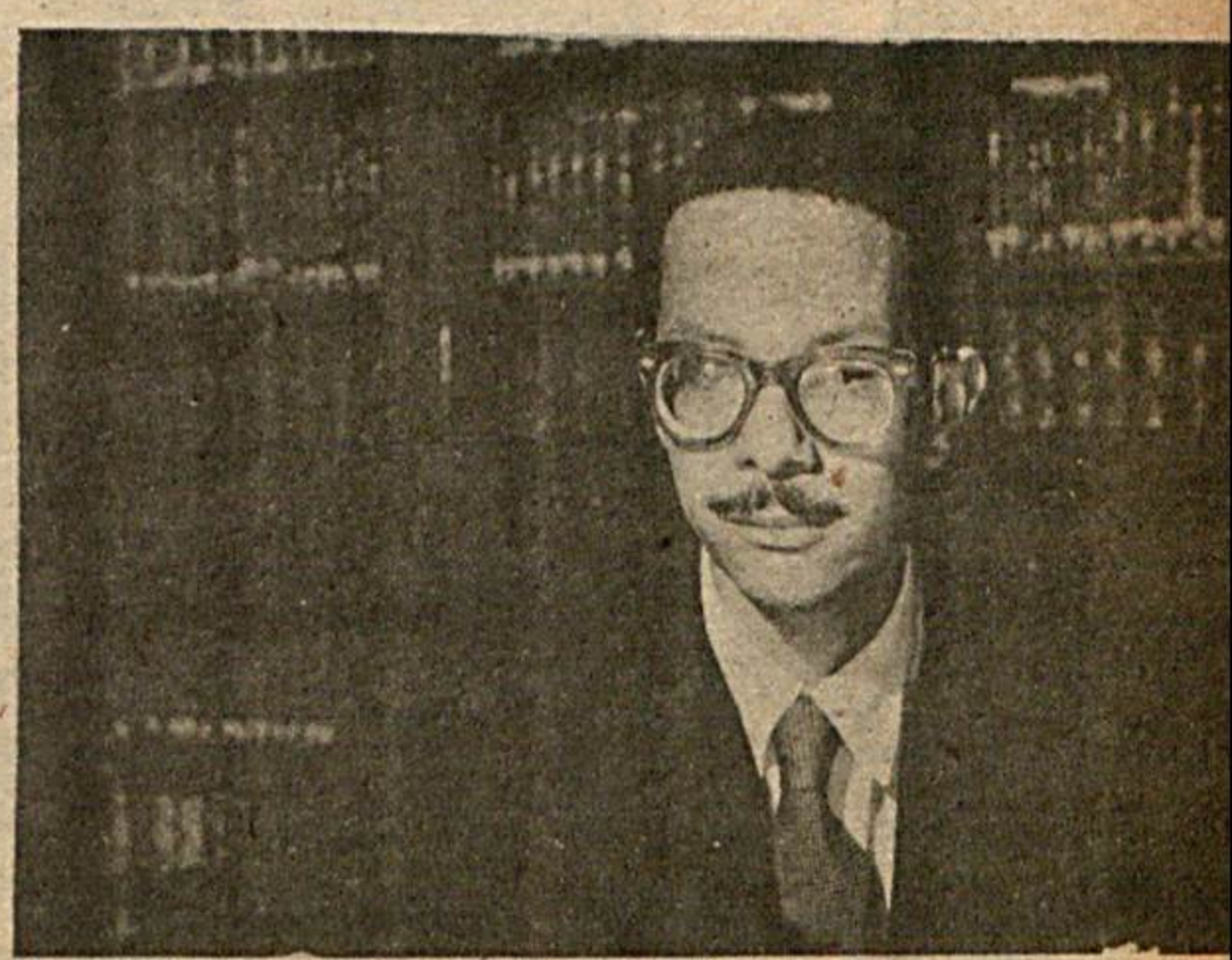
Entrementes, Guimarães Rosa continua sendo o escritor mais discutido do Brasil. Depois dos cariocas que o incensaram durante meses (dizem as más línguas que por estar êle num Departamento do Itamarati que concedia viagens aos escritores), depois dos cariocas, a crítica bandeirante tomou conta dêle. Endeusou-o Wilson Martins. Sérgio Milliet disse que Grande Sertão é o livro do século. A feira dos jograis se assanhou completamente. Ficou sendo elegante, entre as grã-finas das seis horas, da Livraria Jaraguá, estar lendo Guimarães Rosa. Ficou sendo índice de inteligência entender Guimarães Rosa. Êle é assunto, é pretexto — está na ordem do dia. Judas Isgorogota afirma que é êle um divisor de águas, como Eça em Portugal. "Ainda vamos estudar literatura brasileira, assim: antes e depois de Guimarães Rosa".

A Deusa-Cadela da fama, que êle, aliás, não corteja, deve estar

Maria de Lourdes, romancista: "Tudo nêle é novo: estilo, tema, tudo. É um caso muito sério na nossa literatura".

Sérgio Milliet, crítico, poeta e jornalista: "Grande Sertão, de Guimarães Rosa é o maior livro do século"

Edgard Cavalheiro, autor da biografia de Monteiro Lobato: "Êsse negócio é patuá mesmo, ou o Guimarães está tentando criar uma nova linguagem?"

Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras: "Em tantos anos de Academia, foram Guimarães Rosa e Cecília Meireles os únicos escritores que premiei".

Lygia Fagundes Telles, romancista (Ciranda de Pedra): "Se você conseguir passar as três primeiras páginas, em que mundo novo e estranho vai mergulhar..."

Fernando Goes, colunista da Seção Literária da "Última Hora": "O homem é grande, hem? Não se pode negar que êle consegue realizar uma série de inovações".

JULGAM UM MINEIRO

dando saltos mortais de gôsto. Por Guimarães Rosa esqueceram Euclides da Cunha, e até Mário de Andrade, que foram também desbravadores, e, a seu tempo, causaram no público um impacto semelhante.

Entretanto há algumas críticas serenas. Antônio Cândido, entusiasmou-se, sem passar ao delírio:

— O que está chamando mais a atenção nos livros do Guimarães é a linguagem. Genuína ou não, recriada ou inventada, não importa. O fato é que êle realizou uma obra fabulosa.

Marques Rebêlo se reserva para opinar mais tarde: "Só acredito que êle é escritor de verdade, quando escrever obra-prima em língua de gente".

O Dr. Martinico, das "Fôlhas", um delicioso contador de lorotas, conhecedor do sertão, diz que Guimarães Rosa é um parafolclórico.

— O que êle escreve do sertão, é metade invenção, metade verdade. Êle é como sereia, que quis ser duas coisas ao mesmo tempo e afinal não é nem mulher nem peixe. Dos seus livros, um caboclo geralista entenderá metade. Nós entendemos a outra metade.

A verdade é que há mesmo certa desproporção entre o Autor e o tema. O sertão, visto por um erudito, homem de cerebração intensa, não pode deixar de sofrer não uma interpretação, mas uma deformação.

GUIMARÃES ROSA VAI ESCREVER UM LIVRO FÁCIL

Guimarães Rosa sorri sempre, anda a passos mansos, como quem pisa em tapêtes ou como felino que desliza, e tem polidos gestos curtos. Seu abraço é macio, acolchoado. Fala pouco, em voz suave. E sorri.

— Sofro de uma deformação profissional, o hábito de não deixar transparecer o que sinto (será por ser diplomata ou por ser mineiro, simplesmente?). Lá, na Alemanha, em Paris, ou num longe qualquer, era preciso cuidado com o que se dizia.

O que pensa, realmente, não se adivinha. O que sente, isto sim, vê-se como através de um vidro lavado pela chuva. Pressente-se nêle certa fragilidade interior, e mais alguma coisa indefinível: um temor, um sofrimento que êle procura negar por pudor.

— Sou poeta sem sofrimento — diz.

É absolutamente sintomático o que êle conta a respeito da gravatinha borboleta que usa:

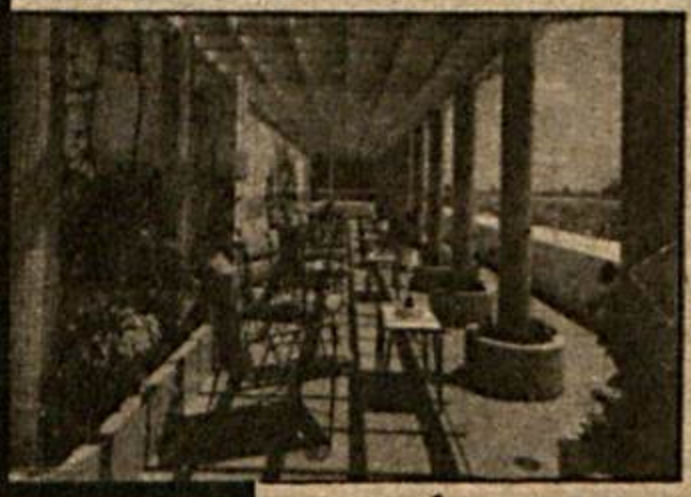
— Uma môça me perguntou por que gosto de usar gravata borboleta. Comodidade. Há facilidade demais para colocá-la. É verdade que as gravatas americanas, agora vêm com o laço feito e é fácil...

Interrompe-se e, num acesso de sinceridade, muito ingênuo para um diplomata, confessa:

— É uma bobagem, mas tenho a impressão de que estou atrás da gravata, escondido. Que ela é um escudo, para mim.

A propósito do livro "Corpo de Baile", título que foi impugnado por muitos, pois que o espiritualismo de Plotino, que o inspirou, briga com o materialismo do caboclo, êle confidencia:

— Num momento crucial da minha vida, li Platão e Plotino, que é uma espécie de vice-Platão, dada a sua concepção espiritualista neoplatônica. Apesar de não concordar "in totum" com as teorias, fiquei embuído dêle e me consolei. Mas não escreva isso. Não fale nisso, que parece pedantismo meu.

Guimarães Rosa fala várias línguas, com facilidade. Aprendeu

PAULISTAS JULGAM UM MINEIRO

como ninguém o dialeto falado no Brasil Central, êsse chamado patuá geralista, língua em que escreveu todos os seus livros, e que agora o acusam de haver inventado.

Conta que, em Português, suas palavras prediletas são: simpatia e alegria, o que forma uma espécie de retrato seu, muito verídico. Êle é simpático e parece alegre.

Responde, não seguido, nem em forma de diálogo, a algumas perguntas, feitas de público. Algumas respostas foram dadas em andanças gratuitas pelas ruas, algumas no parapeito do prédio do "Estado de São Paulo", outras num salão do Hotel Esplanada. Diz que: "o amor dolorido que sente pelo sertão vem da ausência contínua".

Vai escrever um livro em linguagem comum e aí vão achá-lo fácil demais. Alguma coisa o atemoriza, pois acrescenta que um livro fácil é livro logo abandonado.

Tem um livro de versos, guardado. Admite com insistência, que é poeta sem angústia.

Inventou palavras, porque o caboclo geralista também as inventa freqüentemente, e quis dar ao vivo o exemplo de como isto ocorre.

Repito-lhe com alguma perversidade uma opinião ouvida:

— Disseram, Guimarães, que seu livro poderia ser mais condensado (O Grande Sertão). Que devia ter duzentas páginas de menos. Que os combates estão muito repetidos.

— Então é que essa pessoa que você não quer nomear leu, atenta apenas ao enrêdo. Os combates são cinco e todos diferentes. Reparou?

— Reparei.

— Em cada um há alguma coisa de importância. E há mais uma coisa. O sentido de tempo. Livro não é cinema. É preciso certa pausa, certo interregno, um espaço para o sentimento medrar. Para a história medrar.

De fato, Guimarães Rosa aboliu a divisão tradicional do romance, e consegue dar idéia de distância, temporal e espacial, através das cenas sucessivas e dos miúdos pormenores.

E eis aqui um que se queixa:

— O Guimarães não levanta diante da gente a pessoa física do personagem. Não "vejo" o Riobaldo, nem o Diadorim, não sei se um é alto, se é feio, se é magro, não sei nada. Não "vejo", entende?

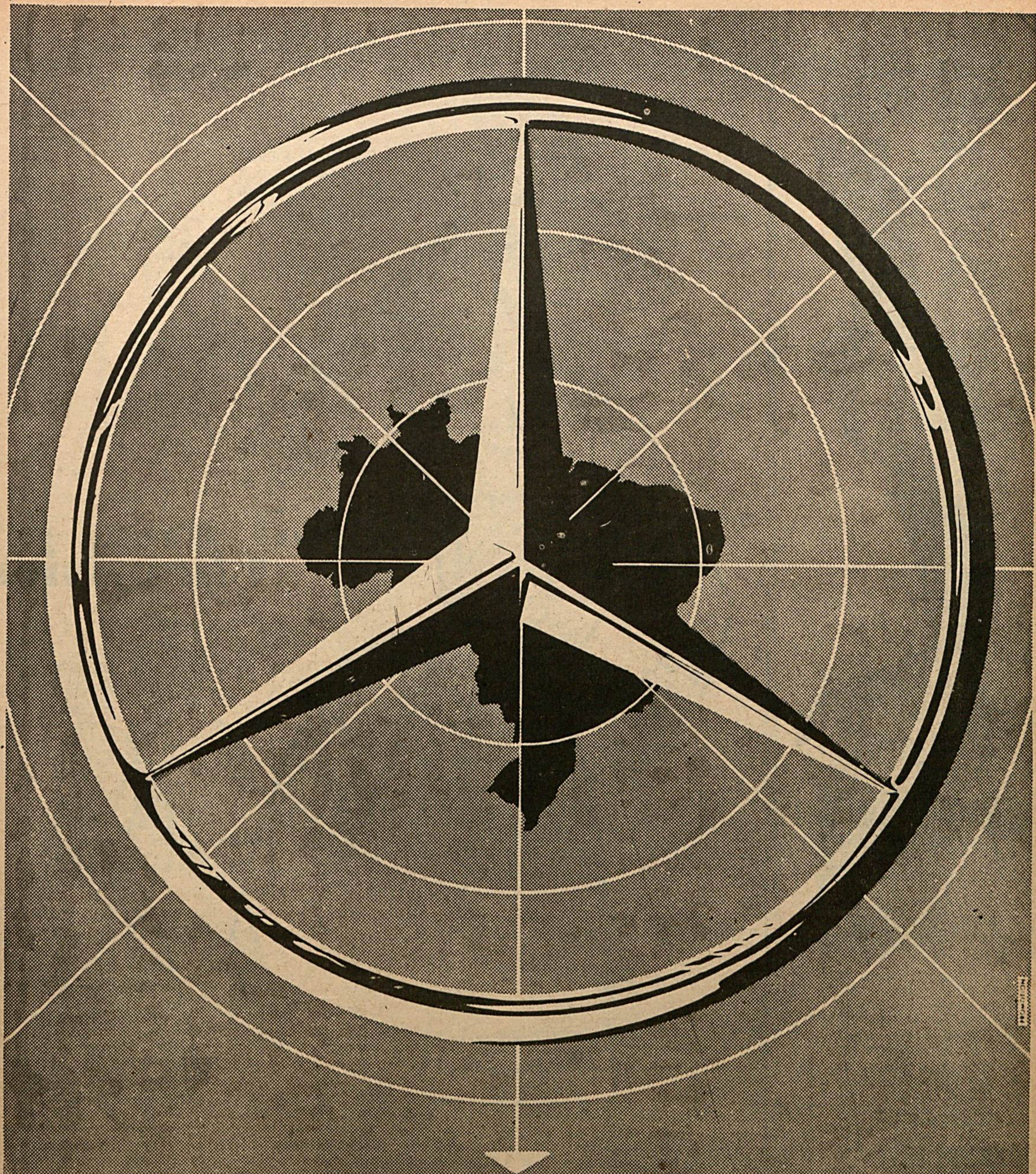
Mas, em matéria de sinceridade, ninguém bate o Rolmes Barbosa.

— Eu peguei o livro. Comecei a ler. Mas tem que ser de pouco em pouco, de golinho. Leio um pouco e paro. "Que será que o bandido do João quis dizer com isso?" Leio mais um pouco e daí a vinte páginas, encontro a explicação. Aí tenho que voltar e tornar a ler aquêle pedaço obscuro. Será que chego ao fim? Mas êle, oh! é de uma riqueza de conteúdo literário inestimável.

A SEREIA

Guimarães Rosa vai subir para o Sertão de Urucuia.

— Matar saudades.

E ouví-lo informar isso, com o seu brilhante sorriso, confrange o coração. Tanto aqui, nos salões do Esplanada, ou na rua, como no Urucuia, êle será sempre o grande solitário, perdido em si mesmo. Guimarães Rosa tem mêdo da solidão.

JOSÉ RONALDO

Chemisier

Tafetá de coton — estampado em flôres em vários tons de azul realiza êsse elegante chemisier de gola cruzada.

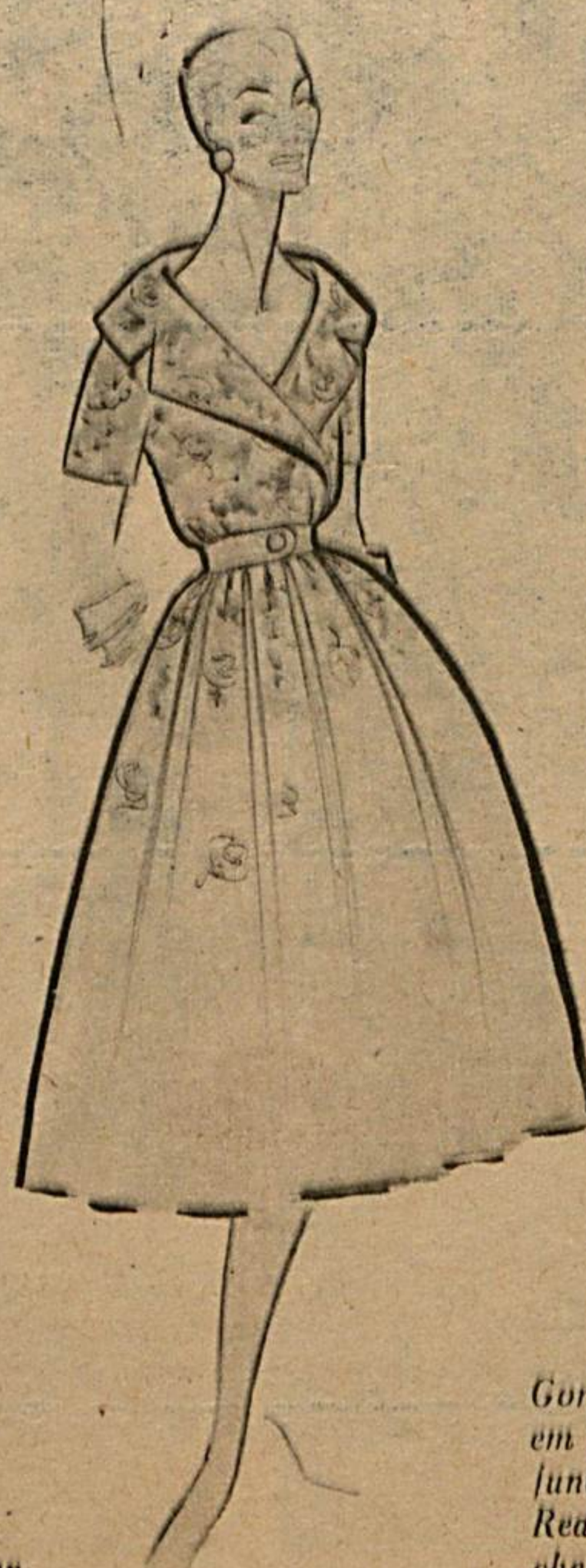
Cetim azul-turquesa. Cinto do mesmo. Saia em pregas na frente.

As variações que a moda impõe ao prático e versátil chemisier atinge no momento um grau de elegância poucas vêzes igualado.
Linhas independentes, como saia ampla mas moderada, gola afastada do pescoço, cintura no lugar, realizam em princípio o traje ideal para tôdas as mulheres.

Popeline branca com cinto em gorgorão amarelo. 2 pregas fundas na frente.

Tafetá de coton rosa shocking. Gola bem afastada do pescoço. Saia em pregas não repassadas.

em nova linha

Popeline areia obedecendo aos mesmos requisitos. Cinto marron.

Gorgorão estampado em flôres rosa sôbre fundo cinza e verde. Realiza êsse elegante chemisier.

As novas interpretações dêsse velho e favorito tema aparecem nessas páginas sofrendo as imposições descritas acima.
Sem dúvida alguma o chemisier liderará ainda a próxima estação como a roupa prática e elegante.

Berta Rosano

Sentada, ela parece um passarinho triste. Erguida, um passarinho vagamente assustado. Em movimento, sobretudo se caminhando, ela parece um pássaro prestes a alçar o vôo. Mas, é quando dança (e a dança é a sua contingência, o seu destino) que esta môça se realiza, transfigurando-se, suavemente alada. Esta môça é Berta Rosanova,

va dança no meio da rua

Texto de Thiago de Mello
Fotografias de Armando Rozário

Rosanova, o grande nome do ballet brasileiro, acaba de retornar ao Brasil, depois de ano e meio de Europa, por onde andou: dançando. Dançou (uma das maiores emoções de sua vida) na famosa Salle Pleyel, em Paris, integrando o também famoso conjunto de bailado de José Tôrres, especialmente convidada. Dançou em vários outros países, com êxito crescente sempre, aperfeiçoando-se com grandes mestres da arte da dança : Boris Kniaeff, na Suíça; Nora Kiss e madame Preobajenska, entre outros, na França.

O Municipal a chamou, de volta, para a próxima temporada. Sob o comando do grande Leonide Massine (que, graças a Murilo Miranda,

Berta dança desde os 8 anos. E era ainda uma adolescente quando subiu à cena ("Sílfides", no Municipal) como 1.ª bailarina. Viver, para ela, significa dançar

A 1.ª bailarina do Municipal cria o ballet da sauda

está pela segunda vez no Brasil), vai dançar o Capricho Espanhol, ballet montado, em coreografia esplêndida, pelo discípulo amado de Diaghilief. E vai dançar (pela primeira vez em sua carreira) a Scherazaade.

No dia de sua chegada, Berta Rosanova foi surpreendida por MANCHETE contemplando a cidade (ela é bem carioca: nasceu nas vizinhanças da Portela). Era ao entardecer, acabavam de acender-se as luzes da Esplanada. Ela então nos falou da saudade grande que sofrera longe do Rio. E confessou que a alegria de rever a sua cidade lhe dava vontade de dançar: ali mesmo, em plena rua.

Era a reportagem que nascia. No dia seguinte, levada por MANCHETE, Berta Rosanova passeou a sua alada figura pelas ruas do Rio. Era de tardinha quando ela começou a dançar, rodeada de crianças, sob as palmeiras do Jardim Botânico. Quando parou, em plena Presidente Vargas, já era de madrugada. As fotos de Rozário contam como foi.

de

SEVERINO ARAUJO

E SUA FAMOSA ORQUESTRA TABAJARA

EXCLUSIVOS DA ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA

APRESENTAM-SE TODOS OS DOMINGOS, AO MEIO-DIA,

EM AUDIÇÕES ESPECIAIS,

NO PROGRAMA "LUIZ VASSALLO"

NA RADIO MAYRINK VEIGA

A Orquestra Tabajara de Severino Araújo apareceu em nosso "broadcasting" como um ímpeto novo — uma homogênea fôrça musical — como que, os seus músicos, trouxessem a férrea vontade de vencer que caracteriza os homens do Norte.

E, realmente, essa orquestra venceu no Rio de Janeiro — projetando-se também em todo o Brasil.

Desde suas primeiras e espetaculares apresentações — ocasião em que mostrou ao carioca o ritmo contagiante do frevo — até os dias de hoje a Orquestra Tabajara ocupa pôsto de relêvo tanto no rádio, onde é exclusiva da Organização Victor Costa, como nas festas e bailes para os quais é sempre preferida, e, ainda, nas gravações que são um rol de inúmeros sucessos que vêm desde o chôro "Pára-quedista" até o "Não põe a mão no meu violão"...

E êsse agrado da Orquestra Tabajara talvez seja resultado de um constante aperfeiçoamento — seja na execução, nas orquestrações e nos efeitos rítmicos e melódicos.

E a O.V.C. querendo proporcionar uma audição especial aos admiradores de Severino Araújo e sua orquestra, reservou-lhes o horário de meio-dia, aos domingos, na abertura do famoso programa "Luiz Vassallo".

Nas fotos, Severino Araújo aparece em vários flagrantes: na ocasião em que recebia o prêmio do "Disco de Ouro, 1955" em companhia de outros artistas da O. V. C. premiados com o mesmo laurel: Ângela Maria, Sylvia Telles e Luiz Cláudio; regendo efeitos especiais numa das audições humorísticas da Mayrink, vendo-se ainda os comediantes Antônio Carlos e Therezinha Moreira; e, à frente do naipe de saxofones numa das suas audições aos domingos, meio-dia, audições essas que são um patrocínio exclusivo da Cerveja CARACU — um produto da Cervejaria Rio Claro.

"Orfeu da Conceição", no Municipal

A *tragédia carioca* de Vinícius de Morais surgiu de maneira algo permatura no Municipal, a experiência devia ter sido feita num palco menos saturado de obras geniais, menos freqüentado por grandes intérpretes universais. O Orfeu do morro tinha que sofrer a presença invisível do Orfeu de Gluck. E isso causou constrangimento a todos que compareceram ao teatro, e a produção de Vinícius de Morais não obteve, nem de longe, o êxito de "Porgy and Bess", também história de pretos. Faltou ao "Orfeu da Conceição" o sentido integral de espetáculo, o justo equilíbrio entre declamação, canto e bailado. A tragédia não se definiu em nenhum momento, a gente custava a encontrar o enrêdo na excessiva intromissão da música, dos efeitos plásticos construídos em ritmo demasiado lento na ação dos personagens. O segundo ato foi *ballet* na base de acompanhamento dos instrumentos de percussão. No final, nada pior do que a retirada do palco, em maca, da alucinada mãe de Orfeu. Convite ao riso, em plena tragédia. A "Dama Negra", uma boa idéia, mas realizada sem transcendência, lembrando teatrinho de colégio primário. A voz de Orfeu, desafinada, feia nas partes cantadas, em desacôrdo com o esplêndido violão de Luiz Bonfá, solista e acompanhador. Também os ensaios de luz não pareceram suficientes. E longa seria a enumeração dos defeitos que desviaram "Orfeu da Conceição" de sua trajetória de arte, no decorrer da representação. Arte? Sim. O poema de Vinícius de Morais traz um conceito novo, pelo processo que o autor denominou de "associação caótica", na qual os festejos e macumbas dos negros do Rio são marcados, tal qual na Grécia antiga, pelo sentimento dionisíaco da vida. Pena é que os negros de Vinícius não tenham usado sempre a bela linguagem poética de Orfeu, aparecendo no texto expressões chulas da gíria carioca. O artifício só prejudicou a peça, quebrando o enlêvo do mito. E êsse enlêvo pela primeira vez alcançado na literatura teatral brasileira sôbre tema popular — o morro — é que deve ser preservado, burilado, completado. "Orfeu da Conceição" não é obra para ser arquivada. Quantos anos os americanos levaram para preparar "Porgy and Bess?" Vinícius de Morais descobriu o mundo novo, o morro, como expressão artística. Resta a seleção de intérpretes, a começar por um outro Orfeu, que Haroldo Costa não conseguiu encarnar a contento. Zeny Pereira, figura admirável no elenco, distanciada pelo talento dos demais atôres. Daisy Paiva não foi Eurídice nem por um minuto. Melhor, Lea Garcia, a Mira de Tal. Os demais elementos, fracos, como que alheios aos seus modelos gregos. Muito bom o cenário de Oscar Niemeyer. A música de Antônio Carlos Jobim merece aprimoramento. A coreografia, idem. E a direção de Leo Jusi tem altos e baixos, carecendo de nível uniforme. Leo Peracchi, na regência, um valor a conservar nas futuras récitas de "Orfeu da Conceição".

"Nonô, vai na raça", no Carlos Gomes

Sem qualidades para atrair platéias exigentes, a revista de J. Maia, Max Nunes e Meira Guimarães obedece ao padrão comum ao gênero a que não falta malícia, antes de mais. Alguns quadros, porém, chegam a divertir como "O Catete é o limite" e os que são comandados por Berta Loran, cuja presença no palco alcança êxito imediato. A parte cômica de "Nonô, vai na raça" é bem defendida por Chocolate, Costinha e Zeloni. Renata Fronzi, elegantemente vestida, inventou uns esquisitos que não pertencem ao *ballett*, nem ao ritmo das vedetes de categoria. Livre dos tais passos, Renata brilhou um pouco na "Josefina". *Girls* feias e tristonhas. Colaboração vocal de Maria da Graça e do conjunto Tapajoz. O número mais aplaudido foi o do ventríloquo Carlos Trujillo, sensacional. Direção artística de Rosa Mateus.

Movimento

MANCHETE vem acompanhando, através dêste noticiário, as iniciativas da Comissão Artística do Municipal em prol da arte lírica, quer realizando espetáculos em várias cidades, como prestando decisivo apoio a empresários que se propõem a difusão da ópera com objetivos culturais. Referimos o êxito das temporadas de Maceió e Niterói. Chegam-nos informes, agora, sôbre a vitoriosa série de espetáculos promovidos pelo empresário João Batista, em Pôrto Alegre, com a apresentação de "Dom Giovanni", "Tosca", "Boheme", "Gianni Schicchi", e Soror Angelica". O Teatro São Pedro teve lotações esgotadas, sendo de notar as filas que se formavam na bilheteria desde cedo. Numerosos cantores seguiram do Rio, inclusive o tenor Tagliavini, Carla Caputti, Sílvio Vieira, Assis Pacheco, Ida Miccolis, Clara Marise, Damiano, e outros. A Prefeitura, o Govêrno estadual e a OSPA colaboraram oficialmente, como a Varig, que ofereceu gratuitamente todo o transporte dos artistas e dos materiais cênicos e musicais. Na semana finda, a Comissão Artística do Municipal apresentou a ópera "Madame Butterfly" no Teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande, Distrito Federal. Vendidos todos os ingressos, o espetáculo foi repetido, repetindo-se o êxito da estréia com o mesmo elenco, do qual participaram Clara Marise, Colósimo, Ben Simon, Carmen Pimentel, Geraldo Chagas, Rosa Medeiros e Luís Nascimento, sob a regência de Santiago Guerra. Estiveram presentes os srs. Murilo Miranda e Barreto Pinto. Entusiasmado, o sr. Barreto Pinto discursou enaltecendo o valor dos artistas brasileiros, e prometendo 300 espetáculos em várias cidades. A ópera está, pois, em movimento.

LEONCAVALLO NO CARNAVAL

Odete Amaral: 30 dias de excursão.

Morrerão de tédio os homens que fazem dicionários, no dia em que sairem a catar vocábulos e significados do linguajar radiofônico. O próprio rádio, que é masculino, já mudou de sexo há muito tempo, no nosso dialeto. E centenas de outras modificações foram feitas, inclusive aquela besteira de chamar telespectadores de "tevendos", o que é adotado na TV-Rio, onde, certamente, chamam, também, a quem telefona de "telefonando", a quem joga de "jogando", a quem fala de "falando", e ao cantor Ivan de Alencar, que se alimenta de gatos angorás, de "cantando"... No rádio, é arcaico, por exemplo, o verbo transitivo "caiar", porque êle não mais quer dizer "pintar com água de cal" — quer dizer: "falar bem". E isto não se usa mais... O trabalho da locução ao microfone já tem seu verbinho: "locutar"... E seria interminável a lista das modificações que andamos fazendo na "última flor do Lácio, inculta e bela": Antônio Medeiros virou Bill Farr, Chocolate não se come, o transitivo "pichar" passou a ser escrito com "x" e significa "falar mal", e Black-Out é cantor de samba... Cantor, sòmente, não; adquiriu, também, por conta própria, um título de compositor "honoris causa". Durante a guerra que o sr. Hitler fêz, "black-out" era escurecimento total, para fins táticos; no rádio, porém, Black-Out continua a ser escurecimento total, mas para fins sambísticos. E por isso que, com muita afetação, meto os peitos no vernáculo quando quero falar dêsse "astro" escuro, porém, de luz própria, da constelação radiofônica. Nosso Black-Out é uma mancha preta na vida radiofônica, mas mancha de bondade, de simpatia, e simpatia e bondade não têm côr. Não canta; samba, mas tem graça, sabe sacolejar o desconjuntamento de seu corpo feio num ritmo contagiante e sem gramática. E seria até ofensivo afirmar que Black-Out divulga correções filológicas. Nada disso, oh! O Black-Out possui, antes de tudo, muita "bossa". Mas devo esclarecer que a "bossa" que êle tem não é inchação, como querem os dicionários, é qualidade de sambista mesmo. Tôda essa lengalenga vem aqui, para dar uma grande notícia sôbre o Black-Out. E que êle, num perfeito trabalho de alevantamento do nível cultural do samba, acaba de fazer parceria com Ruggero Leoncavallo, e, pela segunda vez, lançará o autor de "La Bohème" no carnaval carioca. Foi Lamartine Babo quem primeiro fêz parceria carnavalesca com o napolitano Leoncavallo, lançando, na folia, "I Pagliacci", obra de caráter muito dramático, que fêz sensação tanto como ópera como transformada em marcha. E, agora, Black-Out vai gravar o samba "Matinata de Amor". E, portanto, com imenso gáudio que registro o surgimento da dupla Black-Out-Leoncavallo em gravação dedicada a Momo, porque isso vem mostrar que a sociedade Getúlio Macedo-Tchaikovsky criou escola...

COISAS Odete Amaral vai viajar, à frente de um grupo de artistas: Roberto Silva, Claudete Soares, Jair Alves e o violonista Pereira Filho. O conjunto atuará em Pôrto Alegre, Montevidéu, Punta del Este, La Paz e Lima. Um mês de viagem, e, sem dúvida, muito êxito.

● No dia em que a Televisão descobrir Rose Rondelli, o teatro perderá uma de suas melhores vedetas.

● Leio a seguinte nota, numa revista de TV: "Linda está feliz da vida na Televisão e confessa ter dominado aquêle instinto muito radiofônico de procurar o microfone". Apresso-me a desmentir. Linda Batista, com aquela simpatia e a graça que Deus lhe deu, não iria confessar a tolice de "ter dominado aquêle instinto muito radiofônico de procurar o microfone". Porque isso é tolice no duro...

● É preciso prevenir aos telespectadores que, na TV-6, às têrças-feiras, às 9,10, êles correm o risco de assistir ao "Bodega do Zé do Norte".

● Vale a pena ir mais cêdo pra casa, às quintas-feiras, e ligar para o Canal 13, às 20,35. É o horário de Mário de Azevedo, no "Sarau dos bons tempos".

● O presidente Giulite Coutinho, do América, distribuiu nota oficial de seu clube, "proibindo televisionar jogos". Mas é necessário dizer que êle está errado. A palavra é "televisar"...

PENSE E RESOLVA

VERAMOR

Aceitamos colaborações de todos os gêneros de charadas e passatempos, de fácil solução, nos moldes das que apresentamos abaixo. Os desenhos devem ser feitos a nanquim e as chaves enviadas em separado. Dicionários usados: PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LINGUA BRASILEIRA — SIMÕES DA FONSECA e ENCICLOPÉDIA DO CHARADISTA (Sílvio Alves). Tôda a correspondência deve ser dirigida a VERAMOR — Redação de MANCHETE — Rua Frei Caneca, 511. As soluções de cada número são publicadas no seguinte.

IEME LARA

HORIZONTAIS — 1 — Algarismo. 7—Ave do Brasil (pl.). 8—Perversa. 9—Gemidos. 10—Vazia. 12—Medida itinerária chinêsa. 13—Rumo. 15—Discursei. 17—Presenteia. 19— Heroina francesa. 20—Arruma, põe em ordem. 22—Salgados.

VERTICAIS — 1 — Amorosas. 2—Vinho de cachos de palmeiras. 3—Canhâmo da India. 4—Época. 5—Carril, calha de ferro. 6—Convertes em ossos. 11—Declaração. 14—Terra arroteada e própria para cultura (pl.). 16—Solitário. 18—Altar. 21—Raul Lisboa.

JAIR JUSTINO — RIO

HORIZONTAIS — 1 — Disfarce, mânha. 7—Pessoa muito faladora. 9—Azeitona. 10—Brisa. 11—Siga. 12—Sôldo. 13—Cólera. 15—Polvinho. 16—O mesmo que com. 17—Praia. 19—Dissecação cirúrgica do ouvido. 21—Molestar.

VERTICAIS — 1 — Graça. 2—Arco diagonal de uma abóbada gótica. 3—Fôsso. 4—Constelação austral. 5—Pretexto. 6—Içar. 7—Ponto principal. 8—Círculo que rodeia a lua. 12—Obra com verso. 14—Direção. 15—Vantagem. 17—Ação. 18—Oásis do Saara central. 20—Invocação mística dos índios.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

H — Paraná. Ares. Cama. Arar. Tática. Amanaci. Saramatulo.
V — Pacatas. Ararama. Rematar. Asarina. Cam. Aca. It.

H — Ata. Alala. Aral. Ta. Mar. Ras. Am. Bada. Asaro. Ira.
V — Alar. Tal. Al. Arama. Atado. Ama. Asa. Rara. Bar. Si.

O ENXOVAL — SONHO DAS NOIVAS

Um mínimo deverá ser levado podendo a relação dos objetos ser aumentada ou diminuída de acôrdo com o gôsto e as possibilidades de cada um.

COZINHA — 3 pegadores de panelas que devem ser feitos de tecido grosso, de preferência acolchoado: 3 panos grossos para limpeza do fogão; 6 toalhinhas de mãos; 2 dúzias de panelas diversas: 12 panos de linho para vidros e cristais; e 24 panos para louça.

BANHEIRO — 1 dúzia de toalhas de banho; 2 dúzias de toalhas de rosto; 4 esfregões ou 2 luvas de buchas ou crina; 6 tapêtes de banheiro, combinando com as toalhas (não esquecer os úteis tapêtes de borracha ou madeira); 2 roupões de fazenda esponjosa com chinelinhas iguais; 3 toalhas de rosto; e 3 toalhas de banho para empregada.

MESA — 2 toalhas de linho adamascado, para jantar, de 3 metros de comprimento por 2 de largura; 2 dúzias de guardanapos iguais, de preferência de 50 x 50; 1 ou duas toalhas de linho, com bordados e rendas, do mesmo tamanho das adamascadas; 2 dúzias de guardanapos combinando com as toalhas; 4 toalhas de damasco ou linho para jantar ou almôço, de 2 x 3 ou 2 x 2, dependendo do tamanho da mesa; 12 guardanapos para cada uma dessas toalhas; 6 toalhas para uso caseiro, coloridas, de tamanho menor; 6 guardanapos para cada uma dessas toalhas; 2 jogos americanos com bordados e renda; 6 guardanapos para cada uma dessas toalhas; 4 a 6 dúzias de guardanapos pequeninos para reuniões ou coquetéis. Êstes podem ser substituídos por guardanapos de papel crepão especial muito práticos; 6 panos para cobrir bandejas; 3 toalhas com pequenos guardanapos para café e lanches.

ROUPAS DE CAMA — 1 dúzia de lençóis simples, de casal; 6 lençóis maiores, com bordados ou aplicações; 1 "edredon" ou acolchoado de cetim ou tecido de algodão estampado ou ainda de peles; 1 cobertor; 2 colchas de solteiro; 6 fronhas; 6 lençóis de solteiro para empregada; 1 cobertor de solteiro; 3 colchas para o dia, ornamentadas; 4 colchas para a noite; e 1 dúzia de fronhas combinando com os lençóis maiores, ornamentados. As roupas de solteiro são para a empregada.

ROUPAS DE USO PESSOAL — 1 costume de viagem, de lã ou tropical ou qualquer outra fazenda própria para viagem, com chapèuzinho, sapatos e luvas combinando; 1 bôlsa de viagem; 1 casaco amplo e cômodo; 1 costume mais "habillée"; 2 ou 3 vestidos básicos, que possam ser transformados por meio de peitilhos, golas, punhos, faixas e cintos; 3 vestidos de passeio; 3 saias e 6 blusas, incluindo "pullovers"; 1 vestido de noite, para jantar; 1 vestido de baile; 6 vestidinhos caseiros; 6 aventais; 3 roupões — um de lã, de linhas clássicas e os dois outros mais leves, um bem diferente do outro; 1 par de chinelinhos de couro, verniz ou cetim, de acôrdo com seu gôsto pessoal; 4 camisolas de dormir; 2 pijamas; 1 "liseuse" de tricô ou qualquer outro material de seu agrado; 1 dúzia de jogos sendo metade fina e trabalhada e mais 6 simples.

Greer Garson e as sugestões de beleza

Greer Garson, "estrêla" de cinema, surpreende a todos. O tempo corre. As primaveras se sucedem, caminha o calendário. Mas ela não se importa com o tempo. Está sempre bonita e o mar é a sua fonte de de juventude. Consegue o milagre de nadar, furar ondas enfurecidas e vir à tona tostada e viçosa que nem parece uma môça exposta à clemência do sol e do vento. Todavia, o que realmente ela faz é tomar cedo as suas "providências" para que êsses "agentes exteriores" não consigam crestar a sua pele que é tão cultivada nos salões de beleza. Não vou à praia sem untar o corpo com um óleo suave e passar de leve um creme na pele. E êsse creme é, em geral, ligeiramente gorduroso e, bem espalhado, nem parece que a gente tem alguma coisa de oleoso no rosto. "Usem de preferência esta fórmula que me foi dada por minha mãe quando eu era ainda uma mocinha e não acreditava na "mágica" dos salões de beleza. Faço uso dêle sempre e com os melhores resultados, pois é muito simples a sua fórmula. Pode ser aviada na farmácia mais próxima e usada por tôdas as mulheres, incluindo mesmo as mais jovens", conclui a "estrêla":

Óleo de amêndoas doces	50	g
Cêra branca, bem fina	10	g
Misture-se e acrescente-se		
Água-de-rosas	20	g
Tintura de benjoim	5	g
Tintura de âmbar	2	g
Essência de violeta	3	gôtas

Êste é um autêntico "segrêdo" de beleza, disse-nos Greer Garson, a môça que sorri na fotografia acima.

Culinária-uma arte, um prazer

Carne de peru... tôdas as semanas do ano

Dada a delicadeza do seu paladar e seu alto valor nutritivo, a carne de peru tornou-se uma iguaria reservada para as comemorações festivas. Seu consumo é mais amplo apenas nos últimos dias do ano quando a tradição impõe um peru para as ceias natalinas e de São Silvestre. Fora destas épocas, o peru só participa dos banquetes e dos cardápios de restaurantes. A restrição do consumo determina elevação de preços, pois o criador precisa orientar a produção do seu aviário com limitações de tôda ordem a fim de que só tenha perus para a venda nas épocas de sua maior aceitação. Houvesse maior consumo desta carne, os preços desceriam inevitàvelmente, pôsto que a produção poderia ser orientada sem interrupção, como a dos frangos de corte, de maneira mais econômica para o avicultor. A carne de peru tem tôdas as condições nutritivas que aconselham seu maior consumo. Já se tornou um hábito, nas grandes cidades, como no Rio de Janeiro, São Paulo etc., ter à mesa, nos domingos, uma galinha. É aconselhável modificar êste hábito. Substituir a carne comum, do açougue, da semana, pela de galinha ou de frangos de corte, e aos domingos preferir a carne de peru.

Como se faz peru com castanhas

1 peru — um quilo de castanhas assadas — 250 gramas de carne de porco picada — o fígado do peru — 2 cebolas grandes e cortadas fininhas — um ramo de salsa picada — 4 ovos — miôlo de 2 pãezinhos molhados no leite — sal e pimenta.

PREPARADO: Depois de descascar as castanhas passe pela máquina de moer; adicione a carne de porco, a cebola e a salsa, bem como o fígado do peru, picado miúdinho e temperado. Ligue tudo com o miôlo do pão, os 4 ovos inteiros. Com êste preparo recheie a ave, que naturalmente estará limpa e vazia. Cosa as aberturas e até bem o peru. Coloque na assadeira com manteiga ou azeite e leve ao forno quente, tendo a precaução de regar com môlho contìnuamente para ficar bem embebido.

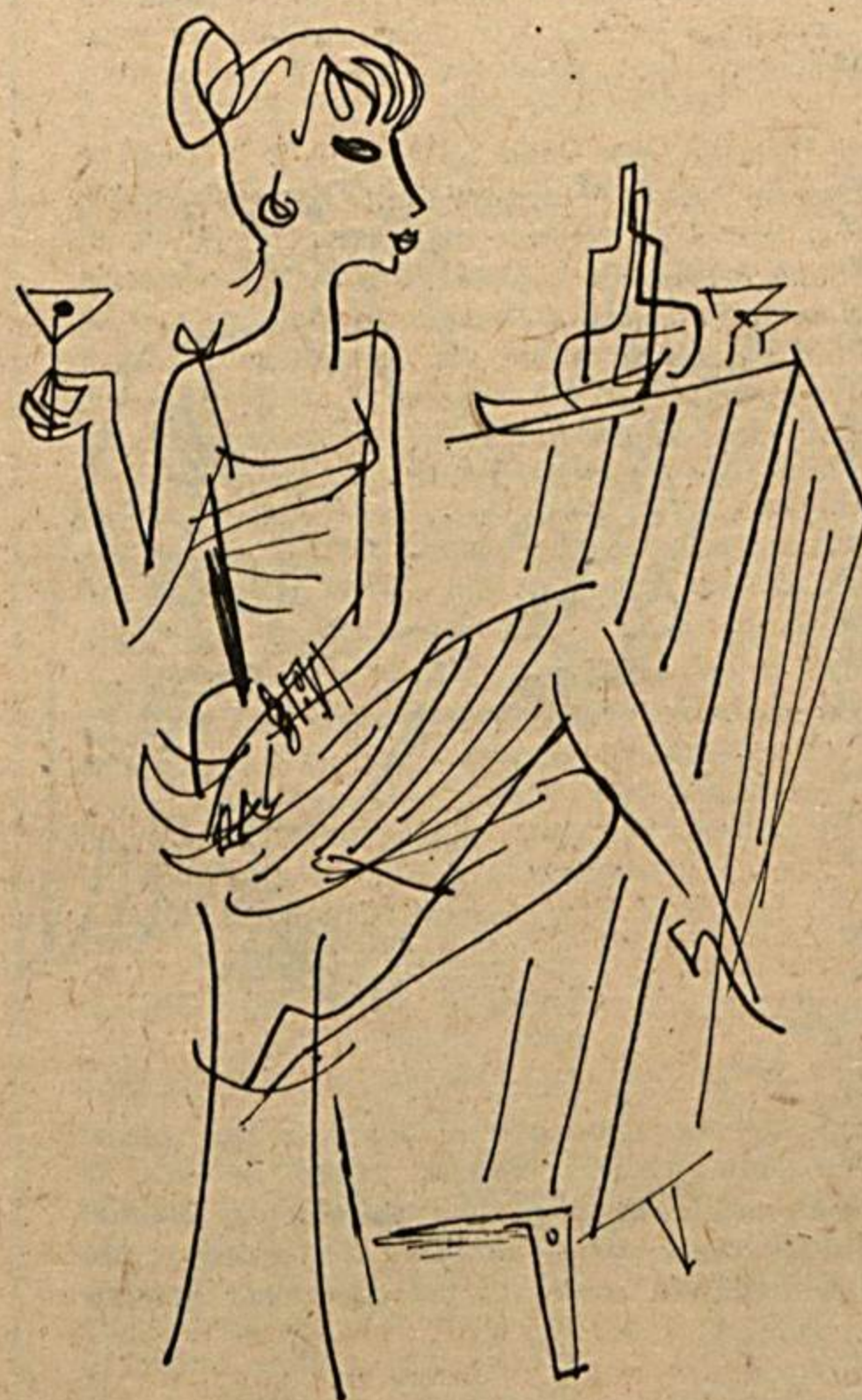
NOTA: Para se obter a carne macia e com bastante suco, na véspera de o cozinhar, regue a ave com cognac por dentro e por fora. A seguir misture noz-moscada ralada, 2 colheres de sal, uma de açúcar e unte bem a ave. Ficará assim bem impregnada para o cozimento no outro dia.

"Confidencial" para a mulher

Detalhes de elegância

- Relógios colocados nos cintos dos vestidos.
- "Boucles à la diable" — presos por laços de veludo que combinam com a côr dos olhos.
- Complementos para os grandes decotes: colares de ouro e cristal.
- Brincos em pingentes fazem uma ofensiva. Em evidência, pérolas côr de rosa.
- Em tôrno dos decotes: golas, clips, flôres.
- As côres que rejuvenescem: ouro, esmeralda, brique, tôdas as gamas de azul.

Barzinho doméstico

— ... êle emprestará à fisionomia de sua casa um realce característico. Poderá ser feito em bambu, madeira pintada e cortiça. Os mais diferentes estilos são utilizados: ora lembram uma taberna alpina, ora uma estalagem vitoriana, ora um bistrô francês, o bar de tipo formal ou acolhedor, com garrafas, batedeiras, toalhas e saca-rôlhas, poderá ser considerado parte integrante da ornamentação de uma sala. O bar, revestido de alumínio, executado em madeira e adornado com sugestivos motivos de copos e garrafas, forma um interessante jôgo de côres com o papel das paredes e banquetas bem altas, é uma peça confortável e decorativa em todos os lares.

Ser sedutora...

A beleza apenas não interessa aos homens, o "sex-appeal" também não basta. Mas a sedução prende e encanta, engloba tudo. Talvez você não seja bonita. Não tem importância. Você pode ser irresistível sem ter beleza. Saiba ter personalidade, e saiba, sobretudo, dosar sua personalidade, usá-la com inteligência. E também com certa dose de discrição. Personalidade é como perfume só encanta na dose exata...

Detalhes de elegância

Criação de Joseph

As bôlsas confortáveis estão na ordem-do-dia. E são artisticamente misturadas, em hábil combinação, tecidos e couros. Na foto, fazenda escocêsa em alegres tonalidades e verniz p r ê t o. Dupla revolucionária no mundo da elegância feminina.

Boas maneiras no restaurante

Ao anfitrião cabe escolher o "menu", mas você também pode oferecer sugestões quando consultada. Se acontecer o restaurante não ter "maitre", o cavalheiro deve avançar na frente da dama e escolher a mesa, afastando a cadeira para que sua convidada se sente. Evite dar ordens ao garçon ou fazer pedidos. Isso compete ao cavalheiro. Você não costuma dar ordens aos criados dos seus amigos, porque não é de boa educação, o mesmo acontece no restaurante. Você pede à pessoa que a acompanha o que deseja e ela transmitirá ao garçon o seu pedido.

Não se maquile pùblicamente depois de uma refeição. E' antiestético e deselegante. Após terminar o jantar, o cavalheiro deve erguer-se, ajudá-la a levantar-se e permitir que saia à sua frente.

Seus filhinhos e você

E' na infância que se cultiva o caráter. Portanto, desde cedo, ensine as crianças a terem método e senso de responsabilidade. A honestidade, o respeito, as boas maneiras são qualidades que não se adquirem a trôco de dinheiro. São valiosos dons que devem ser inculcados através dos anos, mediante bons conselhos e exemplos.

Habitue os seus filhos desde cedo às leituras. De você, mãe de família, depende, em grande parte, o desenvolvimento artístico das crianças. Leve-as aos concertos e às mostras de arte, faça-as admirar os trabalhos e peça as suas impressões.

Um perfume para cada hora

Mulher pode cheirar a flor, a resina agreste, a madeira do Oriente, a sândalo, as mais capitosas e diferentes essências. Mas, use o perfume conforme a hora, a toillete, a oportunidade e a sua própria personalidade. Mulher e perfume, fazem uma "dupla" muito sugestiva quando a combinação é harmoniosa. Aconteceria uma grande dissonância, se você usasse, por exemplo, uma tailleur simples, de manhã, e estivesse perfumada com uma essência requintada e rara.

Tenha muito tato, môça bonita, quando escolher o seu perfume. Êle deve ser um complemento da sua elegância, uma autêntica revelação de bom-gôsto. Perfume é uma arma. Mas... saiba usá-la.

SHIRLEY JONES, de 21 anos. Aparece em "Oklahoma!" e vai aparecer em outros filmes. Veio da Broadway e da TV.

ANITA EKBERG — A miss-Suécia de 1952 é atualmente a recordista em matéria de busto no estúdio da RKO-Rádio.

GINGER ROGERS é uma das poucas veteranas conservadas na nova RKO depois da revolução de O'Neil. Filma atualmente "The First Traveling Saleslady".

O'NEIL DÁ NOME AO SEX-APPEAL

Reportagem de Décio Vieira Ottoni

JON PROVOST, de seis anos de idade é o mais jovem na nova equipe. Já filmou.

ROD STEIGER, cujo talento foi proclamado em "A Grande Chantagem". Sob contrato para muitos outros filmes.

DANIEL F. O'NEIL. Êle intenta a mais temerária revolução em Hollywood.

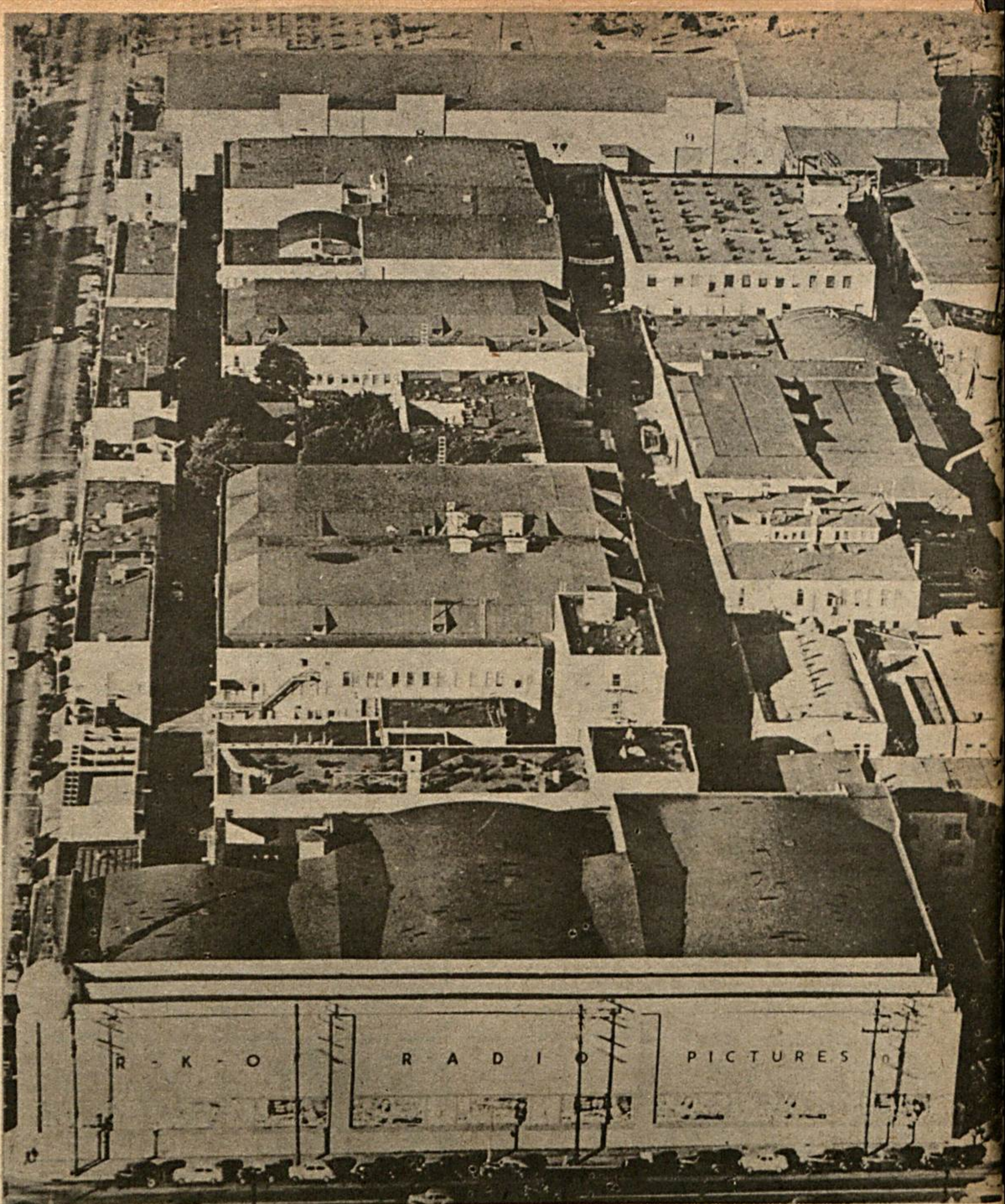
JANE RUSSEL, elevada ao estrelato pelas razoes muito justas que ostenta nesta foto. Vai continuar.

DIANA DORS, o maior cartaz popular do cinema inglês, foi importada pela nova RKO-Rádio para três filmes.

THOMAS FRANCIS O'NEIL, de Kansas City e de 41 anos, é o autor da mais surpreendente trama para revolucionar o mecanismo clássico da economia do cinema e o seu plano aparentemente mirabolante não tardará a produzir efeitos que deixarão assombrados os mais argutos estrategistas de Hollywood. O lançamento de atôres quase que inteiramente desconhecidos do público de filmes, o aproveitamento de diretores da televisão no cinema, a filmagem em estúdios de New York, embora seja hoje de sua propriedade o maior estúdio de Hollywood — a RKO-Rádio — são as aparentes contradições do plano de O'Neil, que vai operar exatamente na área oposta ao normal das operações do cinema norte-americano.

Para explicar melhor o engenhoso estratagema dêste texano que controla 569 estações de rádio, 5 de televisão que cobrem um quarto das

O veterano Fritz Lang é, até agora, o mais categorizado diretor contratado pela RKO-Tele-Rádio Pictures. Filma "Beyond the Reasonable Doubt", com Joan Fontaine.

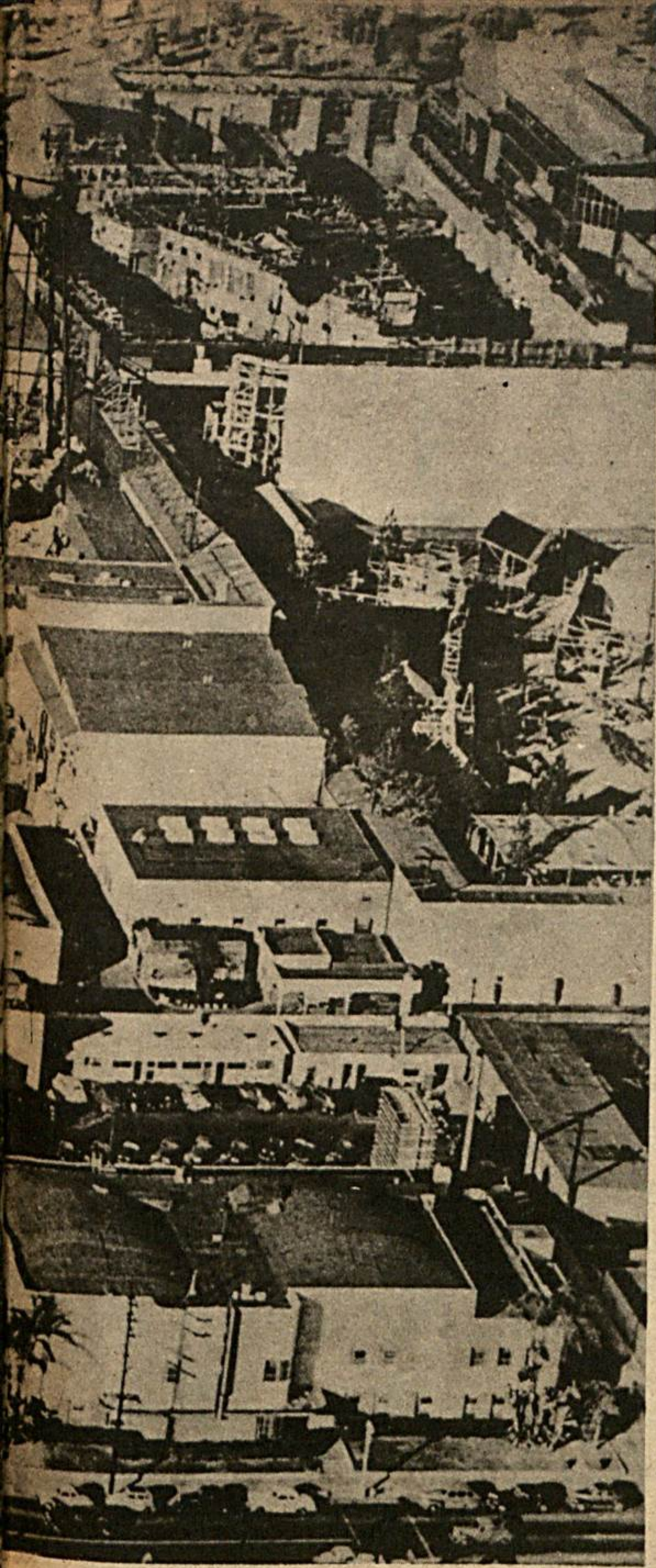
EDDIE FISHER e ROBERT HARRIS, ambos da TV. Eddie é uma das aquisições feitas na televisão.

Vista parcial dos estúdios da RKO-Rádio que permaneceram durante 5 anos pràticamente inativos. Os novos proprietários da Organização prometem ocupar seus 50 palcos de filmagem até o fim do ano. E' o maior de Hollywood

audiências no seu país, que é proprietário de inúmeras fábricas de plásticos, de tratores, de projetis a jato, de munições, de artefatos de borracha — é necessário explicar em linhas gerais o procedimento tradicional das grandes emprêsas produtoras de filmes nos Estados Unidos. Porque O'Neil, que nunca foi homem de cinema, vai fazer precisamente o avêsso.

FÓRMULA ANTIGA : REFLEXO; FÓRMULA NOVA : SEXO

Segundo a fórmula adotada pelos grandes estúdios, para que um filme dê lucros (ou, pelo menos, não resulte em prejuízo) é preciso que êle tenha no elenco pelo menos uma "estrêla" consagrada pela opinião pública e que conte uma história escolhida entre os gêneros preferidos pela opinião pública : que seja um melodrama fortemente sentimental, que seja um "western", que derive de uma biografia romanceada, musical ou do gênero policial, de preferência versão de um "best-seller"; em segundo lugar, vem a propaganda imperativa em tôrno dêstes predicados ("estrêla" e enrêdo) e, como tais filmes em geral não terminam em carnificinas, em geral há margem para uma "sequela", ou seja um novo filme desenvolvendo novas situações em tôrno dos caracteres criados no anterior. Há mais de 30 anos os produtores se convenceram de que Bette Davis, Joan Crawford, Lana Turner ou Marilyn Monroe devem aparecer sempre dentro dos limites dos seus temperamentos dramáticos, convencidos pelo próprio público de que as platéias agem sob uma espécie de reflexo condicionado: *o mesmo, outra vez.*

Os estúdios da RKO-Rádio ocupam uma área de 53 mil metros quadrados, sendo, em extensão, os maiores de Hollywood. De 1950 a 1955, entretanto, permaneceram pràticamente inativos, dado ao descaso que o milionário-aviador Howard Hughes lhe dedicou durante êste qüinqüênio. Aceitando em julho de 1955 a proposta de 25 milhões para a venda da emprêsa, Hughes salvou parte do seu dinheiro e O'Neil começou imediatamente a pôr em prática o seu sistema. Os pontos principais da tática de O'Neil resultam no seguinte esquema : em primeiro lugar, êle conservou as "estrêlas" de seguro sucesso popular, como Jane Russel e Robert Mitchum; em seguida vendeu o "stock" de filmes onde aparecem êstes atôres, filmes já fartamente explorados em lançamentos e relançamentos, para as estações de televisão, com o objetivo de popularizá-los ainda mais entre os telespectadores e ainda de fazer dinheiro sôbre o passivo legado por Hughes. Depois importou "es-

trêlas" cujo forte não é o talento, mas as chamadas "estatísticas vitais". Anita Ekberg, ex-miss Suécia (1,70 de altura, 99 cm de busto, 56 de cintura e 91 de cadeiras, com 55 quilos) e Diana Dors, a mais bem paga loura "bomb-shell" do cinema inglês (89 de busto, 58 de cintura e 89 de cadeiras) foram as primeiras aquisições. Finalmente contratou George Gobel e Eddie Fischer, além de inúmeras outras atrações da televisão para lançá-los em filmes.

TEORIA PRÁTICA : ATÔRES JOVENS E BARATOS

O'Neil não trocou radicalmente os valores do cinema pelos da TV. O presidente da RKO-Rádio, a cargo da produção dos estúdios é Daniel T. O'Shea, que foi diretor de produção de Selznik. Enquanto O'Shea cuida da parte da produção dos estúdios, O'Neil lança-se na campanha do máximo de aproveitamento de trabalho para diminuir o custo da produção. "A nossa finalidade — declarou êle explicando o seu sistema — é transformar a organização numa espécie de General Motors; e sabe-se que a General Motors é o protótipo da organização que lança um mesmo produto sob diversas marcas, com pequenas características individuais. O'Neil chama o seu método de "cross-fertilizing", isto é, aproveitar os seus contratos o máximo possível e lançando a concorrência dentro do seu próprio grupo de atividades. Para não perder tempo, firmou um contrato com o produtor Himan Brown, que filma para a TV nos estúdios de Production Center, Inc, de New York. Distribuirá 12 filmes da "Galahad" de Himan Brown e utilizará os estúdios de New York para filmar durante o dia com atôres que trabalham à noite nas emissoras de televisão ou na Broadway.

"New York nos fornece a oportunidade única para o desenvolvimento de talentos jovens, assim como uma fonte prodigiosa de "estrêlas de alta qualidade" — declarou Daniel O'Shea recentemente. "Hi Brown planeja ativar esta política na mesma direção. Atôres de primeira grandeza dos palcos da Broadway, impossibilitados de alterar as temporadas do palco com Hollywood ficarão assim disponíveis durante o dia. Rodando em "locação" em New York e na Production Center, que está apenas cêrca de 12 quadras do bairro teatral, esta possibilidade torna-se mais prática". Revelou ainda que a primeira produção Galahad-RKO já entrou em trabalhos de filmagem em New York. Trata-se de uma história "Brave Tomorrow", publicada no "Life" sôbre um casamento preservado durante 15 anos e que está prestes a se arruinar. 25% das cenas foram tomadas em exteriores nas ruas da cidade e o restante está sendo concluído no estúdio da Production Center.

A RKO-Rádio, hoje transformada em RKO-Tele-Rádio-Pictures tem preparadas 25 histórias para entrar em filmagem, das quais 8 já estão em fase final de montagem e 17 na fila para início ainda êste ano. Para um estúdio que, apesar de ser o maior de Hollywood, produziu meia dúzia de filmes em cinco anos, que em 1954 tinha apenas três atôres sob contrato permanente e 127 contratos com advogados para resolver os casos dos despedidos, segundo declaração do próprio Dick Powell em novembro de 1953 e que em 1954 não chegou a produzir um único filme em seus vastos estúdios, a coisa não está indo mal.

OKLAHOMA! sucesso de longos anos nos palcos dos Estados Unidos, foi levada ao cinema para satisfazer a curiosidade do público internacional. Recorde de bilheteria.

FRED ZINNEMANN, diretor de "Matar ou Morrer", levou para o cinema o musical mais célebre dos EE. UU. Foi a sua estréia no gênero e o lançamento do sistema Todd-AO.

O MUNDO EM MANCHETE

O tempo para amar pode passar de 150

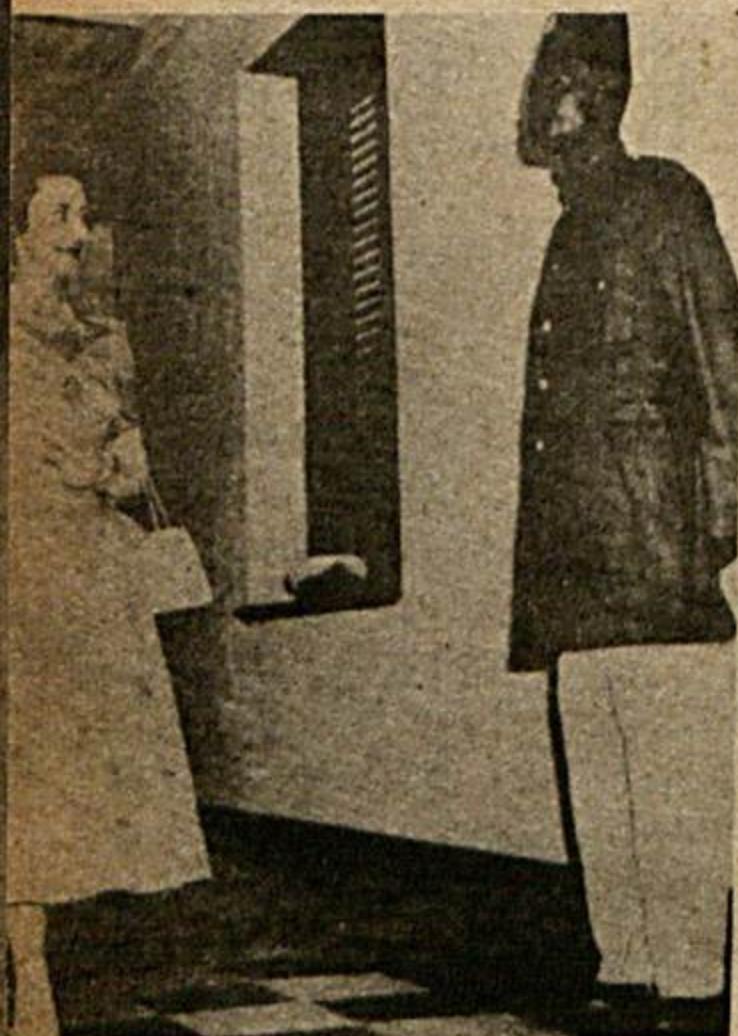
Depois de vários exames, os médicos de Nova Iorque chegaram à conclusão de que Javier Pereira poderia ter mesmo, conforme diziam na Colômbia, onde nasceu, 150 anos de idade e até mais. Considerado o homem mais velho do mundo, Javier, que é doido por mulher, andou fazendo misérias nos Estados Unidos desde que desembarcou, quando propôs casamento à aeromoça do avião em que viajara, seguindo-a com os olhos gulosamente, até vê-la desaparecer entre a multidão de jornalistas. Que Javier ainda está em plena forma, prova-o esta foto, onde êle aparece beijando galantemente a mão de Emily Blesser, redatora do INS — a mesma jornalista que êle tentara agredir a sôcos na véspera, durante uma entrevista coletiva, porque ela se negara a dar-lhe um beijo e um anel de safira. Para fazer as pazes com o vulcânico velhinho e obter a entrevista, Emily teve de dar-lhe um broche de presente. Javier foi descoberto na Colômbia pelo jornalista Ripley, autor da série "Acredite se quiser".

Garland de "clown" é sucesso no teatro

Primeiro no cinema ("Nasce uma estrêla") e agora no teatro, Judy Garland consolidou com desempenhos notáveis sua volta triunfal à atividade artística, interrompida bruscamente por um desequilíbrio nervoso, que a levou a tentar contra a vida, cortando os pulsos. Na noite do dia 26 de setembro, depois de longa ausência, ela voltou aos palcos de Nova Iorque, apresentando-se vestida de "clown" (como se vê na foto) com enorme sucesso, numa revista musicada no Teatro Palace.

Sorriso de Meg não foi correspondido

Perfilado, imóvel, olhando para a frente sem pestanejar, êste homem parece não pressentir sequer a suave proximidade da princesa Margaret, da Inglaterra, apesar do cumprimento que ela lhe dirige, acentuado por um sorriso cordial. Sua imobilidade, contudo, é também uma saudação respeitosa à real visitante da casa a que êle serve, o Palácio do Govêrno de Kenya, África, na noite da recepção em homenagem a "Meg". O vestido da pricesa Magaret (três-quartos, segundo a última moda parisiense) causou muita sensação, pois a festa era a rigor e tôdas as outras senhoras usavam vestido de baile, arrastando no chão.

Kruchev vai a Tito para salvar a pele

A campanha de desestalinização da política soviética principiou a causar sérios embaraços à posição de Nikita Kruchev, o risonho secretário-geral do Partido Comunista russo e um dos líderes da derrubada do mito-Stalin. Provàvelmente ameaçado por um processo de expurgo nas altas esferas do Partido (ainda não se sabe ao certo), Kruchev correu à Iugoslávia para pedir ao marechal Tito que testemunhasse em seu favor, denunciando os erros de Stalin perante os "big-shots" do PC reunidos em Ialta, na Criméia. Tito, aliado de Kruchev no ódio comum ao ídolo derrubado, voou imediatamente para a Rússia em sua companhia. A resistência dos grupos stalinistas oposta à orientação de Nikita Kruchev teria sido consideràvelmente fortalecida nos últimos dias em conseqüência da propalada adesão de altos dirigentes do Exército Vermelho.

Apenas dez mulheres em todo o mundo possuem casacos de chinchilla. Entre elas, a rainha Elizabeth da Inglaterra, a mulher do Aga Khan, a filha de Kaganovitch, líder comunista russo, e a nora de Stalin.

●

Um rádio-amador de Londres conseguiu captar a onda em que o duque de Edinburgo se comunicava com sua mulher, a rainha Elizabeth, quando em viagem. O govêrno soube e o comprimento de onda foi modificado.

●

Depois de um discurso do Presidente Eisenhower aos fazendeiros da cidade de Des Moines, Estado de Iowa, os jornalistas fizeram uma "enquête". Resultado: 25% dos fazendeiros que votaram em Ike em 1952 votarão desta vez em Stevenson ou se absterão.

●

Apareceu nos Estados Unidos uma nova droga contra o alcoolismo, o "Temposil". Quem toma "Temposil" fica com a pele vermelha se beber álcool outra vez.

●

No passo em que vai, a integração racial nos Estados Unidos vai durar cem anos. Calcula-se que cêrca de dois milhões e meio de crianças de côr não poderão tão cedo matricular-se nas escolas para brancos.

●

Cada atleta que fôr a Melbourne disputar as Olimpíadas de novembro encontrará no seu quarto um ferro de engomar e uma máquina de costura.

Ela nunca mais verá seu filho outra vez

A execução sumária dos terroristas capturados não conseguiu até agora reduzir a resistência dos guerrilheiros cipriotas que se insurgiram contra o domínio britânico de sua ilha. Quase tôda semana, novas violências se registram de parte a parte, sem outro resultado que não seja o acirramento do ódio entre os dois povos. A foto do INS mostra o rosto vincado de amargura da velha mãe de Michael Koutsoftas depois da última visita a seu filho na prisão. Horas depois o cipriota Michael, acusado de ter morto um súdito britânico, foi levado à forca.

Todo o mundo maluco com o "rock and roll"

A exibição do filme "Rock around the clock", baseado na música alucinante de "Blackboard Jungle", que passou no Brasil com o nome de "Sementes da Violência", está virando a cabeça de rapazes e môças em várias cidades européias, a principiar pela severa Londres, onde sérios conflitos entre a polícia e os jovens se registraram à porta dos cinemas, que a febre do novo ritmo transformou em pista de dança, no fim de cada sessão. Em Oslo, Noruega, êste rapazinho é arrastado aos trambolhões para um "tintureiro" da polícia, depois de ter demonstrado suas habilidades de dançarino do "rock and roll" (nome do novo gênero de dança) na rua, provocando confusão.

Crianças pedem paz com barcos de papel

As crianças francesas iniciaram no dia 30 de setembro uma campanha diferente, lançando barquinhos de papel numa piscina em Paris. A campanha é inspirada num poema já traduzido em 20 idiomas, que tem um verso que diz assim: "Se tôdas as crianças do mundo pusessem seus barcos de papel no mar, não haveria nêle lugar para os barcos de guerra". Os dirigentes da campanha convidaram tôdas as crianças do mundo a mandar barquinhos de papel para uma exibição em Paris. Endereço: Comité des fêtes de France, 44 rue de la Chaussée d'Antin.

"Pão e liberdade" em julgamento: Poznam

Sob enorme tensão popular, começou o julgamento dos operários poloneses acusados de participação nos distúrbios de 28 de junho na cidade industrial de Poznam, durante os quais 53 pessoas morreram e cêrca de 300 ficaram feridas, enquanto o povo enfurecido, enfrentando os "tanks" soviéticos, percorria as ruas, pedindo "pão e liberdade". Os dirigentes poloneses receiam que os operários se revoltem de novo se os juízes fixarem penas demasiado severas para os três trabalhadores que foram acusados como autores da morte de um cabo da polícia de segurança durante o conflito. Ao todo, estão respondendo a julgamento 11 rapazes, a maioria sob a acusação de terem depredado edifícios durante os distúrbios.

Ibrahim Sued comenta

DESFILE BANGU — A FESTA DO ANO

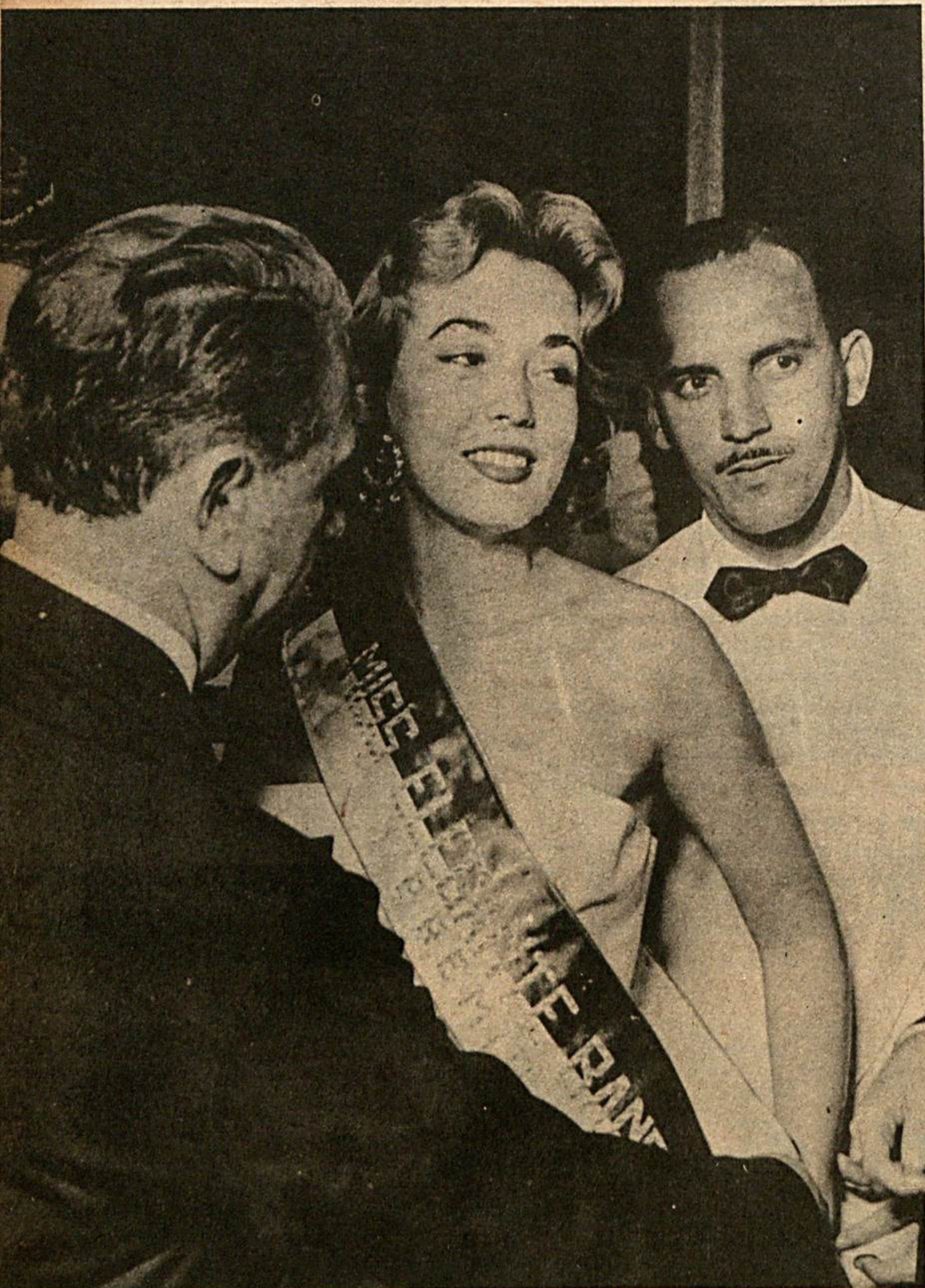
EM UM SÓ DIA TIVEMOS:

1 — A eleição de Miss Elegante Bangu - 1956

2 — O maior acontecimento social do ano

3 — A maior parada de elegância sulamericana

4 — O lançamento da moda de verão no Brasil

5 — O atestado do progresso da indústria nacional

O momento mais alto da grande festa foi quando o Prefeito Negrao de Lima colocou a faixa de Miss Elegante Bangu-1956 na srta. Maria Sônia Araújo.

As srtas. Glorinha Drummond, Zaida Saldanha Ana Maria Freitas 2.º, 3.º, e 4.º lugares, posam com alguns presentes ilustres.

Dia 6 de outubro. Todo o Rio pára. As atenções do Brasil inteiro se voltam para o Grande Desfile Final Bangu. Nos meios políticos, diplomáticos, industriais e comerciais, nas rodas do "society", nos bate-papos das esquinas — todos queriam saber quem seria Miss Elegante Bangu de 1956. Era a apoteose da moda do algodão brasileiro. O orgulho da indústria nacional. A certeza de que o Rio acompanha Paris na moda mundial. E, principalmente para mim, era o maior acontecimento social do ano, numa noite em benefício da Pequena Cruzada, patrocinada por "O Globo"

Cheguei ao Copacabana-Palace mais cedo que em qualquer outra ocasião. Sentia-me um anfitrião, de tal forma a festa e os seus propósitos se identificavam com o colunismo social. Havia sido reservada a mim a responsabilidade de uma série de detalhes. Estava mais do que nunca integrado com a maravilhosa equipe da Bangu. O colosso do Copa começava a ficar pequeno à medida que os convidados chegavam. A sua decoração, uma das mais "kar" de que me lembro, até hoje, ter visto naquele lugar mais elegante do Brasil, impressionava sobremodo. Mais um grande passo, talvez o maior, seria dado pela indústria nacional dentro da civilização e do progressso dêste país.

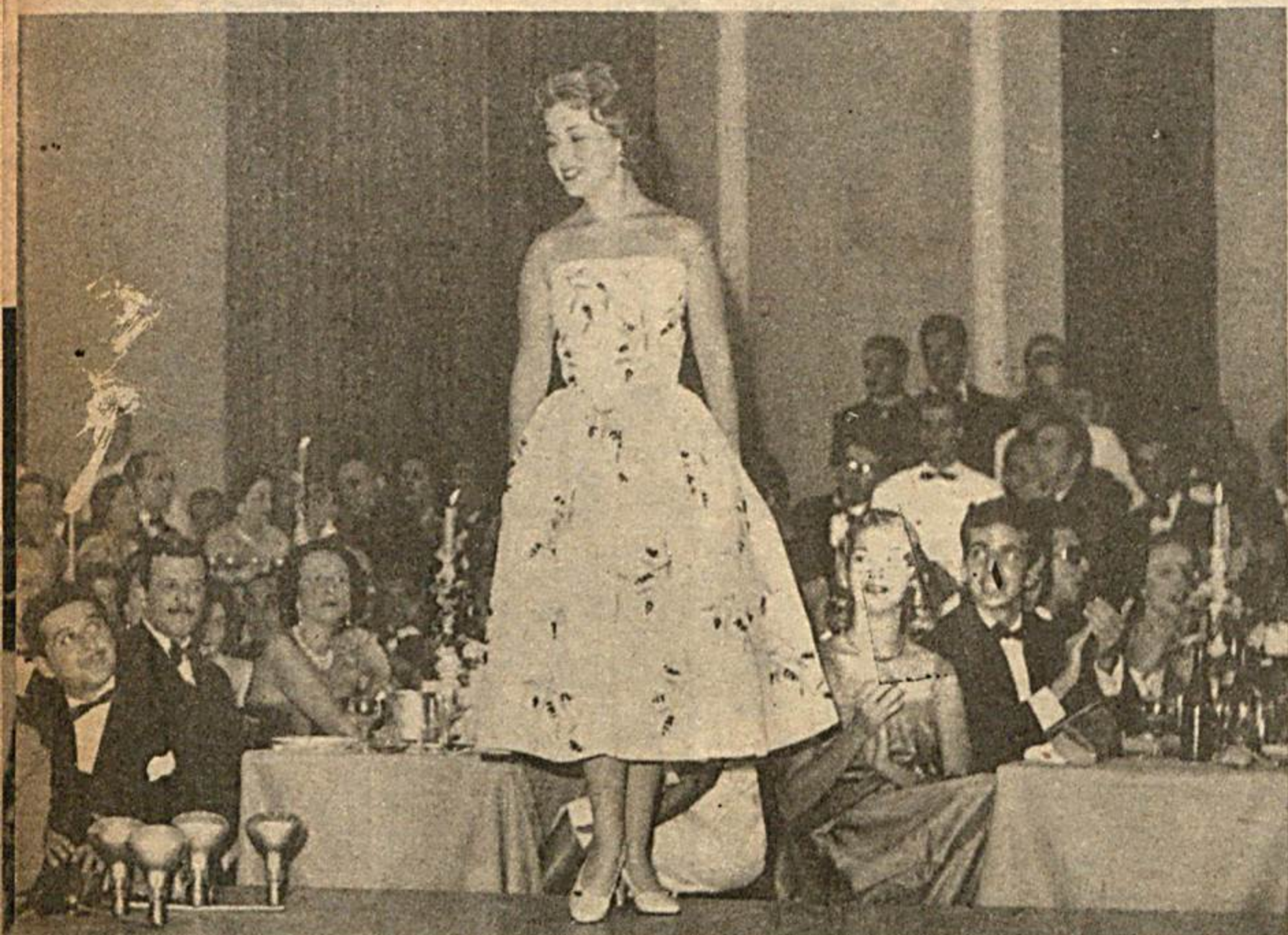
Teve comêço o desfile. Cinqüenta e seis elegantes com cento e dois modelos (noite e dia) criados por José Ronaldo, exclusivamente para a ocasião. Foi uma orgia de côres, um não acabar de tecidos, padrões e acessórios. No vaivém incessante da passarela, a elegância, a graça e a beleza da mulher brasileira, ali tão bem representadas, colaboravam na maior parada de elegância da América do Sul. Foi nesse momento que "realizei": aquêle espetáculo era muito mais ainda. Era o lançamento da moda de verão no Brasil! Com muito mais beleza, arte e organização do que em qualquer lançamento europeu. Eram os novos estampados Bangu.

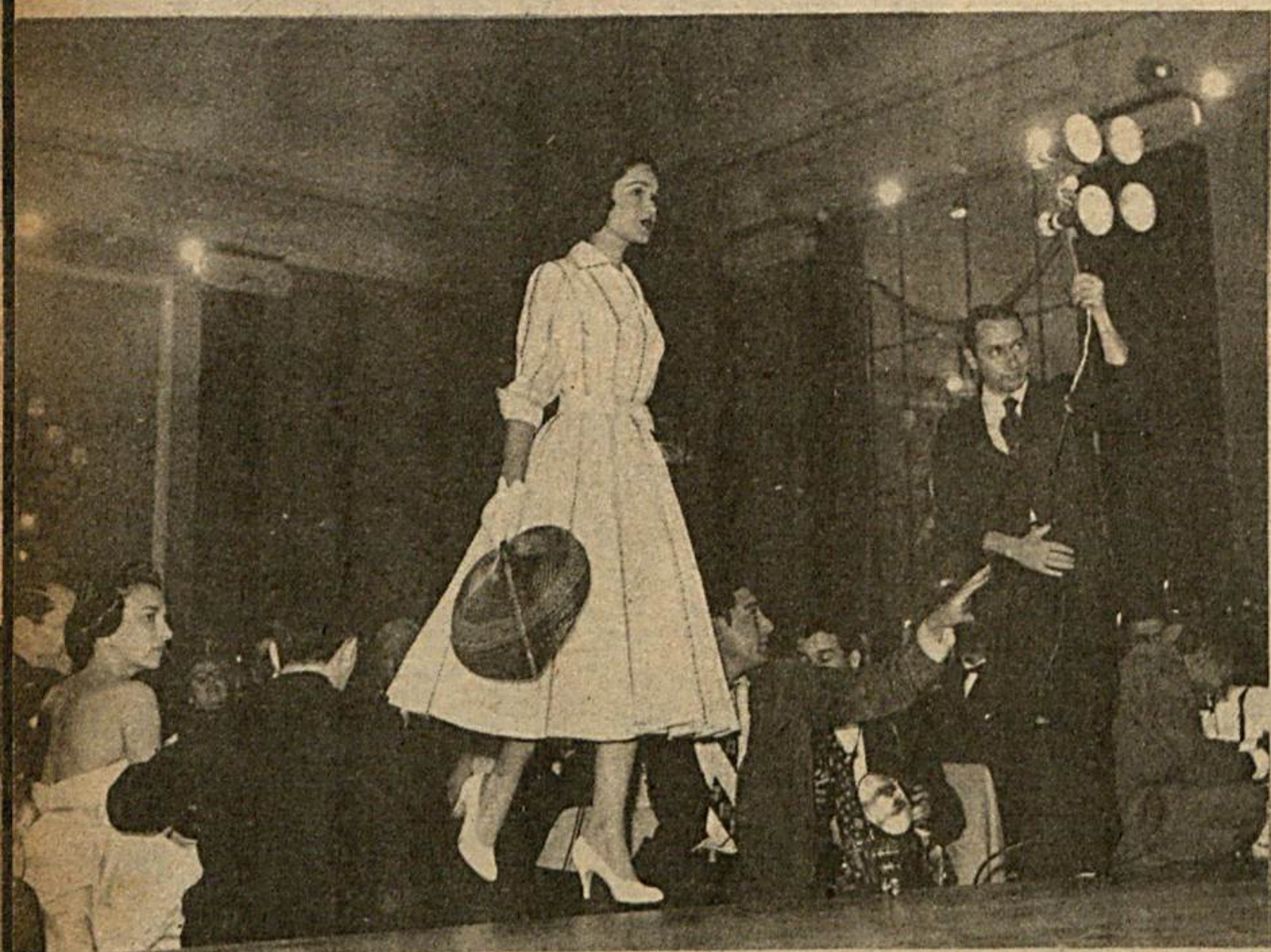
Compreendi que estávamos penetrando fundo em um novo surto de progresso, civilização e idealismo. Sòmente por idealismo, sem medir esforços, poderia ser levada a efeito uma festa daquela magnitude, com tanto sucesso e provocando o sentimento de brasilidade que nos levava a todo instante a confiar, mais e mais, no futuro do Brasil.

Para mim, o dia 6 de outubro marcou uma época. Será inesquecível.

Fotos de Gervásio Batista e Armando Rozário

Em cima, flagrante da elegante assistência, vendo-se o Príncipe Dom Pedro, a Embaixatriz Yolanda Melo Franco, a Princesa Dona Fátima e a sra. Roberto Marinho. Em baixo, outro aspecto do público que estêve presente ao maior acontecimento social do ano, nos salões do Copacabana-Palace, prestigiado por tôda a alta sociedade brasileira.

Elegantes de todo o Brasil na passarela do Copacabana lançaram os novos estampados Bangu

ROSALY BLOCH desfilou num elegante modêlo de J. Ronaldo em organdi permanente.

DENISE CHIANELI apresentou um modêlo em organdi permanente estampado azul.

LIA DALVA FREDERIK desfilou com um modêlo em cambraia branca e plissada

MARIA APARECIDA SAMPAIO, em setim de algodão estampado, para verão.

ANA MARIA FREITAS num belo modêlo em organdi permanente branco bordado.

MARIA DA GRAÇA BONNA desfila com um modêlo em popeline estampada.

SANDRA MARTINS REIS num modêlo em tafetá de coton, com desenhos mosaicos.

LIANE NASCIMENTO apresentou um tafetá de coton, com desenhos vermelhos.

MIRTES BERGAMATHI com um vestido em fustão bordado em flôres rosas.

IONE BARBIERI, na passarela do Copa, desfila com um modêlo em organdi estampado.

MARIA APARECIDA DUARTE DE CAMARGO, vestida em gorgorão estampado.

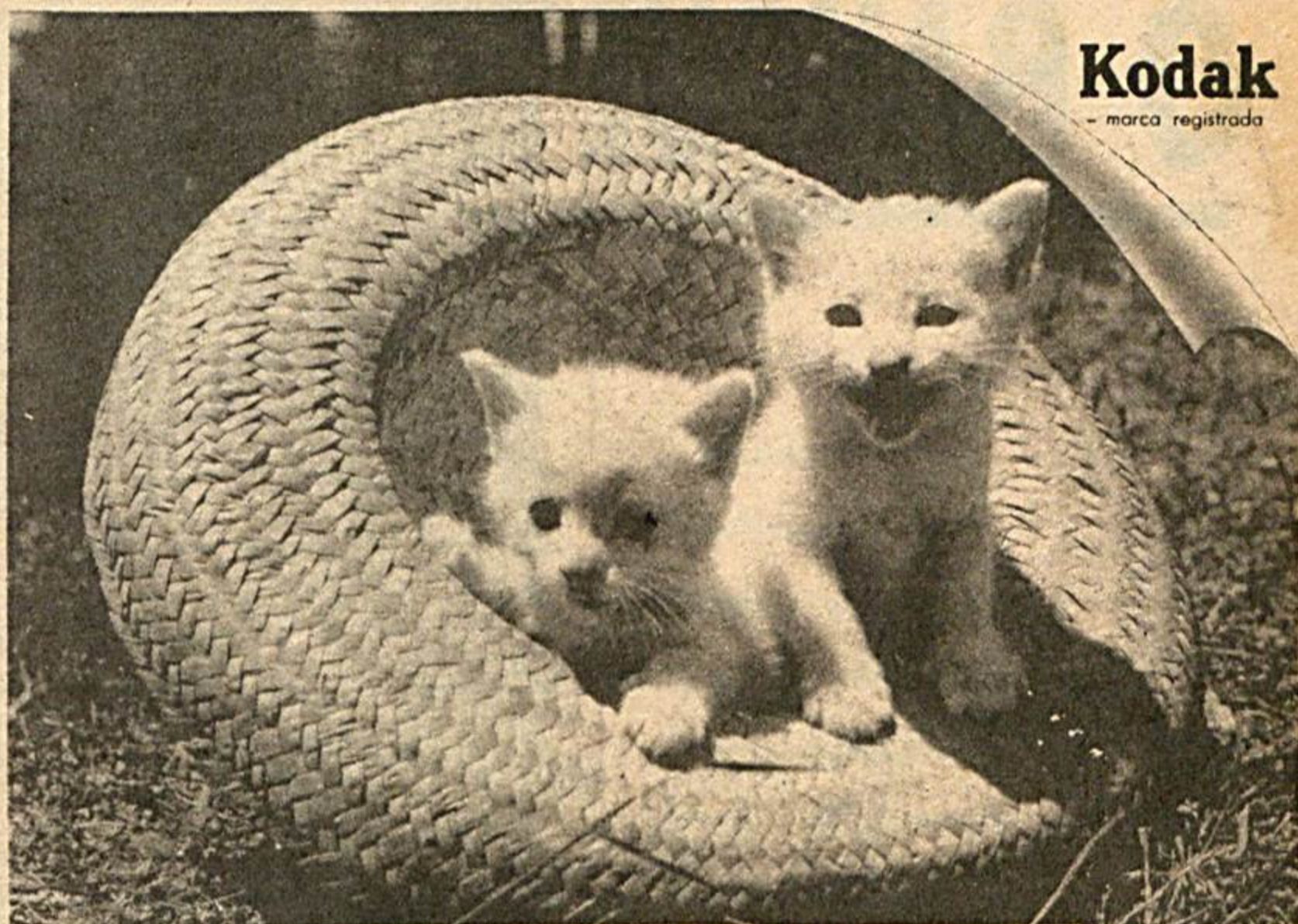
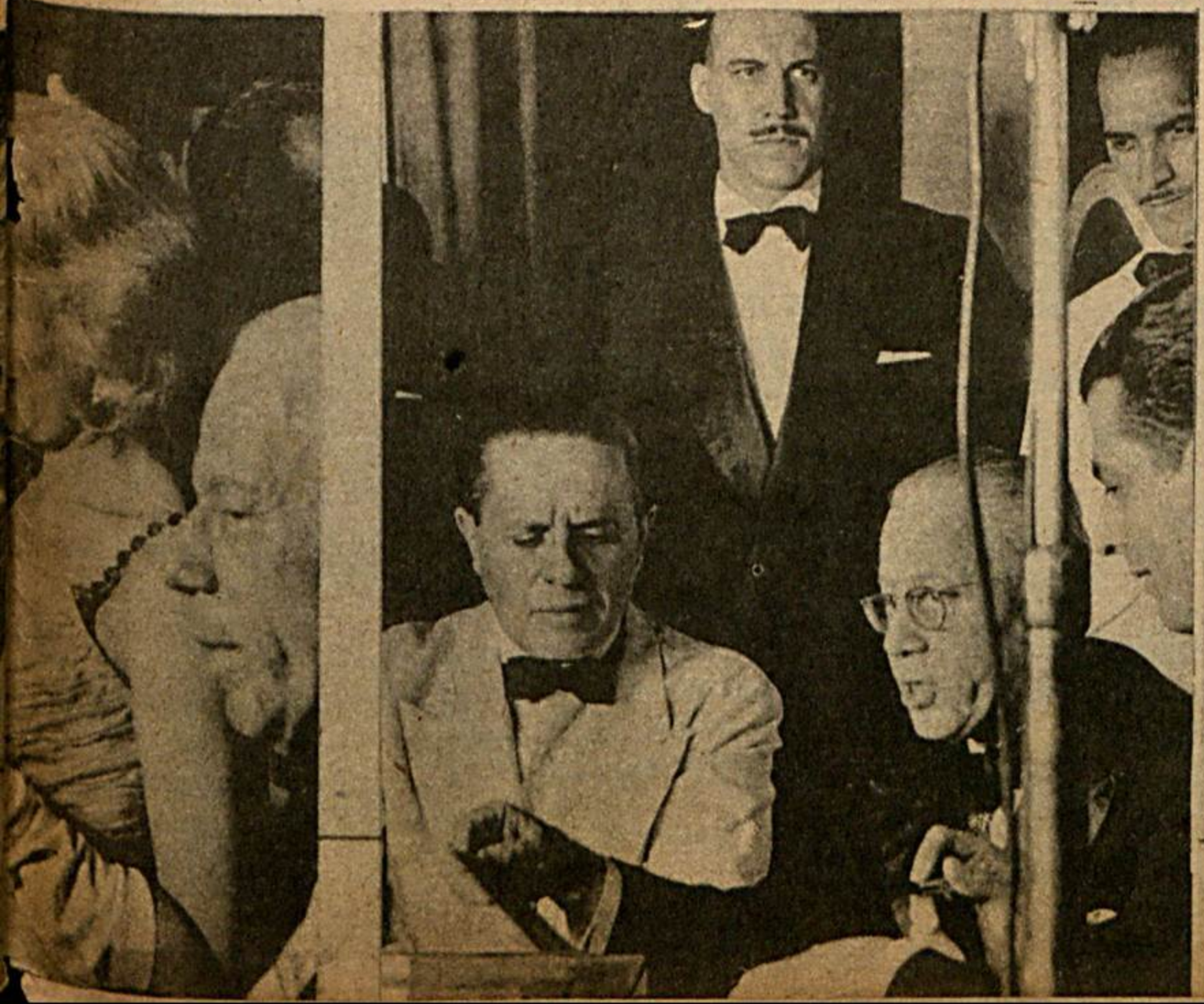
VERA FINKENAUER com um vestido em popeline estampada, branca e azul.

Desfile Bangu *(conclusão)*

A senhorita Huta Roja Barretos, do Ceará,

Dom Pedro coloca a faixa em Glorinha

…em que merecia uma colocação... Desfilou com uma das belas criações de J. Ronaldo.

Drummond (2.º). Moses, Joaquim G. da Silveira e Ibrahim Sued, na apuração.

Assinaturas de Manchete

OS pedidos de assinaturas de MANCHETE devem ser endereçados à Agência de Propaganda e Comércio Interestadual (APCI) — Rua Evaristo da Veiga, 35, conjunto 1.106 — Rio de Janeiro. Assinatura Anual Cr$ 400,00 — Assinatura Semestral Cr$ 200,00 (porte simples). As importâncias, para pagamento, devem ser remetidas em cheque ou vale postal. Os números atrasados, poderão ser igualmente solicitados ao mesmo departamento.

O BANQUETE

Bojalo